



*Malongui Paulo Pedro*

*Além Da Veú Da Morte*

*O Amor Entre Dois Mundos*



# ALÉM DO VÉU DA MORTE

Malongui Paulo Pedro

# ALÉM DO VÉU DA MORTE

Malongui Paulo Pedro

Copyright by Malongui Paulo Pedro, 2022

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem a autorização expressa do autor. Todos os direitos estão reservados.

# Dedicatória

À minha querida e amada menina Vanessa Luemba, a principal  
razão do meu despertar.

# O AMOR ENTRE DOIS MUNDOS

## “As 20 Histórias de Amor”

- (1). O BEIJO, UMA ARMA MORTÍFERA!
- (2). O PÁSSARO AZUL!
- (3). A SOMA DE TODOS MALES!
- (4). O DIA QUE NEM TODOS ANOS TÊM!
- (5). O BERÇÁRIO DE BOAS IDEIAS!
- (6). ALÉM DO VÉU DA MORTE!**
- (7). O SUSPIRO DE UMA MULHER!
- (8). O VENTO DO NADA!

**Malongui Paulo Pedro**

Luanda / Fevereiro 2022

# ALÉM DO VÉU DA MORTE

Malongui Paulo Pedro

## Índice

<b>Capítulo I – A solidão se apaixonou por mim.....</b>	<b>2</b>
<b>Capítulo II – Além dos limites do amor .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo III – O anjo na perdição amorosa .....</b>	<b>24</b>
<b>Capítulo IV – 60 segundos no amor.....</b>	<b>36</b>
<b>Capítulo V – A sorte no fim da jornada .....</b>	<b>46</b>
<b>Capítulo VI – Regurgitação de nódoas negras .....</b>	<b>58</b>
<b>Capítulo VII – Enquanto houver o amor .....</b>	<b>70</b>
<b>Capítulo VIII – Sombras da escuridão amorosa .....</b>	<b>82</b>
<b>Capítulo IX – As rédeas da vida .....</b>	<b>93</b>
<b>Capítulo X – A encarnação do mal .....</b>	<b>105</b>
<b>Capítulo XI – O longo sono da morte.....</b>	<b>117</b>
<b>Capítulo XII – A última noitada romanceada .....</b>	<b>129</b>
<b>Capítulo XIII – O amor à moda antiga .....</b>	<b>140</b>
<b>Capítulo XIV – A luz amorosa ao amanhecer .....</b>	<b>152</b>
<b>Capítulo XV – Todas as pequenas grandes coisas.....</b>	<b>168</b>

## Capítulo I

—

### **A Solidão Se Apaixonou Por Mim**



É crucial celebrar sem uma festa, igualmente é crucial dançar sem nenhuma música, mas a Vilhana, a Vanessa e o Nketyah não podiam, de jeito nenhum evitá-lo, portanto estes festejaram sem uma festa monumental, bem como estes dançaram sem uma música ambígua ao ar do vento do tempo. Além de mais, tudo começou quando a Vanessa foi colocar a sua bancada de cosméticos em frente da casa dos pais da Vilhana, apesar desta bancada ser posta no lado oposto da rua. Aliás, parece que tudo começou quando a própria Vilhana fez a vendedora Vanessa da sua amiga. De uma forma, tudo começou quando a Vilhana fez costume ir à bancada da Vanessa todas as vezes que se preparava para sair. De outra forma, tudo começou quando o Nketyah viu a Vilhana pela primeira vez...

Era uma vez, numa destas vezes, tudo começou...

- “Vanessa, veja ainda esta calça preta com isto... acompanha com a maquiagem que me vendeste ainda ontem... está apresentável?”

A pergunta tinha sido feita com o amor, embora que a dona da mesma pergunta, a Vilhana não soubesse o que era o amor. Este amor, ela via nos olhos da Vanessa a frente dela. O facto que deixou-a lisonjeada no sentido lato do termo. Com tudo exposto, ela esperava que a outra fizesse o que já vinha fazer, a apreciação e correcção em certos pontos da maquiagem efectuado, porém tudo era diferente naquele dia. Nessora, ela lisonjeada rendeu-se à crítica abrupta da Vanessa que argumentou o seguinte, de maneira delirada:

- “O meu irmão gostou imenso de ti, Vilhana...”
- “O teu irmão... gostou... de mim?”
- “Não, Ana... gostou imenso de... ti.” A Vanessa acrescentou após a pergunta da Vilhana que envergonhadamente e com a mão canhota na nuca perguntou-lhe:

- “Aquele irmão, de tanto, falas? Aquele que te chama de “Vick”...”
- “Este mesmo... o meu único irmão, o Nketyah.” Alegou-lhe a Vanessa suavemente. Seguidamente, a Vilhana soltou-lhe a razão com a palra incólume:
- “Mas, eu e tu ficamos amicíssimas.”
- “Ele está a se licenciar e também trabalha... no aeroporto.”

Sem nenhum jeito, a Vilhana ficara após a tagarela da Vanessa. Dado que ela não estava a perceber a outra que estava nitidamente vendendo-a ao seu próprio irmão, já que de acordo as leis naturais: “uma amiga não pode namorar com o irmão da outra”, porque isto implica inúmeros desafios. Assim como a melodia da música não mente. Sem argumentos, a Vilhana se limitou a ouvir, pese embora não era exactamente o que desejava ouvir quando pensou lá ir:

- “Quê expressão facial é esta, Vilhana? Já dei-lhe o teu número de telefone... antes de ontem...”

“Devo ligar a bomba do meu telefone, há duas semanas que não consegue manter-se ligado por mais de uma hora, logo desligado é o seu estado normal.” Pensava a Vilhana, entremente ouvia a outra por detrás da bancada de cosméticos. Fez-se um silêncio na sua conversa, por conta de um cliente que esteve a observar a mercadoria. Contudo, a Vilhana via que a sua amiga desejava a guerra, já ela estava mais interessada em dar-lhe a paz, em contramão, a Vanessa ainda não tinha terminado a sua parola módica:

- “Eis também o seu contacto. Mas, enviei-to antes de ontem com o nome e tudo... Ana. Eu gosto muito de ti e, de igual modo gosto dele, por conseguinte estou a tentar unir duas pessoas que mais amo no mundo...”

- “Eu não o conheço, Vanessa. E, nunca o vi... na minha vida.” Reivindicou a Vilhana usando uma voz miúda e tom meio longo, portanto, a outra lhe corrigiu:
- “Já viste-o três vezes... aqui na minha bancada.”
- “Sejamos sinceras, tu nunca me apresentaste-o... esse... o teu irmão. Todas vezes, foi... “aquele que estava aqui é meu irmão”, já pra mim, não passava de um cliente teu...” De tom rápido calmo a Vilhana respondeu à Vanessa que pergunta:
- “Porquê não vês isto como mais um rapaz a conhecer, caso não chegas a gostar dele? Quantos contactos, tens no teu telefone. Mais um, que diferença faria?”

Nenhuma diferença faria certamente, pelo motivo da Vilhana conhecer um jovem por semana. Se calhar, essa diferença se notaria na memória do seu telefone sucata. Ainda assim, ela fechara os seus olhos quando, mais tarde ligava-o, o telefone. Consequentemente não importava a bateria posta naquele telefone, o mesmo ficava apenas ligado por trinta minutos, depois se desligava, por causa da respectiva quentura. Posteriormente voltava a ligar-se com a mão de um deus, ou seja com a baixa temperatura.

- “Vou justamente agora abrir o caminho para o futuro.”

Monologou a Vilhana, em voz baixinha, enquanto pegava a sua mochila para escola ir. Tendo passado horas, ela acabava de sair da escola para paragem esperando por sua amiga da infância, de nome “Lola”, conforme era carinhosamente chamada ou era apenas o seu nome artístico, conforme da Vilhana era a “Ana”. Aproximadamente uma hora, a sua amiga chegava com o seu carro na mesma paragem. Com a janela semiaberta, a Vilhana lhe diz, de maneira resmungada:

- “Elsa, são horas de chegares? Juro-te que estava preste a apanhar o meu táxi para o Rocha.”

- “Entra rápida antes que o vento do Primeiro de Maio me invada o bom carro que tenho, Ana!”

Com a ordem, ela entrou, em seguida se instalou no assento. Com a olhadela da amiga Elsa, a Vilhana sentou quietinha sem estrondo nem olhava mais a cara da amiga. Com o arranque do carro, ela apercebeu-se que algo exótico estava no ar fresco daquele carro, logo escolheu nada dizer nem perguntar o dragão adormecido. Provavelmente não era assim tão necessário, posto que o seu olho já tinha-se cruzado com o do diabo, então ouviu igualmente a sua voz dizendo-lhe, sem brusquidão:

- “Olha, menina... reflectimos as quatro, voltamos a reflectir, concluímos tirar-te do grupo. Temos todas as cinco basicamente a mesma idade, mas tu és a única que não estás na universidade e talvez ajudava-nos se, ao menos estivesse no último ano do ensino médio, mas andas na décima classe... então, foste removida do grupo coral, Ana...”
- “Vós não podeis tirar-me do grupo que criei, Lola... Tu, no mínimo sabes a minha história académica...” Refutou a Vilhana, a seguir. Cortada a palavra pela Elsa:
- “...Aliás, nem um telefone em condições tens, Ana...”
- “...Então, as boleias que me tens dado de escola para casa é justamente para eu, por minha vez poupar valores monetários do táxi que a minha mãe me tem dado, a fim de comprar um novo telefone. Vós não me tirais do grupo coral justamente agora que passaremos a ganhar valores cantando nos coros.”

As luzes enoveladas pedidas não se faziam sentir naquele carro, nem naquele reta estrada, nem na cidade de Kianda, apenas mais um sofrimento vindouro. Assim sendo, a Vilhana morria de desejo de fechar os seus olhos mais uma vez, mas, do outro lado sabia que caso os fechasse resultaria em derrame de lágrimas. Então, de forma firme e serena, disse-lhe a Vilhana:

- “Não percebo como me censuras por falta da frequência universitária e do telefone, Lola... A Rosa, a Aline e a Carla não, mas tu, sabes melhor do que ninguém que o canto é a única coisa que tenho... nesta vida, embora não sendo melhor ou equiparada a vós as três.”
- “Não foi uma decisão só minha mas do grupo todo. Tenta culpar a tua própria vida, Ana. Tudo nela está mal, além das cenas citadas, és a única que nenhum namorado tem no grupo. Se não podemos censurar-te por tudo levantado, e o namorado? E, não me diga nada, temos todas... 21 anos de idade...” A Elsa falava do namorado, ao mesmo tempo, a Vilhana recebia uma mensagem telefónica com o teor: “Olá” do teu admirador meio secreto”. A seguir, respondia a sua melhor amiga e, a referida palra servia também ao “admirador secreto”:
- “Não deve-se ter química amorosa inicialmente para tal, menina Elsa? Estás a julgar-me de algo cuja pouca sorte tenho. Isto é entre o assassino e a sua arma. Queres encontrar a “arma” do assassino sem identificar o “assassino”, primeiramente...”
- “Podes até desvendar isso, mas o grupo já não se chama “pé do pano”, doravante é chamado “Rocharas universitárias”...” Mãos firmes no volante, a Elsa acrescentou à Vilhana que exclamou perguntando igualmente, de olho no ecrã:
  - “Rocharas universitárias”?
  - “...Como vês, em nada mais encachas...”
  - “Eu sou a precursora deste grupo coral, Lola...”
  - “No cockpit da aeronave, o assento do copiloto fica legitimamente ao lado do assento do piloto, mas ambos têm uma vista surpreendentemente dissemelhante.”

“Que isto não seja o fim, onde há dinheiro não há confiança nem honestidade. Se forçadamente dou por perdida a música, pelo menos posso conservar a amizade delas. Quem sabe? Poderão

estar a convidar-me com bilhete gratuito a concertos contractados.” Reflectia a Vilhana assim que digerira as informações para sua sobrevivência. Ela pensou e pensou até a cabeça lhe doer dentro do carro, simplesmente era algo que já se tornara num seu modo de viver. Porém, no momento em que a Vilhana fechava mesmo os seus olhos, a Elsa dizia em conformidade com o combino:

- “...Agora, a Rosa é que está no comando do grupo.”
- “Canto desde então, a música não é o que faço mas o que sou. Tirando-me isso é como se estivesseis a pedir-me suicidar-me, Lola...” De cara virada para o céu, contendo lágrimas, a Vilhana elucidou-lhe meigamente mas teve o contra-ataque:
- “Não serias a primeira pessoa no planeta a se suicidar, Ana.”

“Pois não?” Pensou a Vilhana que entendera que nada podia fazer para dissuadir a sua amiga, senão aceitar a sua doce derrota. Para que conste, a dor do peito dela naquele preciso momento não era tão forte como se pode imaginar, porque o cenário que estava-lhe acontecendo era normal no seu mundo, desde o seu infântario. Uma última preocupação, ela tinha no meio daquela dor de cabeça, uma mera dúvida meada em pedido e em proposta, pois então verbalizou-a faseadamente:

- “Pare o teu carro, Lola... por favor! Vou ficar justamente aqui.”
- “Por quê? Ainda estamos na Fapa, devo despejá-la na Moagem...”

A Elsa contestava parando ao mesmo instante o seu carro. Em fracção de segundos, o carro estava estacionado numa zona proibida da Fapa. Além de mais, o tal carro não se encontrava bem estacionado, ainda assim a Vilhana tinha aberto a porta do seu lado do assento. Finalmente ela estava fora daquele carro e

com a porta ainda aberta segurando com a sua mão destra, daí disse-lhe ela ternamente com o timbre do após choro:

- “Deixa-me ficar aqui. Com este sacrifício, em troca não deixes “ser a minha amiga”... que sempre foste.”
- “Não sei se será melhor, acho que ficarmos por aqui, consoante a decisão do grupo... é mais-valia... mas, não prometo nada, mas vou pensar no assunto.”

A Elsa enterrou de igual modo aquela amizade com a Vilhana que nada mais tinha para oferecer. Nem naquele coro de suporta, uma vez que nem a voz era distinguível aos demais no grupo. Nem o seu sacrifício, de descer na Fapa com desígnio de ir marchando a pé até ao Rocha, era tido ou achado. “Quando uma alma morre tudo morre consigo. Ainda tenho o ensino médio a concluir...” Pensou a Vilhana, ao mesmo minuto o seu telefone sucata recebia uma mensagem do admirador secreto, o irmão da Vanessa: “Olá Vilhana, sou o Nketyah, a Vanessa é que me deu o teu número, após ter-te visto umas tantas vezes e mataria alguém para conhecer-te. Três vezes, te liguei, o teu telefone não passa. Três vezes, nas minhas folgas fui lá visitar-te na bancada da Vanessa e tu, por uma razão não estavas em casa. E, esta mensagem é a terceira vez que a mando. Quem eu mato para receber o teu “oi”?”

- “Depois de me conheceres saberás que nem mosca serve para matares por mim. Para isto ser verdade, mando-te este “oi”, exactamente agora.”

“Oi” estava tecido no telefone preste a se desligar e rapidamente enviado. Sem o amor no coração, nem ódio na caixa do coração nem a mágoa em nenhuma parte dos dois, a Vilhana apanhou um táxi, ao invés de caminhar a pé, após ter monologado. Dado que nada mais adiantava poupar o valor do táxi, se no dia seguinte não teria a mesma boleia. O dinheiro a ganhar cegaram as suas amigas cantoras. “Obrigado por alegrar o meu longo dia, Vilhana.” A sms

do Nketyah que após a leitura por parte da Vilhana, o telefone foi-se abaixo.

- “Daqui a 40 minutos, te mandarei uma resposta típica... Irmão da Vick...”

A natureza geralmente detesta o vazio, a volta das 20h, a menina Vilhana ligou novamente o seu telefone sucata, tendo-se esquecido do Nketyah por completo, logo este acusou a recepção de uma outra sms do mesmo Nketyah com o teor: “Após o teu “oi” senti-me leve e livre de amar. O “oi” este que diz-me o quanto é maravilhoso conhecer-te, Vilhana. Portanto, após este “oi” não andei amuado outra vez. Nketyah Pedro Mvuvi, o meu nome completo.” Riu-se a Vilhana que na altura em que tecia a resposta típica, o seu pai também entrava sem sequer pedir a permissão no seu quarto: “Nketyah, sou a Vilhana Cizola Muxima Mbande, a primeira filha dos meus queridos pais. A tua mensagem foi enviada num momento em que perdia a minha melhor amiga, por conta de um bem matéria. Sorri em vez doutro, sorri no meio do choro.”

- “Ouve avozinha, a tia Rebeca vai ficar uns dias connosco, com os seus filhos. Então será alojada neste quarto e tu... vais ajeitar-te na despesa...” Disse-lhe o senhor Maziku, o seu pai, com uma suave voz. De igual jeito, a Vilhana se levantava respondendo-lhe, mas como sempre evitando o contacto visual com ele:
- “Papá, se ela veio com filhos, o quarto da Dorca é maior do que este. Mais, a mamã me tinha dito que nada nem ninguém mais me moveria daqui...”
- “Eu é que mando nessa casa, miúda... eu digo para a despesa... é para despesa onde pararás. A Rebeca fica aqui. Ponto final...” Em berros, o senhor Maziku dizia-lhe aquilo. Do lado oposto, a mensagem no telefone sucata: “Fico duplamente contente, Vilhana, sendo a primeira, por te fazer feliz, nem que seja só por um



instante, segundo, por finalmente ter-te conhecido e a tua bela vida também.”

Por algo exótico, a Vilhana soltou um mero sorriso após ter lido rapidamente a mesma, de forma camuflada. Por consequência, ela ficara radiante em vez de estar triste ou nervosa contra o seu pai, por conta da deslocação súbita de quartos. Por um momento extravagante, o senhor Maziku não estava interessado ir-se embora daquele quarto, contra atitude fulgente da sua filha.

Por haveres excêntricos, ela fingiu arrumar as suas roupas para ir instalar-se na despesa da casa. De costas ao papá, ela mandava a resposta atípica ao Nketyah, na mesma via: “Por favor, não entusiasmas mui com a minha vida, irmão da Vanessa. Pois ela não é lá grande coisa. Por exemplo, estou a ser desalojada do quarto pela segunda vez. A primeira, os meus pais deram o meu quarto à minha menor irmã alegando que merecia um espaço maior, contrário de mim. Neste momento, estão novamente me tirando para despesa, alegando que a minha tia merece o meu quarto por uns dias, que ninguém sabe quando, porque esta tem consigo dois filhos pequenos.”

– “Que lisonjeador!”

Pensou alto o senhor Maziku que se sentiu a mais naquele quarto, seguidamente se retirava de lá. Com a velocidade da luz, a Vilhana recebia a sua resposta do Nketyah: “Porquê não faças confusão em torno disso?” De imediato, ela sorriu mais uma vez, logo interessada ficara em conhecer o tal irmão. Posteriormente ela monologou antes de mandar igualmente uma com o teor: “Ultimamente me comportava imensamente bem, com intuito de passar de pior filha a uma “boa”, a obediente de todos que os meus pais têm. Tudo isto fazia um plano mestre que no final me daria a anuência de passar a chegar, de forma ocasional, às horas demasiadas tardias à casa, por conta de coros. Entretanto eu fazia parte dum grupo de vozes femininas de coro. Então, não tive

novamente tempo a reação ignóbil graças a tua mensagem que me deixou lisonjeada.”

- “Às minhas amigas que, dei o litro de sangue, lacram a minha carta da passagem de uma vida a outra. Deixando-me sem manobras volúveis...”

## Capítulo II

—

### Além Dos Limites Do Amor

Uma noite aconchegada não alterou as aspirações do Nketyah que mandara uma sms à Vilhana bem cedo no dia seguinte: “Bom dia, minha beleza, que esta mensagem te fulge o dia, ao ponto de ser o melhor do que o teu anterior.” Logo a seguir, a Vilhana soliloquiava levantando do péssimo sítio onde estava instalada a dormir, entretanto, na mesma altura também enviava a sua resposta íngreme: “Bom dia, estranho! Que mensagem quão madrugadora! Cuja melodia quase acordou os demais aqui, em casa...”:

- “Peço-te perdão não ter respondido a tua sms de “feliz noite”, ontem. O meu telefone se tinha ido embora...”

Não terminara o monólogo, recebera um outro do Nketyah: “Desculpa, a Vanessa me tinha informado que, por hábito acordas muitíssimo cedo. Por isso, tomei a ousadia de mandar, procurando ser o primeiro a te enviar uma mensagem de “bom dia”, hoje, Vilhana.” Imediatamente, a Vilhana estava preocupada com a cor do amor, algo desconhecido por ela. Porém, os pássaros matinais cantaram mais alto na expansão céu, ao ponto de dar-lhe uma força de teclar o seguinte teor: “Nketyah, tu me viste três vezes, mas, a pura verdade é que eu nunca vi-te na vida, isso é tão injusto. Em cada vez que me viste nunca fomos apresentados quer formalmente quer informalmente, logo para minha mente não passas de um mero cliente da Vanessa. Apesar de ter ouvido falar imenso de ti e, muitíssimo bem pela tua irmã que carinhosamente chamas de “Vick”...”

- “Bom dia, avozinha!”
- “Bom... dia, mamã...”

Tendo a Vilhana respondido a saudação da senhora Vissolela, a sua mãe que aguardou quaisquer contestações por parte da filha, em função do sítio indicado a dormir. No entanto, ela, a filha estava nas nuvens lutando com a sua fraca memória, com intuito de lembrar, pelo menos uma das vezes que vira o irmão da amiga

Vanessa. Desta parte, a senhora Vissolela simplesmente não reconhecia a filha, contudo uma mãe é sempre uma mãe, então desvendou o tal princípio numa questão revigorada:

- “Tinhas um pedido a nos fazer, Avozinha... qual era, ainda?”
- “Nada a pedir, sem desejo de me opor...”

“Objectar mais para quê? Aqui está mais do que claro que em cada decisão a tomar, sou a sacrificada, mamã. A razão embelezada nesse comportamento já se foi também. As meninas roubaram-na, sem intenção de devolver os meus anos de vida” Deduzia a Vilhana, ao mesmo tempo, o Nketyah mandava a sua réplica maviosa: “Sem crise nenhuma, tenho um rosto oval, queixo meio longo, de olhos castanhos e finos. Olha, algo bem forte que possa lembrar-te de mim, tenho um cravo preto acima da sobrancelha do olho esquerdo e o meu nariz é ligeiramente aquilino. Não acho que os meus lábios cheios fariam alguma diferença, mas também tenho um grosso pescoço. O que me dizes, Vilhana?” De igual período em que dava uma olhadela no ecrã do seu telefone, a sua mãe lhe dizia vagamente:

- “O pedido, a razão deste teu repentino bom comportamento.”
- “A senhora tem a certeza que é mesmo minha mãe?” A senhora Vissolela foi respondida com uma pergunta cálida pela Vilhana, logo então o tom dela alterou:
- “Quê linguagem é essa, miúda? Vê como falas comigo...”
- “Prometeu-me não tirar do pequeno quarto, agora durmo na despesa, enquanto a menor dorme no meu antigo grande quarto...”

Disse-lhe a Vilhana que avançava à sala de estar, de modo pensativo. Dado que a sua mente lhe era pérfida quanto ao moço com quem se deparou por três vezes na bancada da sua amiga. Consequência disso, nada se lembrava ela. Todavia, em via de

regra, a Vilhana não reparava as pessoas, tanto mulheres como homens, por causa das lacunas, ou melhor as vazias que tinha a sua vida, segundo ela própria. A propósito, quando olha para onde havia deixado a senhora Vissolela, vira uma aparência estranha, mas ignorou-a com sucesso e, antes de começar as tarefas domésticas tivera tecido esta mensagem ao Nketyah: “Tenho uma vaga memória de ti, nem com as descrições únicas, me lembro de ti. Talvez nos vendo novamente...”.

- “Boa tarde cunhada!” A Vanessa cumprimentou à Vilhana, mal esta saiu fora do quintal com o destino a escola. De imediato, a Vilhana riu-se, logo respondia o insulto insólito, de forma reinada e, também se dirigia à bancada da Vanessa:
- “Vick, já estás a espremer o sangue da pedra.”
- “Cunhada, o Nketyah está tão caidinho por ti. Tão caidinho que não me deixa em paz... sobre a tua pessoa... cunhada Ana.”
- “Estás a vender-me o “gato” no saco, pois não conheço nem nunca vi o teu irmão... embora tenha ele uma forma delicada aos aconchegos...” Elucidou elogiando a Vilhana, naturalmente a outra disse enquanto entregava algo a um cliente que acabava de pagar um dos seu produtos na bancada:
- “Ele quer ver-te, cunhada Ana.”
- “Me disse antes que o meu telefone se desligar... pretende cá vir amanhã, uma vez que estará de folga no serviço.”
- “Diz-me que ele não é interessante? O mundo não é daltónico, cunhada... Pese embora não te lembras tê-lo visto, conheço-o desde infantário, logo digo-te, tens a pitada de noz que ele quer.”

O dito da Vanessa deixara um silêncio devastador ao clima da conversa entre si. Se bem que o mundo da Vilhana era, de facto

daltónico, mas, em geral o mundo de todos é frio. E, este frio penetrou à alma das duas meninas quando um dos irmãos menores da Vilhana saiu parando no portão do quintal, portanto as duas meninas não podiam mais falar de homens, senão, a Vilhana ir à escola, em razão disso nada diferente se registou, excepto a Vanessa dizendo atrás do andar da outra, em voz extremamente alta:

– “A minha gaja às direitas.”

Aquando do pôr-do-sol, a Vilhana saia da sala de aulas no apito final do sexto tempo escolar. Ela e a Elsa sabiam de cor que aquela boleia não seria mais possível, porque até, a Elsa não tinha dado nenhum feedback quanto ao ponto de continuar com a sua amizade, apesar dos pesares. Na sequência, a Vilhana liga o seu telefone sucata, instantaneamente recebe duas mensagens, a do Nketyah, ela ignorou ler naquele instante, excepto lendo, desse jeito a da Elsa que dizia: “Oi miúda de dente à frente, pensei, reflectir e voltei a pensar, imediatamente vi que não há mais nada para continuamos sendo amigas. Assim só, devemos seguir caminhos oposto em direcção ao “Hall da fama”. Não há nada grande na nossa união...”

– “Não... há nada... de grandeza... na nossa... união!”  
Exclamou monologando a Vilhana no meio de duas colegas de turma, aparentemente muito menores do que ela, logo a seguir, teceu a resposta com as lagrimas cheias nos ambos olhos:

“Já o calculava, Lola. Dias luminosos, é o que eu te desejo.” Sofrer já fazia parte do dicionário da Vilhana ou talvez o termo correcto seria “vocabulário”. Entretanto, ela tocou delicadamente o telefone para ler naquela altura a segunda mensagem que pertencia ao Nketyah, o potencial pretendente, mas, contudo antes de lê-la pensara ela, altamente, ao ponto das duas meninas junto dela ouvirem: “Você seria a coisa doce depois da Elsa Jorge, a minha única “Lola”. No entanto, nem devo ser sua, devido a

minha pouca falta de sorte... Se a sorte existe mesmo...” Então, sobretudo o conteúdo dessa mensagem era:

- “Oi Vilhana, tudo bem contigo, liguei-te umas três vezes e o teu telefone estava desligado. Chegaste de almoço?”

De forma repentina, parara de andar a Vilhana, logo com isso, as outras seguiram adiante e ela, onde ficou tremia com o telefone na mão. Sem ter um dia luminoso ora na sua mente para obtenção da paz interior ora em matérias físicos ao ganho diário da vida, ela entendeu falar para fora a sua vida sem esconder nem ocultar absolutamente nada ao ouvido do Nketyah. Logo com isto, no fim do dia, o irmão da Vanessa se afastaria naturalmente sem ela magoar a sua “Vick”. Na onda se encontrava ela redigindo a resposta típica ao ensaio de más práticas: “Peço perdão, Nketyah, sobre o telefone. Estava na sala de aulas onde faço a décima classe com a metade da turma sendo menor do que eu, em termo de idade, claro. Relativamente ao almoço, os meus pais acham que não tenho a maturidade suficiente para dar-me valores que sobram, portanto sou obrigada a almoçar em casa antes de ir à escola. Só os valores de táxi tenho o direito, rigorosamente.”

- “Na forma que escreves vejo a maturidade em ti, Vilhana.” Respondeu-lhe o Nketyah, porém, algo irritou ligeiramente a Vilhana que voltava a andar. Só que desta feita, sozinha. Seguidamente, ela afastou-lhe com o talador teor seguinte:
- “Não és a minha preocupação, sabes? Gostava mesmo que os meus pais achassem-na. Se orgulham-se também de mim, conforme têm-se orgulhando da minha menor irmã.”
- “Os nossos pais são os deuses da terra, logo têm olho diferente para cada filho que têm. Vais ver que o teu potencial sempre foi fazer coisas grandes, assim esperam de ti. Já a tua irmã, para o olho deles não tem nada de especial, logo tudo que ela faz agradam-lhes. Vivi e cresci



com vários primos, portanto a volta de inúmeros pais, sei de quê te falo, Vilhana.”

– “E tu, almoçaste?”

Se render ao momento era o mais prático para a Vilhana, após a sms do Nketyah que ela leu incrementemente duas vezes aquando daquela caminhada. Então, render-se para combater depois. A resposta da Vilhana era, tanto quanto moroso para vir. Talvez, o Nketyah estivesse a festejar o interesse da menina por ele. Por outro lado, a menina apanhou o seu táxi para o Rocha pinto onde morava com os pais, a mensagem do outro não chegava. A menina desceu do táxi, outrora apanhado a mensagem do outro não era, de nenhuma forma recebida. Antes de marcar um passo, da paragem Moagem para a Rua do Apetece onde morava teceu e, posterior mandou-lhe o seguinte teor: “Como foi o teu dia no trabalho?”

- “Estava a ter um dia leve no serviço até as saudades tuas me consumirem, em tal caso liguei as vezes que te disse, como o telefone não passava deixei de ter um leve para um muitíssimo longo.”
- “Sinto realmente muito por isso, Nketyah. Mas, também não podia ter-te atendido, face ao sítio no qual estava. Não?” Retorqui a Vilhana, à mensagem do Nketyah, de seguir, marcava os passos para casa. Em um segundo, a outra:
- “Gostava imenso ouvir mais um pouco a tua voz, Vilhana. Posso ligar-te agora?”

Este pedido foi tido à Vilhana como um de casamento. Consequentemente todo o seu corpo estava arrepiado. Só se acalmou quando voltou a ler a mesma. Então pensou antes de responder o pedido: “Daqui a nada, o meu lindo telefone irá abaixo para o seu descanso temporalmente. Por este motivo, doente ou saudável, feliz ou infeliz, vivo ou morto, aconteça o que acontecer não podemos falar. Por outra, chegaste de falar

comigo nas vezes em que me viste?” De seguida, sem morosidade nem animosidade, o Nketyah mandou uma outra: “Entrei e participei nas vossas conversas com a Vick, em duas ocasiões, Vilhana. Foi daí que me apaixonei pelos teus lábios, abertura que tens nos dentes e os dois dentes em frente dos outros. Em suma, havia tanto gostado do teu modo de falar.”

- “Os meus dentes de frente, sempre foram objectos de insulto, e não de elogio, sabes? És a primeira pessoa que elogias a minha identidade da naturalidade malanjina. Embora pai seja de Cabinda e eu ter nascido nas poeiras de Luanda. Tinha um plano que afundou ainda ontem antes das trevas, este plano me levaria arrancar um dos dentes da frente.” Tecido e enviado pela Vilhana que de forma nítida sentia a quentura do seu telefone sucata. Para o seu espanto, ele deu-lhe:
- “O dente do lado esquerdo pequeno...”
- “Sim... como raio deste conta disso? Olha, estou em andamento quando assim chegar em casa, darei um sinal para falarmos...”

De novo, a Vilhana estava parada e pensativa, muito antes de entrar em negação parcial, teceu a resposta que no momento em que enviava o seu telefone se ia, de igual modo abaixo. “Devo escrever tudo de negativo da minha vida numa folha e atacar-lhe com tudo isto, de uma vez por todas, já que passaremos na segunda fase do nosso diálogo. A propósito, o que eu não entendo, como a Vanessa deixa-me ter-lhe o amor do irmão, depois de todas as ofensas que vive ouvindo por parte dos meus parentes sobre minha pessoa?” O homem coloca vírgula quando fala mal do outro homem, deixa-se o ponto final ao próprio Deus. A Vilhana chegou em casa e atirou, para Deus dera, a mochila juntamente com o telefone desligado.

- “Queria falar contigo sobre a mudança do quarto e aquilo da manhã... sei que não podia ter-te ofendido depois de

tudo que passaste.” Disse a senhora Vissolela à Vilhana, na varanda da casa e na noite criança do mesmo dia. De susto em susto, a Vilhana respondeu-lhe suavemente enquanto se virava diante dela:

- “Mamã, pra mim está tudo bem, nem tinha ouvido as suas ofensas... o meu corpo já se acostumou nisso. A minha burrice é que me leva a tudo isto... se eu fosse a filha que desejastes ter talvez tudo seria diferente.”

A senhora Vissolela chocada com as palavras amargas da filha, avançou pertinho dela e antes que falasse qualquer coisa, a tia Rebeca sai na varanda onde as duas se encontravam de pé. Em razão disso, a senhora teve que engolir tudo que anteriormente tinha que dizer à filha, a Vilhana que se retirou lentamente com a presença da tia, a irmã do pai dela.

- “Só estás a dar o sinal, agora?”

O Nketyah exclama após a Vilhana ter-lhe dado o tal sinal prometido há cinco horas. A exclamação vinha no seu sentido lato onde o som de exclamar se faz sentir. De imediato, a Vilhana se manteve calada para ouvir o sermão até ao fim, mas, em contrapartida o sermão já tinha conhecido o seu fim há muito tempo. Assim sendo, a linha telefónica continuava em silêncio absoluto, em fracção de segundos, ela apercebeu de que estava tendo espaço para se justificar, brevemente disse-lhe justificando, em modo de exclamação também:

- “Sou mulher, miúdo. Chego encontro imensas tarefas domesticas reservadas a mulher, então desde que as comecei só as terminei exactamente agora.”
- “Disseste-me que tinhas uma irmã menor, Vilhana.” De igual modo, o Nketyah respondeu-lhe, logo parecia que estavam a partilha a sua primeira briga. Em tom de briga, ela acrescentou as justificações seguintes, enquanto isso, ela se isolava:

- “Nas tarefas havia lá também a louça suja do almoço deles, a minha irmã menor é preguiçosa e ninguém vê isto, e, a minha tia... nova... é irmã do pai... não pode fazer o serviço aqui pois é a rainha... Ela faz quando lhe apetecer, os bakongo... mano.”
- “Não sabia o que fazer, voltei a ligar-te umas três vezes, mas já sabes... eu...”
- “A tua voz ao telefone é linda para micro fone...”

Nenhuma palavra ou frase de engate houve do lado do Nketyah, bem como nenhuma das opções deste lado da Vilhana. Entretanto, a Vilhana se apaixonara pelo Nketyah, se já não estava. Foi então que pensou ela sempre com o telefone sucata na orelha esquerda: “Quanto tempo é preciso para um se apaixonar pelo outro, Vilhana?” Seguidamente, veio a gatinhar a pergunta de engate por parte do macho, o Nketyah:

- “O que gostarias que o teu namorado fizesse, Vilhana?”
- “Nada de especial!” Disse-lhe a Vilhana, com um tom menos especial, portanto o Nketyah insistiu na moeda do limiar da conquista meiga, de maneira deleitável:
- “Se eu fosse o teu namorado, o que mais gostarias que eu fizesse por ti, em particular?”
- “Na verdade das verdades, já estás a fazê-lo... Se preocupando comigo... deixando-me viver em torno de ti e depois de ti.”
- “O teu namorado quer voltar a ver-te. Amanhã, ainda estarei de folga. Na bancada da Vick, é possível?” Insultou-lhe o Nketyah, mas ela, contudo não tinha interpretado o ponto nitidamente, em função disso retorquiou-lhe ela com sorriso:
- “Vivo na porta ao lado, mas as minhas tarefas domésticas findam a volta das 10h e devo estar em marcha às 12h com o destino beber conhecimento da informação do mundo em que nele vivo.”

- “As tuas falas me fascinam muito... pensei que eram apenas as escritas.” O Nketyah elogiou novamente a Vilhana que posteriormente alegou, assim que sentava-se sozinha no escuro distante de todos em casa:
- “Vais ver é da música.”
- “Música!”
- “Dediquei-me esse tempo todo na música que nunca fui lá tão boa. Achei que se apendesse todas as notas seria uma brilhante cantara, mas as minhas amigas me toparam e, posteriormente fui expulsa do grupo coral outrora “pé do pano” ora “Rocharas universitárias”. Feliz noite, Nketyah. Amanhã, às 10h!” Disse-lhe a Vilhana em resposta da sua exclamação, brevemente outro concluiu a noite tida:
- “Sonhos cor-de-rosa, a mulher dos meus sonhos!”

## **Capítulo III**

—

### **O Anjo Na Perdição Amorosa**

A luz do dia seguinte começou com a alegria nos lábios da Vilhana que veria o irmão da Vanessa pela primeira vez. O encontro este que definiria se era um candidato a abaixar a guarda ao amor ou ainda podia esperar por seu “Senhor Certo”. Em função disso, ela fez as suas tarefas domiciliares com o amor e paixão. Todavia, o relógio indicava onze horas, em vez das dez e, por consequência o Nketyah não chegava na bancada da Vanessa conforme o prometido. Por lágrimas de dez mil viúvas, a Vilhana aperaltada sai ter com a Vanessa, enquanto isto pensava ela: “É engraçado como este miniencontro voltou-me à vida... com o desejo puro de viver... almejo seres alguém fora do formato para mim, Nketyah.”

- “Bom dia cunhada!” Cumprimentou-lhe a Vanessa, de igual modo ela retornava:
- “Bom dia Vanessa, se continuares a me chamar assim, isto me trará enormes problemas. Todos perceberão que estou a namorar alguém.”
- “Então, chama-me também de “cunhada”. Desse modo, ninguém saberá quem está a namorar quem...” Inteligentemente a Vanessa lhe situou, então ela disse:
- “Tu, sempre pensas na contra maldade, sempre ao favor dos bons.”
- “E, tu, sempre pensas na maldade, sempre nos resquícios dos maldosos...”
- “Vanessa, eu vivo nos quatro pilares da pura maldade.” Seguidamente, com um solto de sorriso criança, a Vilhana dissuadiu a Vanessa. De pé com a bancada separando-as, a Vanessa lhe ponha as razões naquela cabeça redondinha:
- “Não, Ana... Mentiras! A maldade é que te persegue, mas em ti só há a luz dos dias vitais...”

Sem prejuízo nem precedente, a Vilhana perdeu a sua fala, tanto no âmbito pejorativo como no âmbito positivo, logo o céu fechara-se de tudo conhecido, naquele exacto momento. “O que

há para fazer-se por amor? Ana...” Deduzia a Vanessa, então procurava mentalmente alguma estrutura frásica com uma certa benevolência. Enquanto as duas meninas se perguntavam se o amor existia, se o amor está realmente nos corações dos homens. Na qualidade de quem procura encontra, a Vanessa encontrara-a lindamente:

- “...Namore o meu irmão, ele tem imenso amor que tu realmente precisas.”
- “E, os meus problemas, uma vez que começo a namorá-lo não serão igualmente dele? O teu único querido irmão...” De tom da voz ligeiramente leve, a Vilhana censurava a sua amiga que estava a vendê-la para uma pessoa especial, resposta:
  - “Eu já te disse, menina Ana. Tu não tens nenhum problema. São os problemas causados por outros que te perseguem, na luz do dia e no calar da noite.”
  - “No calar das trevas...”

As duas meninas sabiam que nada disso era a verdade, mas, por uma razão qualquer, as duas resolveram aceitar a face da outra realidade. Aquela decoração de mentiras. Numa mão, provavelmente a Vanessa achara que o “amor” genuíno no coração do seu irmão moldaria a pouca sorte da sua amiga, a pessoa que tem-lhe ajudado manter aquele lugar da bancada. Noutra mão, a Vilhana, nada de errado, via nas conversas tidas com o Nketyah, logo isto podia continuar, desse jeito, até a sua pouca sorte surgir no meio. “Porquê destruir o que não entendemos? Se o peixe morre na água...” Pensou a Vilhana, ganhando aquela fé da convicção pessoal.

- “Oi Noah, nunca mais deixaste os meus tristes olhos verte. Decerto vais colocar-te na posição de vítima... Todos os líderes desta igreja são... vítimas...”



Disse a Vilhana ao coordenador Noah no solo da igreja onde congregava. Decidida ir à igreja após ter percebido que o Príncipe Nketyah não vinha honrar a sua promessa. Uma ferida do amor leva sempre a outro amor, ou melhor a um quase amor ou a um amor perdido na noção do tempo. Por outra, o coordenador de olhos cheios do amor, respondia-lhe em tendências bíblicas, se bem que sabia que a outra era lego na matéria:

- “As boas escrituras alertam: “só um demónio possui o poder necessário de ver além da dissimulação de um outro demónio”, Avozinha... ou seja um outro bruxo... demónio. Fui abençoado com os olhos que nada enxergam, logo apenas faço até onde o meu poder de alcance permite.”
- “Quem sou eu no meio de olhos de anjos, demónio e bruxos, coordenador Noah ... Apenas desejo cantar... no coro.” Em resposta, a Vilhana alegou aquilo, indo dentro da mente dele, naturalmente ele teve que saiu de lá com os ecos imundos:
- “Já te tinha falado, Avozinha. Bastas aceitar a minha proposta terna... ser a minha namorada, em seguida cantarás no coro, todos os domingos, independentemente de ensaias ou não.”
- “Disse-te que estava a pensar na tua proposta, coordenador.” A Vilhana rapidamente respondeu-lhe perdendo outrossim o brilho tido nos olhos, mas, anteriormente tinha pensado avaliando o cenário todo: “A cama com pétala de flores de aconchegos do amor faz-se sempre em duelo, quando esta torna-se num trio, tudo é acre... Tu... tu já fizeste sexos com a Carla.” Num minuto, o Noah estava a contestar a má postura da outra, indistintamente:
- “Um ano e sete meses, isto nem é muito tempo. Pode-se falar, no mundo do amor, é uma eternidade, irmã.”

No momento em que a Vilhana escutava-o outrossim reflectia lamentavelmente: “É justamente isto que me desmoralize, tornar-me tua namorada para poder cantar para o Deus. Quê pena de Deus que nada faz contra pessoas como vocês. O mais agravante é que fostes indicados pelo próprio Deus para frente da igreja ficar. Se calhar, tenhas razão em fazer a igreja com as ordens e as orientações da tua casa, pois todos acham que ninguém no coro está a cantar a glória de Deus, mas o coral serve pra instruir-nos as notas e como bem cantar. Quem mudaria isto, Vilhana, menina de dente a frente.”

- “Nestes últimos dos anos, não tenho estado em mim...” Disse a Vilhana se desculpando, depois de ser indicado o assento para se sentar, já que acabavam de entrar no grande gabinete da respectiva igreja, onde estavam só os dois. Ela, de um lado sentava e ele, do outro, falava firmemente, olhando-a nos olhos:
- “Foste ruada do grupo que criaste para louvar o amor em matérias do oposto da fé.”
- “Em parte, isto também...” Envergonhadamente respondeu-lhe a Vilhana, em breve ficara sem ânimo nem jeito para tal. Continuou o coordenador Noah pensando também, ao mesmo tempo: “A sorte favorece os mais privilegiados, eu possuo este privilégio, Vilhana. Assim só, tenho-o usado para o meu benefício. As “vantagens da fé”...”:
- “A Rosa e a Elsa me contaram em risos fortes... acerca do golpe piroso.”
- “Oh, elas deram nome a isso?”

Subitamente exclamou perguntando no final a Vilhana que voltou a pensar enquanto sentada molhada de balde da água fria: “É absurdo, esta proposta é um embuste total no qual o pedófilo pensa que é uma vítima e, eu a vítima, sinto que estou sendo vilã, não namorá-lo, o pedófilo inato.” De seguida, ela fechara os olhos

rezando que a próxima frase do Noah não fosse uma de engate. Então a palra do Noah prescrevia se fora ouvida ou não pelo “deus” dela:

- “Olha, Avozinha, eu não te quero mal... Não te desejo mal nenhum... muito pelo contrário, te quero namorar.”
- “Com uma condição... Isto nem é o amor... Noah. Porém, não te censuro, sabes? Todos querem algo de mim, uma parte de mim, em troca, é sempre a força... é sempre de maneira manipulativa... é sempre assim. Contudo, sempre que fechei os meus olhos, vi-te como um homem a casar... Muito antes desta tua proposta vil, eu andei caidinha por ti... a Rosa, Elsa e a Carla sabiam disso... Não precisava-me conquistar, mas tu fizeste o pior... me chantageaste por o amor que o meu coração cozinhava por ti...”

Naquele momento, o Noah percebera tudo a volta das cinco meninas, inclusive a simpatia das outras para com ele. “Como não me apercebi? As outras quatro não paravam de falar mal dela pra mim. Burro, pensei que se tratava de prática feminina em que fala-se mal da amiga que se encontra ausente...” Pensou o Noah, assim que a Vilhana se metia de pé e, posteriormente saia de lá sem escolta nem a cortesia. Quando finalmente chegara à porta, disse-lhe construindo paredes amorosos da prisão ao coordenador Noah:

- “Esse... um ano e sete meses, esperei-te recuar desta proposta. A razão pela qual criei aquele coro de música não gospel... para te chamar a atenção... calculei que depois do grupo sórdido criado, te aperceberias... Não canto por Deus namorando-te, pois és demasiado pequeno e inútil ao olho Dele, coordenador Noah.

Lgrimas deveriam cair, lagrimas deveriam ser derramadas pelo quase amor com um rapaz meigo vestido de casaco de irmão em

cristo, talvez quando se tem um amor ao lado lateral se torna numa boa pessoa. Nem por rios de sangue, nem por desertos cheios de mortes e nem por mil valas de cadáveres, a Vilhana chorou por aquele “quase amor perdido”. Quando o segundo amor falha, o primeiro regressa, nesse caso ela recebe uma sms do Nketyah ao sair do grande gabinete: “Cuidar é servir a outro, não importando com o nada neste mundo ímpio. Valha-me Deus. Cuidar é saber ir ao encontro marcado, por mais que há sangue a verter. Para o bem e para o mal. Cuidar é querer deixar a pessoa amada feliz e sorridente em todos os momentos. Cuidar é lutar não deixar a outra abraçada com a saudade. Com as artimanhas de stresse e do desespero.”

– “É esta cena a tua pérola de sabedoria, Nketyah?”

Durante o tempo em que, monologava a Vilhana, o seu telefone se desligava após ter recebido aquela mensagem. Em contramão, fazia-se meio-dia, a escola estava esperando por ela. Entretanto, no intervalo maior, por engano escolheu ligar o telefone, conseqüentemente recebia uma data de mensagens de destinatários diversos. As duas mensagens do Noah foram ignoradas sem serem sequer lidas mas deletadas, ainda assim, as saudades levaram-na directamente as mensagens pertencentes ao irmão da Vanessa. Ao ler da última à primeira, a força de atrito passou a sua mensagem ao universo, em segundos o ecrã recebeu superficialmente:

- “Perdão por dia de hoje, mãe dos meus futuros filhos. Sem intenção nenhuma de me justificar, fui socorrer um colega amigo nos apuros no trabalho. Prometo recompensar-te.”
- “Vou querer que me recompenses da melhor maneira possível, deixando-me em paz, de uma vez por todas.”

Tudo que ela desejava com a sua vida, mas, quando o teve chutou-o fora da órbita com a força normal do orgulho constante nela. Momentos posteriores, após ter enviado aquela mensagem ao

Nketyah, ela ligava para sua ex melhor amiga, a Elsa, sem sucesso. O telefone chamava, chamava sem ser atendida, logo ela ficara mais triste, uma vez que a amiga não era de largar os telefones. “Devo achar uma agência que privatize o meu coração, antes que este exploda...” Deduziu a Vilhana, a procura de uma provável solução para o seu não-coração, a seguir voltou à sala de aulas, muito antes do término do alocado intervalo. Até entrar e sentar na carteira, esperava mais que o outro respondesse introduzindo uma briga, porém ela tinha sido deixada em paz, mediante o pedido.

- “Só aquelas que amam é que sofrem... Mbande, tens estado muito distante de ti mesma. Todos estes anos juntos, nunca vi-te preocupada com o telefone.” O colega Nkyaku lançou a estrutura frásica ao ar puro da conquista, e no tempo em que falava também ia em direcção da carteira da Vilhana que ironicamente disse-lhe olhando para a janela oposta da posição do colega Nkyaku:
- “Ando em busca do meu próximo ex-namorado, Nkyaku.”
- “A informação que todos temos é que nunca tiveste um...”

Disse novamente o colega Nkyaku à Vilhana que morosamente colocou a sua cabeça sob a carteira, ela pensou em tapar os ouvidos, mas viu que era totalmente inútil, portanto resolver ouvi-lo no mesmo modo. Por lado oposto, o colega Nkyaku, que já vem tentando a sua sorte na lotaria do amor com a Vilhana há anos, soltou a palavra principal do processo contínuo do engate, obviamente:

- “...Se me tivesses aceitado em namoro, a essa altura, já terias conhecido os confortos do namoro.”
- “Nkyaku, sabes que sou muito tua mais velha?” A Vilhana naturalmente dar-lhe outro lado da moeda em questão. Assim sendo, ele chegou e baixou-se junto da carteira da Vilhana. Posição esta permitia-lhe ver por baixo a linda

cara da Vilhana que pensava enquanto o Nkyaku afirmava suavemente com a mão destra posta em cima da cabeça dela:

- “O amor é intemporal. Aceitas-me há mais coisas a ensinar-te...”

O “*finial d’arbre*” em formato da mão daquele que ama acalmava, de certa forma a Vilhana que nada mais ouvia, já que a escola estava sob um barulho insuportável, por conta daquele intervalo. Para que conste, a mão colocada era do colega Nkyaku, porém a outra desejava que a mesma mão acima dela pertencente a um outro e este outro, sinceramente não era, de tudo o colega Nkyaku. A alegria confundida terminou junto do término do intervalo.

- “Olá, miúda! Qual pacto do amor itinerante que fizemos que todas as almas mortas nos sete mares, o sangue ora dos soldados ora dos inocentes na segunda guerra mundial, os cadáveres resultantes de pandemias lançados e cremados não quebra? Quê esta mensagem te sirva de informação de que foste bloqueada nos telefones das meninas chiques do grupo coral “Rocharas universitárias”...”

A mensagem recebida da Elsa, ao pôr-do-sol. A Vilhana, ao lê-la perdera o gosto que desenvolvia em continuar aquele diálogo com o Nkyaku, face a essa situação, se dirigiu calmamente à paragem de táxi, onde apanhou o táxi de volta à casa. Tudo que pensava aquela menina era chegar em casa ver a fotografia da sua tia-mãe Wanda. Pois, depois de vê-la recomeçar uma nova página da sua vida na qual a Elsa, a Rosa, a Carla e a Aline estivessem de fora. Honestamente era uma prática tida há anos.

- “Alô!”

Respondeu a Vilhana a um número desconhecido, mas, anteriormente tinha arranjado a cama onde passar a noite, mais segundos atrasados, ela estaria a dormir. Por causa do cansaço

acumulado de tarefas encontradas a sua espera após a escolar. Então se lançava a cama quando outro lado respondia-lhe e posteriormente se identificar, embora ela ia mentalmente a uma chamada por engano atendendo também a hora tardia:

- “Alô Vilhana, já dei-te muito tempo de paz. Agora, quero pedir-te o perdão por não ter comparecido na bancada... hoje.”
- “Este número é teu?” A Vilhana questionou-lhe, após tê-lo identificado pela voz e o teor da linguareja. Imediatamente o Nketyah, sem exageros respondeu-lhe:
- “Sim, comprei-o esta noite, porque sabia que não atenderias caso fosse o meu número gravado no teu telefone.”
- “Porquê ligas a essas horas?”
- “É exactamente a hora que me permitiste ligar-te ontem, Vilhana...” O Nketyah respondeu a anterior pergunta da Vilhana em tom envergonhado, então ela foi:
- “Vocês... os baixinhos... são sempre assim!”
- “Realmente não faço parte do clube deles, tenho um metro e setenta e cinco, com as pernas meias arqueadas e...” Em tom baixo, o Nketyah adicionou fora do jogo do amor, tão logo a Vilhana gritou clandestinamente calando o outro na linha:
- “Espera aí, és bem identificável... Um cravo preto acima do olho...”
- “...Esquerdo... Sou, sim, muito bem identificável excepto por ti.” Corrigiu-lhe o Nketyah em voz normal, cortando desse modo a outra que perguntou-lhe à terna:
- “...Será que há um problema comigo?”
- “Não, eu é que não soube-me fazer presente e apresentável ao teu olhar.”
- “Olha, Nketyah, não há nada pra me pedir o perdão, contrariamente já mo pediste na tua mensagem do teor

“cuidar...”. Quantas vezes, me ligaste desta vez até encontrar o meu telefone ligado?”

O amor desconhecido fez a Vilhana esperar por “vezes” superior do “três” ou mesmo igual ao “três” conforme tem sido o hábito. Portanto estava em uma conta apesar da própria era alheia, nem mesmo uma cápsula do tempo salvá-la-ia. De maneira rápida e sincera, o Nketyah respondeu suavemente sem sequer pensar ou hesitar:

- “Uma única vez, aguardei exactamente a hora semelhante da do ontem, o minuto semelhante a do ontem.”
- “Valha-me Deus...” Exclamou a Vilhana após ter ouvido os sons do outro, de imediato o Nketyah viu oportunidade singular, portanto tomou-a justificando-se:
- “Vilhana, isto pode parecer-te uma anedota, mas não posso dar-me luxo perder-te. Não há segundo que passou sem me encontrar pensando em ti. Algo que nunca senti por nenhuma alma andante nos vales do mundo. Mas, acontece que sou supervisor de check-in da companhia aérea VIPAERO. Para esta empresa, sou um “director” nas operações, logo não sou preceptivamente mestre do meu próprio tempo. Presentemente, não estou nisso para magoar-te, Vilhana.”
- “Vi a foto, vesti a camisa... vês... não podes magoar-me. Eles já magoaram-me muito que não há nada que faças que atingirá o meu coração, Nketyah. Conselho meu a ti, fiques a vontade comigo, pois tudo que conheço é sofrimento, da noite de ontem até hoje às 12h deste-me um sentimento positivo que há muito não sentia... nunca mais desejei ver alguém desde que a minha tia-mãe faleceu, portanto agradeço-te por isto...”

Do outro lado do telefone, o irmão da Vanessa, o Nketyah derramou as lágrimas inconscientemente. Sorte dele ninguém podia saber nem ver, já que se encontrava em cima da sua grande



cama, enquanto a outra estava ajeitada na despesa da casa dos seus pais. Todavia, a estratégia da Vilhana subira novamente à tona, então, com isso alertava-lhe prontamente de algo pessoal, inspirativo e enfadado:

- “...A única coisa que te aviso é que estás a conquistar o coração errático da jovem teimosamente errada.”

## Capítulo IV

—

### 60 Segundos No Amor

Por ar puro da alegria, a Vilhana teve outra vez uma noite radiante. Por ar puro da esperança, a Vilhana esperou por ele nas mesmas horas da promessa fracassada, por ar puro da maldade, ele, novamente não compareceu até ao meio-dia. Por ar puro do perdão, a Vilhana voltou não fazer o caso. Por ar puro do amor entre um perdedor no tempo e uma perdedora no amor gótico de outrem. Por ar puro da conquista lúgubre, ela acordara com o som da melodia da mensagem do Nketyah: “A alegria da minha vida, não há políticas no teu amor, não há divisões no teu coração e, bem como não há escuridão no teu saber, nem rancor no teu entender. Se significará perder tudo, incluindo o emprego, no domingo estou no teu portão por esse amor.”.

– “Boa tarde, Vanessa!”

Cumprimentou a Vilhana brandamente à Vanessa que se encontrava de costas à bancada, razão também pela qual não vira nem ouvira a Vilhana a sair do portão. Então ela se virava para a Vilhana que tirava um labéu vermelho na respectiva bancada e, em seguida levava-o à Vanessa para lhe colocar. Quando vis a vis se encontravam e, por detrás da bancada, a Vanessa respondeu-lhe o cumprimento com o amor inocente nos olhos moles:

- “Boa tarde para ti também, cunhada.”
- “Ele promete e não cumpre, Vick.” Resmungou a Vilhana melancolicamente, a outra exaltou-se perguntando ironicamente, enquanto segurava o referido labéu:
- “O Nketyah te prometeu... dinheiro?”
- “Deus me livre, não. Não quero dinheiro dele, quero vê-lo...”
- “Realmente... de repente ficou sem tempo, mas tu, na qualidade da “tal”, não podes... A “tal” deve sempre ter paciência e ser, em cima de tudo compreensível. Ele deve ter o feedback de que agora pode contar com alguém... não importando quando e onde vá na volta achará alguém esperando por ele. Ouviste-me cunhada?”

Tendo a Vanessa elucidado à Vilhana que seguidamente respondeu positivamente com a sua cabeça. Nos momentos posteriores, a Vilhana lutava ligar o telefone que nada mais queria com as almas vivas vagueando no mundo. Por mórbidos e sombras do querer, ela guardou o tal telefone sucata do plano de contingência fracassado. No mesmo instante em que ela deixava a amiga Vanessa, outrossim lhe dizia firmemente:

- “Até posso ser uma fadinha, mas ninguém entra numa luta às cegas... cunhada...”

A Vanessa podia e queria tanto contra-atacar, porém o termo “cunhada” relaxou-a por completo. Com isso a outra ia olhando para trás porque a Vanessa não era de deixar as deixas vazias lhe invadir emocionalmente ou seja, perder linguisticamente. “Dantes nada sentia quando assim tão aperaltava saias, mas agora sinto que serás roubada do meu irmão. Essas tuas pernas grossas na saia, é algo do outro mundo, estas pernas dão o asilo ao meu irmão, cunhada Ana.” Pensava a Vanessa, em bela vista.

- “Oi meninas! Bom dia a todas...”

Já no sábado ainda no estado criança do dia, a Vilhana, mais uma manhã passava sem ver pela primeira vez o irmão da Vanessa. Embora ter-lhe prometido este encontro no domingo, entretanto ela estava na barraca da senhora Lady onde se encontravam todas as meninas nos sábados, o grupo coral. A sua presença naquele encontro levantou os ânimos, no entanto nem a Vilhana sabia o porquê lá tinha ido, senão descontar a sua dor de querer ver o Nketyah. “Não se pode estar apaixonada pela alma cujos olhos nunca viram... espera aí, a Vick pode ter no seu chique telefone a foto com a cara do Nketyah... como não pensei nisso?” Pensava a Vilhana em arrependimento do sítio no qual estava, enquanto a Rosa, a actual líder do grupo outrora “pé de pano” ora “Rocharas universitárias”, respondia-lhe furiosamente e de cara bem trancada:

- “Boa tarde, Ana! Porque a manhã já findou há um minuto... Se fosses uma séria pessoa saberias disso de que falo.”
- “Não fui claro na vez passada quanto ao teu afastamento definitivo no grupo, Ana?” A Elsa perguntou à Vilhana que se deambulou mentalmente na memória na qual a Elsa abraçava-a pelas costas enquanto ela chorava a morte da tia-mãe. Para se libertar da memória, fechara os seus olhos e daí respondia-lhes:
  - “Na verdade, foste e até foste muitíssimo nítida, com os motivos e tudo... sem namorado, sem faculdade, sem telefone, sem a voz deslumbrante igual à vossa, sem o amor no coração apenas a animosidade, sem...”
  - “Porquê não nos deixas em paz, então?” A Aline disse-lhe em estilo interrogativo, humildemente a Vilhana, olhando-a no canto do seu olho esquerdo, respondeu:
  - “Porque preciso de contar... necessito estar ao vosso pé... recebendo a experiencia não pejorativa da vida...”
  - “Cantar!” Exaltou a Elsa, imediatamente a Vilhana estava novamente imersa na memória onde a Elsa ensinava-lhe os “pronomes pessoas”, em seguida, a Rosa ofuscou essa boa memória com a ordem irrisória vindo bem debaixo da garganta:
    - “Vai a igreja cantar, sempre contaste mui bem no coral da igreja!”
    - “Pensai que já não fui? As horas em que o coral central da igreja ensaia estou na escola, logo não poderei contar no domingo no culto...”

Com os berros da Vilhana ao recinto, as quatro meninas se meteram, naturalmente de pé. A Elsa deu o sinal à senhora Lady não trazer os peixes, dado que havia uma alma a mais no seio do grupo. Em contramão, o meio-dia deixava claro da sua presença com abertura do sol ardente. A Carla que se encontrava na entrada da barraca logo próxima da Vilhana teve que se mover daí. No

momento em que a Aline pegava a sua cabeça com as duas mãos, a Elsa dizia directamente à Vilhana:

- “Se até para você gritar na igreja há regras e, porquê nós não podemos tê-las aqui, Ana?”
- “Quem não ensaia não canta...” No momento em que a Carta insultava, a Vilhana, mais uma vez estava perdida numa memória após ter sentido a voz da Elsa que era, nojentamente boa. A memória consistia: a Vilhana cantando e a Elsa atrás dela corrigindo-lhe as notas. Portanto isto lembrou a Vilhana o quanto era agradável estar de olhos fechados cantando como se não tivesse nenhum problema na vida, nesse caso, disse-lhes com o amor que não tinha nela:
- “Vocês estão tirando-me algo valioso...”
- “A música é tudo que ela tem... Que formidável!” Disse-lhes em voz alta a Elsa, ironicamente umas riram e uma sorriu, mas a Vilhana nem um nem outro fez, mas aquela voz levou-a vagueando mentalmente a uma outra memória: A Elsa acolhendo-a no seu quarto após ser expulsa de casa, por ter chegado tardiamente, por causa do ensaio de cantos na igreja. Naturalmente a Carla, de modo deleitável elucidava:
- “Pelo contrário, Ana. Estamos a te poupar das futuras angústias. Tu adoras, de que maneira a música, mas, na prática, a música nunca te gostou...”
- “...Nunca se simpatizou contigo, Ana.” A Aline, na mesma moeda concluiu a ideia da Carla. Com o onnipotente fúria, a Vilhana opostamente aceitou tudo:
- “Está bom, tendes todas a razão, saio particularmente do canto... da música... Deixai-me... ser, no mínimo a tesoureira do grupo... ou, a secretaria dele... Como fiz esse tempo...”
- “Precisa-se uma cabeça universitária nestas pastas, caso tenhas essa cabeça, podemos negociar as cláusulas... Em

que classe... a menina de ouro andas?” A Rosa respondeu pensando anteriormente: “Se bem que há constantemente um “cromo”, em todos os grupos, mas esta vaga já foi preenchida pela Aline.” Com o choque, a Vilhana, usando uma voz menos moderada respondeu-lhes:

- “Criei esse grupo com os seus respectivos fins, com menos classe que tenho agora, Rosa...”
- “És tão bem-vinda ao grupo que criaste como o furúnculo no meu rabo, Ana.”
- “O furúnculo?” Perguntou a Elsa à Rosa, do grau em que reduzia a Vilhana, logo o som da voz da Elsa torturou novamente a Vilhana numa memória, onde a Elsa acompanhava-lhe à paragem indo a um dos tios passar as férias escolares. Muito antes que a voz da Elsa matasse a Vilhana de memórias maravilhosas, a própria Vilhana ordenou-lhe docemente, com a mão esquerda na nuca:
  - “Lola, podes ficar ainda fora dessa conversa?!”
  - “Oh, zero a esquerda, é a ti que pedimos ficar fora desta, não a Elsa.” A Rosa alertou a Vilhana no verdadeiro tom do insulto que recuou consideradamente a Vilhana. Seguidamente a Carla, melancolicamente após ter sentido o mesmo insulto nos olhos da outra, objectou-lhes sentando também onde estava outrora:
    - “Combinamos que não íamos mais ofendê-la!”
    - “Ficai então com o grupo, cantai nele, em troca deixai-me ser só a vossa amiga... Não participarei nos encontros do vosso grupo... apenas nos encontros da igreja ou feriados como a pascoa, natal e...” Calmamente a Vilhana implorou-lhes isto, para o seu espanto, a sua melhor amiga tomou a palavra e de olhos em baixo:
      - “Ana, ninguém aqui foi tua amiga, desde o dia um. Pois, as amigas devem ajudar-se mutualmente e, na última avaliação efectuada, vimos que nada tínhamos em

comum, nada a mais ou a menos tens para essa ajuda mútua.”

Isto quase quebrou a Vilhana, a semântica das palavras da Elsa vinham com a memória pela qual a Elsa comprava-lhe um picolé, após a surra pelo seu pai onde deixara-a nua completamente à frente de todos presentes no quintal. Para não chorar perante as meninas, ela saiu da barraca correndo, ao sair dele atropelou fisicamente a senhora Lady que se encontrava na entrada não acreditando naquilo que estava a presenciar. A área da praia não permitiu a Vilhana correr distante, logo deixara-a sem fôlego nos pulmões. Quando ela lentamente terminava a área da alocada praia, a Elsa atrás dela chamava por ela.

- “Ana, porquê te sujeitas assim a tantas humilhações?”
- “Tu tinhas que ser minha amiga, para não falar de “melhor amiga”, Lola...” A Vilhana respondeu depois continuou a andar, mas a Elsa correu junto dela virou-a, consequentemente estavam vis a vis e, daí a Elsa afirmava-lhe gradualmente:
  - “Entre linhas, já não sou. Fui e não gostei de sê-la... Desculpa-me, Ana!”
  - “Talvez deverias também parar de chamar-me “Ana”, porque bem me lembro deste-me este nome como um artístico. Se já não cantarei mais, chamo-me Vilhana, Avozinha para aqueles entes queridos.”
  - “É justo. Sempre me perguntei como suportas isto tudo na tua vida?”

Após a pergunta da Elsa à Vilhana, tudo se acalmou. De seguida, a Vilhana respirou fundo, olhou para trajetória que tinha que fazer a pé até a sua casa, logo a cabeça doeu. Sobretudo, o que tinha acalmado a Vilhana era aquela ausência do apelativo “Ana” por parte da sua outrora amiga ora ex-amiga Elsa. Pela primeira vez, a Vilhana olhou detalhadamente os olhos da Elsa. Pela primeira vez, a Vilhana soube através do feedback daquele olhar quem a



Elsa realmente era, portanto ela propôs-lhe depois de ter pensado: “Sinceramente, não acredito no quanto vejo nos seus olhos, Elsa. Será que isso é régia? És mesmo isto?”:

- “Conto-te se me acompanhas até a paragem apanhar um táxi.”
- “Nunca apanhaste um táxi daqui para casa, como eu nunca trago o carro meu nestes encontros... Ah, perdão... voltamos todas em grupo.”

A Barraca da senhora Lady, que era também uma das tias da Carla, situava-se no bairro Samba nas áreas da praia, consequentemente para o Rocha depois da estrada não havia na altura um táxi possível, senão dar uma enorme volta com dois ou três táxis. Então, o conselho para os peões era andar a pé da Samba ao Rocha. Aliás, do Rocha à Samba era, tanto quanto doce, uma vez que era uma descida, imaginar o oposto. No entanto, a Vilhana, sem ânimo nenhum decidiu apanhar os táxis necessários do que voltar a pé e sozinha. Como verdade, a Elsa acompanhava-lhe à paragem e ela contava à Elsa respondendo a sua anterior pergunta:

- “A minha tia-mãe contou-me... Havia dois rapazes irmãos que perderam ambos pais muito cedo nas suas vidas. Portanto, viveram na casa do seu pai-pequeno, um tio. Este tio trabalhava em todos segundos da sua vida, logo o irmão mais velho de nome Kyene cuidava do seu irmão menor de nome Ntoka. Sendo assim, um cuidou doutro e deixando este outro ter uma infância até a fase adulta. O Kyene por falta da infância se refugava ou se abrigava na música tocando sempre que fosse preciso a guitarra... Um dia, o Kyene recebe uma orientação, de modo a partilhar com o seu irmão menor, o Ntoka, mas este último estava mais empolgado passar a tarde no gozo de uma mulher cujo sangue lhe era semelhante, logo era uma mulher que ele não podia ter. Por outra, a orientação

era, seriamente urgente. Depois de duas horas, o Kyene sobe na bicicleta indo atrás do irmão menor com se encontrava no rio com a tal mulher, na última curva ao rio, uma viatura carregando madeiras atropelou tirando a bicicleta da estrada. Como o resultado, o Kyene ficara quase paralítico, nada fisicamente conseguia fazer e, o Ntoka, o menor tinha que ser forte e cuidar dele conforme deveria ser. Mas, Lola, este Ntoka só soube culpar-se pelo acidente do irmão. Ao passar apenas semanas, a culpa lhe consumiu, portanto a solução foi abandonar o município Calandula para Quela e lá ficou enquanto o seu irmão, o mais velho lhe precisava mais do que nunca na vida. Um par de anos depois, o Ntoka recebe a informação de que o Kyene estava morto. Durante o funeral se deprimiu, abandonou a província toda de Malanje para uma cheia de gente sem o amor no coração, onde todos pensam primeiramente neles, seguidamente neles e terceiramente neles, menos ao seu próximo, independentemente do grau parentético, a cidade de Kianda... Pela culpa de estar com a mulher com quem não adiantava estar, aquando do acidente do irmão-pai, o Ntoka não voltou a tomar nenhuma outra mulher na vida. Pela culpa por não ter coragem, de modos a cuidar o seu irmão dando a este mais dias, semanas e anos de vida, o Ntoka não cuida mais de ninguém, isolou-se de todos e desse modo sofre só...”

As duas amigas não tinham chegado bem na paragem, mas pararam de andar uma ao lado da outra e, desse jeito frente e frente estavam. O olhar forte apenas durou nove segundos, porque a Elsa que sempre ganhava aquele duelo de olhar fixado desviara o seu desta vez. A Elsa com o olhar em baixo denotando à displicência, desânimo, medo, vergonha ou à reflexão. Ninguém tinha como saber, porém, desta parte a Vilhana ainda dizia-lhe erroneamente o conto:

- “...A linhagem dessa família morreu por falta de coragem do Ntoka, Elsa. A linhagem deles está extinta por conta do Ntoka que, não teve a capacidade de aguentar as emoções negativamente fortes, Elsa... Justamente por isso, é que eu me sujeito a essas humilhações, insultos e... “Chorar não resolve nenhum problema” Disse-me a minha falecida tia-mãe. “O homem de verdade é aquele que se levantar após várias quedas e não apenas uma.” Disse-me também a minha falecida tia-mãe. “Tenha boa vida fora da minha, Lola!” Desejo-te eu...”

A Vilhana deu sinal com a mão canhota ao táxi que passava, logo o mesmo parava, ela ia correndo atrás e a Elsa hipnotizada de pé onde houve o termo daquele diálogo. “Não me dás nada a usar, de moldes a convencer as meninas o teu enquadramento ao grupo, Ana.” Deduzia vertendo lagrimas a Elsa, enquanto isto, a Vilhana entrava naquele táxi que quando chegou no bairro Multiperfil, ela percebeu que apenas tinha valores para aquele táxi. Portanto, sem valores monetários para pagar outro táxi de lá ao Rocha, a Vilhana marchou a pé da Multiperfil ao Rocha Pintor debaixo daquele dia soalheiro.

- “Não acredito que esse tempo todo este ódio esteve em frente dos meus olhos. Não vi o ódio delas sob a minha pessoa”

Não há vida no vácuo, senão as trevas do corredor da morte, a Vilhana chegara em casa a volta da 20h, depois de ter andado contra a brida ao favor da morosidade. A Vilhana sem vontade de um ser vivo nem morto, lutou ligar o seu telefone, mas estava tudo acabado por aquilo, nem posto no saco de arroz era a provável solução para aquilo. Portanto, tudo estava perdido por ela, no que tange as mensagens ou as chamadas pertencentes ao irmão da Vanessa, o Nketyah Pedro Mvuvi.

## **Capítulo V**

—

### **A Sorte No Fim Da Jornada**

O ar da vida da Vilhana era cada vez mais menos fétido às horas na contagem regressiva à realização do encontro com o irmão da Vanessa, com quem estava apaixonada através da forma da fala e os seus respectivos sons e esta paixão teria o seu derradeiro teste na imagem física do homem em carne e osso. Através do fogo e da água usado matinalmente, a Vilhana apercebeu que o encontro não teria o lugar, mesmo se o Nketyah viesse a sua casa, uma vez que era um domingo. Principalmente, a Vanessa não vendia nos domingos. Com a baixa moral e cansaço corporal por conta da longa caminhada do dia anterior, ela se levanta da cama monologando tenuemente com uma língua menos bífida:

- “Com as dores musculares... pernas doridas, com a vontade férrea de poder ficar em casa nesta cama dormindo, mas, sob pena de ser objecto de insulto pelo próprio pai, por não ter ido à igreja...”

Com o uso das palavras menos venenosas, a Vilhana fez recurso aos medicamentos, alimentação e, finalmente um banho d’ água completamente fria. Assim só, se prontificou e na igreja, ela lá estava. No sentido de evitar mais ofensas e os insultos desnecessários, ela sentara nas filas de trás da igreja, onde as suas ex-amigas não sentariam, por via de regra. Desse modo, registou-se a separação física delas durante o culto que foi extremamente longo para Vilhana que pela primeira vez esteve a cabecear aquando do aludido culto.

- “A irmã de ideias viçosas, qual é a pressa?”

O coordenador Noah perguntou à Vilhana, assim que o culto findava pois ela saía correndo evitando sempre os encontros ocasionais com uma das meninas do grupo coral. Pena que o plano não incluía o coordenador, o homem disposto a namorar todas as jovens do coral central da igreja, como capricho pessoal. Entretanto, a Vilhana, sem querer parara de andar e, de imediato respondeu-lhe humildemente, já que havia mamãs com os bebês nos colos no recinto:

- “O homem não possui poder em nada neste mundo, pois a sua vassalagem termina debaixo da terra estéril. Os seus bens culminam em vapor ao passar do tempo ou pertencem do outro dono e o seu amor com todos finam, no mesmo modo em que começou. Porém, aqueles homens cujas ideias foram viçosas aquando do andamento na face da terra, são amados e lembrados eternamente. A esses homens, até os deuses têm-nos invejas... tornam, ao decorrer do tempo, as suas histórias em lendas. E de lendas aos mitos...”

A Vilhana esperou a vez de coordenador falar, mesmo só de forma bífida. Nada, saia, apenas ele olhava em tudo a sua volta menos a Vilhana diante dele. Como a maldição encontra sempre a maneira de realizar-se, as meninas evitadas acabavam de sair correndo também o encontro de jovens que tinha sido marcado aquando do culto. Em tal caso, a Vilhana já não tinha escapatória possível, logo estava no fito delas, mas antes que elas chegassem junto dela, ela ofegantemente atacou novamente o coordenador:

- “Pelos teus actos, te chorarei quando morreres ou festejaremos a tua morte, Noah Jorge?”
- “Aí ela... Avozinha, se vais ficar com os restos da mana Carla, no mínimo saibas que os seus beijos são tão leve quanto à pluma...” De forma baixinha, disse a Elsa à Vilhana, enquanto a Rosa raspou-lhe o ombro. Ao invés dela atacar a Elsa, quem lançou-lhe a tal piada, ela abordou misteriosamente à Rosa de mãos dadas:
- “Rosa, Líder posta, porquê não diz a pura verdade da razão pela qual me execraste desde inicio à Elsa?”
- “Menina, não fales de coisas que não entendes...” Advertiu a Rosa à Vilhana que em seguida afirmou enquanto se virava à Rosa deixando o coordenador de fora:

- “...Porque após contares sereis amigas de verdade, já que eu e ela nunca fomos.”
- “De quê fala essa pouca vergonha, Rosa?” Perguntou a Elsa à Rosa, preocupadamente e, de igual modo tocou o Noah ao peito para se afastar daí. A Aline segurou a palavra para chamar outra vez a razão ao demais:
- “Estamos outra vez, ofendendo-lhe e no solo sagrado?”
- “Ela fala... de ser sempre pasta no meio durante as canções através da estrutura corporal... e, as pernas grossas que atraíam pela negativa os olhos dos homens. Nós oferecemos as nossas vozes como secundárias nas canções e não os nossos corpos aos músicos... Mais uma razão do teu afastamento, caso contrário, farias isto de um grupo de... meretrizes e de vozes em segundo plano, irmã Vilhana.”

Temporalmente todos calados em absoluto silêncio, a Rosa explicava a todos em um tom agradável, mas rica em palavras venenosas e danosas de mira férrea. Ao raiar alto do domingo, a Vilhana se encontrava super humilhada e cansada de morrer. Como a vergonha não estava a matá-la, ela lentamente caminhava de volta à casa sem nenhuma iniciativa de pensar na maldade, mas com o coração apontado ver mais uma vez a fotografia da tia-mãe Wanda, a foto que fazia-lhe esquecer o desejo de pão, os sons das árvores que sopram o puro oxigénio e a doçura de confortos do amor dos pais.

- “A Vick está a vender hoje? Domingo...”

A Vilhana pensara alto enquanto via a Vanessa na sua bancada de pé na companhia daquele que podia ser o seu namorado, o Luyeye, mas, em contrapartida cada passo que a Vilhana dava o rapaz de pé junto da amiga Vanessa tinha os traços descritos pelo Nketyah. Em tudo, eles, noutra mão tiveram-na vista primeiro, portanto já tinham deixado de falar e de conversar excepto observá-la chegando em cada instância. Com o orgulho de

homens, a Vilhana se mentiu pensando: “Mesmo se não fosses aquilo que imaginei seria na mesma a tua namorada, irmão da Vanessa.”

- “A luz da minha vida, disse-te que te veria hoje. Desde da última vez em que te vi não envelheceste nem um dia.”
- “Se eu tivesse a certeza que virias hoje, não teria desperdiçado o meu desprezável tempo na igreja... Nketyah...”

Tendo a Vilhana afirmado aquilo ao Nketyah e ao mesmo tempo dava olhada à Vanessa que nada avisou-lhe do encontro. Na verdade, o Nketyah era um rapaz completo de cima para baixo, tudo nele atrairia qualquer rapariga ao namoro. E, na percepção da Vilhana, ele era além daquilo que ela sempre desejou e implorou à deusa do amor ter como namorado. Com isso, ela tomou a ousadia e puxou o Nketyah a uma distância considerada fora do alcance da Vanessa. Lá, ela antecipou a sua dor no coração acabando com o namoro muito antes de começar:

- “Nketyah, a verdade das verdades, sou um caso perdido e, tu és muito melhor para mim. Juro-te pensei e sabia a qualidade que terias e não foi ao encontro do meu desejar nem querer, portanto antes do pior, é melhor não levamos isto avante...”

As palavras eram negativas, mas aos ouvidos do Nketyah soavam inteiramente positivas. Na mesma instância, ele sorriu segurando também as duas mãos da Vilhana que implorava mentalmente: “Por favor, não me abrace aqui na rua... por favor, topas nisso que acabo de dizer-te... não quero ver a tua cara de tristeza. Há uma razão para eu não ter um namorado até a presente data, irmão da Vanessa.” Por outra, o Nketyah lhe dizia sempre sorrindo:

- “És uma centelha, Vilhana. Cada segundo que se passou és mais atraente.”



A forma pela qual, a Vilhana havia-se isolado com o Nketyah, a Vanessa entendera que boa coisa daí não viria, uma vez que conhecia de cor a sua amiga. Nessora, deixara igualmente a sua bancada e se juntar com eles no modo a chamar a razão, especialmente à sua cunhada. Disse-lhes prudentemente a Vanessa muito antes de chegar a três metros deles:

- “Desejo que nenhum de vocês cometa um erro que se arrependa o resto da sua vida. Portanto, mano Nketyah, a Vilhana vem da igreja, decerto está esfomeada. Leva-a a um sítio comer e conversar calmamente!”
- “Vick... a tua palavra é a espada da ordem pra mim.”

Primeiramente, os dois ouviram o som do tempo, de igual período, a Vanessa deixava-os ir atender uma cliente na bancada. Seguidamente sentiram os dois a vibração do vento do tempo, chegando assim os seus corpos ao abraço ligeiro com apenas um braço do Nketyah a volta da Vilhana. Terceiramente vivenciaram a luz do tempo ao raiar do sol, o Nketyah, contente na presença dela, diz-lhe ternamente, mantendo igualmente um olhar perfeito:

- “Vamos a um restaurante próximo e pertinho da minha casa.”
- “Sinceramente, não prefiro ir comer, mas um lugar onde possa descansar as minhas costas e, ao mesmo tempo quero tanto conversar contigo... Nketyah... Se o restaurante é perto da tua casa, podemos descansar na tua casa, enquanto conversamos...”

Efectuou o pedido de irem para casa do Nketyah a Vilhana que, sem sombra de dúvida pensara que estariam na companhia dos pais ou irmãos do Nketyah, como tem sido com todo mundo. Esta filosofia alterou-se quando o Nketyah abria com chave o portão do quintal. De seguida, o quintal tinha apenas uma grande casa, sem anexos conforme pensara a Vilhana que disse no momento

em que o Nketyah abria novamente a chave a porta principal da casa:

- “Calculo que a Vanessa me disse que moravas sozinho, mas pensei teres apenas um anexo no quintal dos teus pais... como acontece com todos rapazes da tua idade.”
- “Vivo sozinho no sentido lato da palavra, meu raio da luz ao amanhecer.”

A palavra do Nketyah ajeitava, de igual forma os dois para interior da mesma casa. Com o gesto corporal do Nketyah, a Vilhana tinha a anuência de instalar-se onde bem entendesse e ficar em casa, “sua casa é minha casa...”. A Vilhana sentou deitando-se parcialmente no sofá maior e o Nketyah fora dentro de um outro compartimento buscar algo. Apesar do sofá e várias mobílias serem praticamente novas, a Vilhana perguntou-lhe gritando já que estavam em diferentes compartimentos:

- “O que as raparigas fazem quando entram aqui, na tua sozinha casa, Nketyah?”
- “O banco libertou-me essa casa há dois anos e há dois anos que não tenho namorada nem pretendentes, portanto, a tua resposta é: “não sei”... ficas a vontade, faças o que tu bem entenderes, pois tudo que fizeres é que será o padrão aqui doravante, Vilhana.”

A resposta trazia também o Nketyah de volta àquela sala de estar, com um grande copo contendo iogurte. Logo, a seguir o Nketyah lutou sentar atrás das costas da Vilhana, com intuito de dar-lhe de comer o tal iogurte, mas ela não entendia o motivo do outro querer estar a sua trás com tantos lugares vagos no referido sofá. Então, falam quase juntos, já que o Nketyah previa o dizer dela segundo o seu olhar ao copo grande do iogurte.

- “Nketyah, estou quão cansada para comer isto.”
- “Sei do teu cansaço, eis a razão de sentar a tua trás, te darei de comer eu mesmo...”

O dizer trouxe brevemente duas colheres à boca pequena da Vilhana que sentava na ponta do sofá com o lado lateral direito apoiado no peito do Nketyah que por sua vez sentava bem no canto do referido sofá. Acontece que as suas posições davam uma ligeira separação dos seus membros inferiores, sem se tocar, apesar da Vilhana estar de calça *jeans*. As colheres eram cada vez mais lenta a boca da Vilhana.

- “Como está o iogurte?”
- “Estás a atrasar muito para o colocares, irmão da Vanessa... Qual é o teu lance, então?” Respondeu-lhe perguntando a Vilhana morrendo igualmente gosto daquele iogurte. Em seguida, ele diz-lhe, bem como fazendo de igual modo:
- “Estou constantemente a fechar os meus olhos, no desígnio de tirar o teu sorriso... sim, este sorriso. Na verdade, continuo não acreditando que cá estás de carne e osso...”
- “Eu estou sempre te alertando e avisando, mas tu... parecez não me dar o ouvido, Nketyah.” Suavemente a Vilhana preveniu mas com imenso cuidado de tocar nada na parte superior no corpo do outro sentado ao lado dela, então diz-lhe ele:
- “Tudo mas tudo que me alestaste e avisaste já foi descartado... um aviso de cada vez, Vilhana.”
- “Descartado?”
- “Sim, descartado. Cuja solução... tomada e resolvida. Qual é o alerta e o aviso, dessa vez?” A questão do Nketyah dava o banquete do amor à Vilhana que disse:
- “Não saberei como te cuidar, não saberei o que te fazer, não saberei o que fazer junto de ti, não saberei como e quando estar contigo, Nketyah. Tudo porque eu nunca tive um namorado antes... Não me olha assim, eu não estou a dizer-te que sou virgem. Apenas te disse que nunca tive

na vida um namorado ou acompanhar de perto um casal...”

- “Como é que isto é possível? Não seres virgem e nunca teres um... namorado... Vilhana.” Espantosamente o Nketyah perguntou à Vilhana que se endireitou e, outrossim tirava a colher na mão do outro, seguidamente dava-lhe de comer o mesmo iogurte anteriormente e, posteriormente respondia-lhe calmamente com um forte olhar nos olhos, no sentido de amolecê-los de uma vez por todas:
- “Houve uns primos... que não verdade não eram primos. Em Cabinda, o meu pai tinha uns vizinhos que com o tempo se tornaram família e... estes ficaram lá em casa para irem à europa. Durante o período em que estes dois primos estavam lá em casa juntos da sua mãe, eu e eles faziam tudo, mas te digo tudo, juntos... acarretávamos a água juntos, lavamos o carro do meu pai, juntos, naltura o meu pai tinha um... Tomávamos os banhos juntos, os três. Creio que tínhamos... estávamos na casa de 11 a 12 anos de idade. Nos banhos, percebemos que tínhamos sexos diferentes, curiosamente tentamos entender as diferenças nos nossos sexos, logo esta diferença levou-nos aos sexos. Depois de uma semana, foram para europa... a última vez que soube deles, o maior tinha três filhos e o menor, cinco filhos, ambos casados, enquanto eu aqui nem beijo tenho tido...”

Assim sendo, o Nketyah colocou a sua mão canhota atrás das costas da Vilhana e a destra na sua nuca, portanto puxando-a junto dele e, em seguida ele avançava junto dela. No entanto a Vilhana não percebia o que o Nketyah estava a fazer ou queria fazer, por motivo disso ela olha para Nketyah que ainda vinha a direcção dela, logo vê a cara séria do outro, de repente entendera que o outro estava a resolver o seu problema sorrateiro de falta de beijo.

Desse jeito, ela estendia assim os seus lábios se chegavam, assim estava sendo beijada.

- “O que foi isto?” Perguntou a Vilhana, após ter beijado de volta, ele também diz:
- “O beijo entre namorados...”
- “Disse que sou adulta, imediatamente faço namoros de adultos e não um obtuso. Para seremos namorados, eu não te daria um “sim”, mas viria à tua casa e dar-te um “beijo”... só. Não é como o fizeste, deve ser, precisamente eu a te beijar.”

Após a deixa da Vilhana, o Nketyah avançava novamente uma vez que as suas mãos estavam ainda nas mesmas posições. Portanto puxou-a junto de si e dava-lhe o segundo beijo, então depois de dez segundos, a Vilhana lançou a colher na mão destra e pousou no referido sofá o copo do iogurte, assim abraçara o Nketyah com as duas mãos, tocando-se os dois peitos. O beijo estes durou cinquenta segundos.

- “Chega já, Nketyah... não é assim que eu imaginei-o, o primeiro beijo.” Mandava-lhe a Vilhana, após uma ligeira pausa no tal beijo, mas ele implorou:
- “Só mais um pouco, Vilhana. O beijo foi tão... bom... Ainda o quero...”
- “Como é possível o meu beijo ser bom? Nunca tinha beijado ninguém antes disso. Não sou virgem nem beijara ninguém.”
- “...Isto explica os lábios macias que tens... O meu desejo de beijar-te ainda não terminou. Beijarei então outra coisa.”

Disse-lhe o Nketyah, seguidamente beijava-a o pescoço e, a Vilhana, defensivamente protegeu-se com o ombro direito e o queixo deixando, desse jeito a sua orelha vulnerável ao Nketyah que normalmente colocou a tal orelha na sua boca morno e suave,

em tal caso a Vilhana sentira um prazer que nunca sentira na vida, de igual jeito ela se endireitara no colo do outro. Envolvidos quinze segundos, ela segurou as duas mãos do Nketyah controlando o mesmo não lhe tocar nas partes íntimas, à vista disso a mão canhota estava posta após os seios e a destra sob o ventre. De outro lado, o Nketyah usava as mesmas mãos presas para controlar as prováveis fugas da outra. O beijo na arelha durava quarenta e cinco segundos.

- “Estou a ficar mole, Nketyah...” Quase sem voz, a Vilhana afirmou ao Nketyah que inicialmente adorou o som daquela frase. Para evitar a briga, perguntou-lhe:
- “Paro com isto, Vilhana?”
- “Não, não pares ainda desejo senti-lo...”

A ordem da Vilhana ao beijo na orelha dera-lhe o envolvimento psicótico, por isso ela sentira-o ardentemente. Com isso, em cinquenta e cinco segundos ela gemia, em cinquenta e nove segundos, a moleza no corpo fez com que a Vilhana deixasse de segurar com toda força as mãos do Nketyah junto dela, inclusive, ela conduziu a mão canhota dele tocar e apertar o seu mamilo esquerdo. Depois disse ela a ele sem fôlego nem força nas veias:

- “...Estou... estou... Nketyah, nas... nuvens!”

A frase fora dita de olhos sempre fechados, não se sabe a pura semântica daquela frase na mente da Vilhana, porque após a frase, ela perdera completamente o controlo quer sob as mãos do Nketyah quer sob o próprio corpo, mas sabe-se que na cabeça do Nketyah a semântica daquela frase foi: “Faz de mim uma mulher”. Logo então, com a mão canhota, o Nketyah golpeou o copo de iogurte posto no sofá, deitava a Vilhana no tal sofá tirando igualmente a sua blusa, brevemente ele deixara de beijar a orelha mas os mamilos da outra que permanecia de olhos fechados e gemendo por uma vida.

- “Tens a certeza disso, Vilhana?”

O Nketyah perguntou à Vilhana que nada ouviu, por esta estar presa num mundo onde nunca entrara na vida, o mundo cheio de prazeres carnalmente proibidos. O chupo de mamilos deram o acesso ao remoção daquela calça *jeans* com tudo que estava deixo dela, em auxílio da própria Vilhana que gritou em línguas incógnitas quando ele beijava a sua parte íntima, e ele lá ficou durante meia hora, dedicou-se com a própria alma e espírito. Aquando das penetrações, ele massacrou-a com toda a sua força, mas, tudo que ela conhecia na vida era justamente o sofrimento e a dor. Portanto, ela gritou gemendo nas portas da morte, ela lagrimejou cruelmente, mas ela não mandou parar, ela não implorou brandar e ela, também não pedir o “*abandon*”, até o Nketyah deixá-la depois de quatro horas de relações sexuais.

## Capítulo VI

—

### Regurgitação De Nódoas Negras



- “Onde e como... vim cá parar?”

Depois de ter sido deixada do acto sexual, a Vilhana dormiu uma sesta sem se mexer durante cinco horas, a menina que só dormia duas a três horas ao máximo. Com um vislumbre no quarto e dum desejo de se mudar de posição, ela abriu os seus olhos e vira que não estava na despesa nem nos dois quartos que conhecia de cor na sua casa, logo fez-se aquela pergunta. Sendo assim, o Nketyah é que trazia a pequena luz, com o som, ele acede a lâmpada e ela se traz de volta do além. De seguida olha as horas no relógio posto na parede sul.

- “21h? Não posso entrar em casa às 22h, o pai me mata nua!” Disse a Vilhana enquanto descia da cama procurando por sua roupa que não se encontrava no quarto. Ela olhou-o no olho e ele disse olhando a porta ao acesso à sala de estar:
- “Posso fazer alguma coisa? O que faço...”
- “Nada! Já fizeste muito... até demasiado.” Respondeu-lhe a Vilhana, já na sala enquanto ele estava à porta do quarto vestindo a sua calça. “O que está a acontecer? Esta miúda parece estar a evitar-me, afastar-me e no fundo tipo está culpar-me pelo que ocorreu entre nós...” Deduzia o Nketyah avaliando os movimentos da Vilhana que acabava de vestir a roupa interior e, naquele instante vestia a sua calça *jeans*. Então, na sequência ele tentou novamente a sorte obtusa:
- “Permita-me, no mínimo te acompanhar, Vilhana... à casa...”
- “Nada tens a fazer, nem me escoltar à casa... Irei sozinha e a correr... pela minha vida, Nketyah.”

“O que esperas da rapariga que fez sexo do modo selvagem com o pré-namorado e no não-primeiro encontro que nem é um “romântico”? Se exagero um pouco, então... o que pensar da rapariga que fez sexo com o rapaz pleno Africa sem sequer

conhecer o nome completo deste? Oh meu Deus, tire-me daqui, por favor!” Pensava implorando-se a Vilhana, enquanto o Nketyah demorava no quarto e ela terminava de colocar a tal calça no corpo. Quando finalmente ela tocava a porta para sair a correr à casa, o Nketyah chamou-a e foi logo abraçá-la pelas costas:

- “Não sei ao certo se é com a displicência ou jubilação, entrego-to, o colar de mascote “anjo da sorte”.

A Vilhana recebia aquilo já posto no corpo, a mascote “anjo da sorte” era, um pouco difícil descobrir que na mascote estava lá inserido um “anjo”. Porém, foi canja para a Vilhana vê-lo. Naquele momento, ela não queria olhá-lo nos olhos por mera vergonha, já ele, estava a ver uma das peças de roupa deixada pela Vilhana acima da estante de livros. De bruma e treva, a porta aberta a Vilhana tirando o colar do seu pescoço também dizendo suavemente:

- “Não posso aceitar esse fio do ouro, me parece muitíssimo caro... e, também eu...”
- “Insisto, Vilhana. Mesmo se não vais voltar nesta casa, mesmo se já não volto a ver-te ou falar contigo, quero que fiques... com este colar...”

A noite cerrada, o Nketyah implorava e, outrossim impugnava a Vilhana sair atravessando aquela porta. Em um segundo, a Vilhana entendeu que estava entre o colar de mascote “anjo da sorte” e a saída cujo ar respirado era um miasma intoxicado. Entre a espada e a cruz, ela preferiu a cruz da espada, após a tagarela do Nketyah sempre nas costas dela:

- “...Este colar é a melhor coisa que tenho na vida, pois pertenceu à minha avó que recebeu-o como o prenda de casamento da sua mãe. A minha avó presenciou-o a minha mãe quando esta ficou noiva do meu pai e, por sua vez deu-me a mim, no último dia em que a vi viva... Dou-to

hoje por tudo que me deste nessa semana inteira, Vilhana.”

Outrossim, a noite cerrada do amor errante terminara crivada de fogo curto da mentira que passou muito mal o dia na casa de uma irmã da igreja, motivo este culminou em chegada à casa tardia. A noite cerrada da paixão corrompível terminara em crivada de cinza de três bolos sanguinas do corpo da Vilhana, fruto do período ora em que ficara sem relações sexuais ora em que ficara a fazer as relações sexuais com o irmão da Vanessa. Sendo que os raios solares do dia seguinte deixara mesmo a menina Vilhana acamada. Portanto, sorte de ter uma médica em casa, a tia Rebeca tomou conta dela nos próximos três dias.

- “Cunhada, me deixaste com susto... vim para cá e ninguém me deixava ver-te.” A Vanessa afirmou à Vilhana após ter sido permitida entrar visitar a outra que não vira alguns dias. Com a oração dum poeta, a Vilhana ainda acamada disse:
- “Sabes, como são as ordens do meu pai. Não te preocupes, estive nas boas mãos...”
- “Ele não para de me ligar querendo saber de ti e já cá veio seis vezes desejando falar contigo.”

A Vanessa disse-lhe em códigos e sobretudo vigiando a tia e a Dorca, a seguir, anormalmente a Vilhana fez a carreta de levantar o olho e a sobrancelha esquerdo denotando: “Não estou mais interessada nele...”, no segundo que a Vanessa tentava perceber o sinal fora do contexto de acordo ao seu entendimento, a Vilhana pensava: “Desculpe-me Vick, não fui capaz de me segurar diante do teu irmão, decerto me acha uma “prostituta” ou uma “pega fácil”.” Sendo assim, a Vanessa questionava-lhe seriamente, ao mesmo tempo levantava a outra para cadeira sentar:

- “Aconteceu o quê? Só a verdade ouço... O Nketyah está tipo alguém que possui os quês no coração e apaixonado ao mesmo período.”
- “Na qualidade de irmã, o que achas que está a acontecer com ele?” Questionou a Vilhana fugindo naturalmente responder a inquietação da amiga que dizia-lhe:
- “Se não o conhecesse, julgo... que está só enfeitado por uma bela rapariga... Quê lindo colar, novo! Nunca te vi com um... igual, cunhada.”
- “Não reconheces este colar, Vick?” A pergunta da Vilhana levantou equivocadamente a Vanessa da cadeira no qual se encontrava sentada, de seguida a Vanessa rasgou de tal maneira o verbo ao dizer-lhe perguntando:
- “Devia eu reconhecê-lo?”

“Disse-me ele que pertencia a vossa mãe e anda há séculos na família Mvuvi. Este rapaz só deve ter-me mentido... mas, o que ganharia com a mentira, após a pura satisfação doada a horas!” Reflectia a Vilhana, face à posição da Vanessa em relação ao colar de mascote “anjo da sorte”. Na deixa de nuvem e sombra, ambas meninas se encontravam ao mesmo nível emocional. Numa mão, uma esperava por sua resposta típica ou não e, noutra mão, a Vilhana respondia a sua actual situação dum modo incorrigível:

- “O amor nos trai sempre...”
- “Eu aqui pensei que o amor era uma cena com o início e sem o respectivo fim.”

Exiladas do paraíso, com o sinal dado, o Nketyah que, tinha que estar a trabalhar naquelas horas, estava de pé na bancada da sua irmã aguardando a miúda de dois dentes à frente. Volvidos exactamente quarenta e quatro minutos, a Vilhana estava a sair para escola e como de hábito, a Vanessa dava-lhe os últimos retoques, mas, em contramão ela vira a cara do Nketyah, com visto disso mudara o seu percurso, indo directamente à escola. No

entanto, anteriormente ela tinha dado uns sinais ao Nketyah, no sentido dele não lhe seguir nem lhe falar. Respeitosamente ele deixou-a ir-se embora à paragem.

- “Nketyah, tens a certeza que não fizeste nada a essa miúda?” A Vanessa questionou ao Nketyah de mãos postas à cintura enquanto observavam a Vilhana indo-se embora. O Nketyah tranquilamente pensou e, posterior respondeu ternariamente: “Dá para ver que o amor é mensurado após os prazeres...”...:
- “Eu... nada... juro pela cabeça da mamã.”
- “Tá bom, eis o que vais fazer... depois de me contar tudo, detalhadamente na última vez em que vos vi juntos.” A Vanessa instruíu-lhe à base de errar aprendendo, logo então ele reivindicou marcando um passo em frente pra seguir:
  - “Não devia ir atrás dela, como os autênticos amantes fazem, Vick?”
  - “A que soava o riso dela?” A Vanessa novamente à luz d’além do bem e do mal perguntou-lhe do modo muitíssimo sério e a resposta tímida foi o seguinte:
    - “O quê? Nunca... ouvi... sinceramente, Vick.”
    - “Exactamente... tu tens uma vontade férrea e uma intenção meiga, mas temo por ti. A Vilhana não tem sonhos cor-de-rosa, ela meticulosamente não banha às águas doces e ela não espera de ti as peónias e os ranúnculos, nem os caros presentes e nem o próprio amor...”
    - “Desculpa cortar-te a palavra, mas falaste... exactamente como ela, Vick... Diz-me minuciosamente o que fazer. Apenas três dias o meu mundo se tornou vazio e eu não saio disso incólume.”

Horas vitais, o Nketyah precisou em coordenação com a Vanessa entender onde estava e com quem desejava andar de trenó nas

descidas do bairro Rocha Pinto, em parte. Pois, doutra parte, a Vilhana evitou os encontros com a Vanessa, simplesmente isto dava-lhe vantagem sobre o rapaz que lutava esquecer. Ironicamente a Vilhana continuava usando aquele colar, o fruto da única inesquecível tarde na vida. Sendo assim, a quinta-feira passou e ela voltou a evitar a Vanessa na sexta-feira ao meio-dia.

- “Podia passar o período das minhas folgas jogando videogames, conforme fiz estes últimos anos. Eu devia deambular pelas terras ermas procurando uma bela razão para manter-me vivo e reactivo e eu podia viajar ir ver o sol a pôr-se por trás das montanhas nevadas nas terras friolentas. Mas, nada disso é um sonho ou desejo... meu, Vilhana... pois te conheci...”

Tendo o Nketyah explicado amorosamente à Vilhana na passagem secreta da escola onde ela frequentava o ensino médio. Porém, anteriormente quando a Vilhana tinha avistado o Nketyah de pé no passeio após aquela saída secreta pensara: “O que estás a fazer aqui e como raio descobriste a minha saída preferida na escola? Permite-me romper com isto no seu respectivo limiar oficiosamente e oficialmente. Porquê não me libertes nessa minha tua paixão?” Seguidamente, o Nketyah terminava a sua frase aberta, de um jeito interrogativo:

- “...Devolva o que me roubaste na semana passada, Vilhana?”
- “Tentei avisar-te, aliás não tentei, avisei-te quem era eu, mas és muito teimoso. Tiveste que levar isto até ao fundo e, agora... vais fazer-te de vítima... como os...”

A Vilhana, para todos os efeitos, estava a introduzir a separação, muito antes do pior e graças a ela já tinham cinco dias de separação, embora faltando o cenário oficial. No meio do nada cheio do nada, o Nketyah, teimoso que era cortou-lhe a palavra, doravante estava a contar a versão do erro que carregava a vida

toda, enquanto isto a Vilhana jeitosamente tirava a bata escolar diante dele:

- “Antes que termines gostaria que me ouvisse por apenas dois minutos. Depois disso aceitarei qualquer decisão que tomares...”
- “Sou... toda tua... por dois minutos.” Afirmou a Vilhana com a cabeça erguida olhando desta feita o Nketyah nos olhos. Em segundo ele mergulhou-lhe o escuro:
- “...Tudo começou quando perdi os meus pais num acidente do comboio. Eu e os meus dois irmãos tínhamos que ir viver com um dos três dos nossos tios que na verdade eram os nossos pais-pequenos. O testamento do meu pai dizia que a pessoa dos três que viveria connosco num espaço de nove meses outrossim estaria no leme da gestão das suas empresas. Informação no testamento tinha que ser confidencial, mas, por um lapso os três irmãos dele, os nossos tios dominavam a mesma informação. Portanto houve uma guerra entre si e eu e os meus irmãos não tínhamos o período de luto... A guerra entre si durou dois anos e no final de tudo, decidiram cada um deles mora com um de nós. Assim, normalmente partilhavam o leme e dividiam os valores. A razão da guerra, ao cabo de seis meses, eu e os meus irmãos separados... há seis meses... ficamos gravemente doentes e nos cuidados intensivos. Ao fim de três meses, eu me recuperei e lá estava para voltar ao mundo de loucos e académicos, mas estava só... nenhum dos três tios lutava para ficar comigo...”
- “O que houve então? As empresas foram a falência...” Ela perguntou-lhe acerca da lacuna deixada na explanação, mas, contudo ele acrescentou normalmente:
- “Muito pior que isto, Vilhana... Os meus dois irmãos não tinham passado as três primeiras semanas da doença... A família juntos dos tios tentaram encontrar a causa raiz das

mortes dos meus dois irmãos, mas culpando o meu falecido pai. Dá pra acreditar nisso? Alegaram que o seu dinheiro que sustentavam a família toda e dava a formação a todos era de feitiço, logo todos tiraram os seus pedaços das três empresas do meu pai e faliram tudo... Para minha sobrevivência foi recolhido por pena pela mãe da Vanessa, a prima do segundo grau do meu pai. A família Luemba passava necessidade, o pai da Vanessa tinha sido expulso da empresa onde trabalhava e eu e eles fomos parar numa das casas que restava do meu pai... Três anos vivendo lá, os meus tios descobriram que a casa era do irmão dele, Vilhana. Tudo fizeram para vender e se dividir novamente os valores...”

- “E onde estava o advogado do teu pai?” Perguntou a Vilhana depois de deixar passar um dos alunos da mesma escola no meio deles. Por mais triste e desiludido que o Nketyah estava marchou para trás sem deixar de contar respondendo-lhe:
- “Na verdade, a advogada do meu pai é esposa dum dos meus tios, logo é sempre manipulada pelo esposo que mente muitíssimo bem... Não censuro a tia Helena, várias vezes, ela falou comigo chorando...”
- “Pensei que dissesse que era o dinheiro... de feitiço?”
- “Estavas a atenta. É dinheiro de feitiço quando querem-se livrar duma situação e é dinheiro do seu parente quando estão em crise. O homem é tão traçoeiro quanto o oceano... Por esta razão, estou diante de ti hoje e agora, Vilhana. Conheço o amor de ponta à outra, de igual forma conheço o ódio, sei e saberei amar-te. Não sou teimoso, mas tu nos separaste desde dia um com os resquícios do teu sofrimento. Tu sofreste se calhar não tão igual quanto a mim, pois eu sofria logo na curva tinha o amor e o colar no teu pescoço é o símbolo deste amor... Um lado da família ensinou-me o sofrimento e outro lado deu-me os alicerces do amor.”



Tendo o Nketyah explicado metade do seu sofrimento-amor à Vilhana que amolecia o coração com o contexto tido. As duas mãos dele estavam estendidas para voltar ter aquele amor. Sem o luar e as magnólias ao momento, ela recua ao invés de avançar, então entendera ele que tinha que verbalizar o seu maior pedido de sempre. Com o amor no coração, ele solicitou mesmo o amor da Vilhana, de forma suave e ténue:

- “Dê-me a tua mão e antes de confiar em mim como o fizeste no domingo último aquando da bancada da Vick, diz-me o que fiz erroneamente naquele dia, em apreço? Qual mal fiz-te eu, a minha rainha dos céus e terras?”

“Uau! Achas que és o problema no meio disto, o que te faz pensar que o meu afastamento deve-se ao teu qualquer capricho? Nketyah.” Pensou a Vilhana sempre de cara trancada perante o Nketyah que melancolicamente aguardava uma resposta pejorativa por parte da miúda que era segundo a sua mente, a melhor de todas conhecidas e desconhecidas. Contudo, a Vilhana deu-lhe a cara de repleto de mimos como a resposta, de seguida ela saía da posição de cara-a-cara mantendo as suas mãos dadas. O Nketyah, na qualidade de macho conduziu o andar, embora de volta ao portão principal da escola e ela, apesar de não estar a entender as manobras do Nketyah esperou atingir o fim da ideia do outro. Este fim soube-se quando o Nketyah ligou um dos carros estacionados em frente da escola com a chave a distância.

- “De quem é esse carrão, Nketyah?” Questionou-lhe a Vilhana, ainda de mãos dadas. Portanto o outro nem durou muito tempo pra lhe responder honestamente:
  - “De um dos meus tios...”
  - “Achei que não se davas bem com eles.”
  - “Não, Vilhana. Há caminho de poucos anos, os meus três tios pediram-me o perdão por tudo e também pediram o perdão a campá do meu pai, o irmão deles, por ganância que culminou na morte dos dois sobrinhos e agora vivem

recompensando-me. Sempre que tenho problemas ou doença são os primeiros a chegarem. Disse-lhes que tinha uma menina a conquistar para minha paz interior... Não hesitaram em dar-me o transporte... Tudo que te peço é um período de um mês, depois deste período, caso ainda desejares irs-te embora eu aceitarei, de ânimo leve.”

Após a palavra do Nketyah, a Vilhana estava a um metro e alguns centímetros do carro, com intuito de não entrar nele. Porém, após a palavra ele lhe abriu a porta. A dor da Vilhana fala mais alto, consequentemente ela entra no carro, nesse espaço ele dava a volta no carro agradecendo aos deuses, com um tique especial à deusa de amor, da beleza e da sexualidade, a Afrodite. Nesse entretempo, o Nketyah entrava no lado do motorista com a confirmação:

- “Um mês, sem mais um dia nem uma hora!”
- “Este é o teu presente de pedido de desculpa.”
- “Um telefone!”

A Vilhana exclamou abraçando o Nketyah apesar do lugar extremamente apertado, em seguida rindo tirava o tal telefone da caixa, mas o outro não acreditando pensou altíssimo ao ponto dela também ouvir: “Estranhas com um telefone de botões, Vilhana? A Vanessa tinha a razão. Este telefone Nokia não custa mais de...” A Vilhana alegremente olhou-o, por um fascínio mórbido parara de pensar alto e, doravante participou na tamanha graça da outra que do mesmo modo dizia-lhe:

- “Nketyah, não sabes o quanto este telefone me agrada. Precisava de um, o meu antigo, mesmo postos há dias no arroz não liga.”
- “Vilhana, meu amor, receio que este não seja de bom grato o teu presente de desculpa.” Informou-lhe o Nketyah tremendo, pois embora presos entre o bem e o mal, amor

residia entre si e este amor exclamou a Vilhana com aquilo na mão:

- “Não!”
- “O telefone que te trouxe está na porta luva, abra! Por favor, não estou a comprar o teu amor...” Em palavras rasgadas, ele explanava-lhe, de imediato ela abria a tal porta luva. Antes de tirar a caixa do outro telefone voltou a olhar pra cara do referido namorado do período de um mês sem mais um dia nem uma hora, diz-se:
- “Poupava valores para comprar um, Nketyah... sei que não estás a me comprar... mas, colocando-me presa à comunicação. Isto é “dialogo” e este último é o “alicerce” do...”
- “...Amor, Vila... Pois embora vivemos os tempos ímpios, a comunicação continua sendo o pilar base do amor, Vila...”

## **Capítulo VII**

—

### **Enquanto Houver O Amor**

- “Olá Avozinha, este é o convite para o nosso terceiro concerto, gostávamos muito que comparecesses.”

A Elsa diz à Vilhana após ter corrido à frente dela no sábado, no sítio infrequente no qual encontra-se a paz de corpo mas de alma nenhuma, depois de encontro juvenil ao pôr-do-sol. Naturalmente a Vilhana parou e, também a Elsa, subitamente um olhar perfeito predominava o momento. Acontece que as duas meninas nesse encontro juvenil na igreja tinham sido isoladas pela ausência das outras raparigas do grupo coral “Rocharas universitárias”. De força motriz, a Vilhana questiona-lhe ferozmente, enquanto levantava as suas duas mãos às costas:

- “Porquê o convite... agora? O que mudou? Pensa antes de responder, dado que só sabes fazer-me mal... ultimamente...”
- “Mudou... já tens um... namorado. É isto que mudou... Podes trazê-lo ao concerto.” Afirmou-lhe a Elsa, embora ter pensado anteriormente: “Já tens... A sorte no amor dá a azar ao jogo... lembra-se que a vida não é além de um jogo.” Em fracção de segundo, a Vilhana estava a responder-lhe comendo-a no olhar:
- “Aceito-o com uma condição, Elsa...”
- “Lola!”
- “Lola é a minha melhor amiga, e tu és a “Elsa”... Sempre que te chamei “Lola”, chamei-te com o amor.” A Vilhana corrigia a outra que olhando nos olhos voltou a pensar: “Ainda havia um pingo do amor nos olhos da Ana na barraca da dona Lady, noutro dia. Mas, hoje só vejo o vazio neles. Então, a Aline tem razão, eu magoei fortemente essa menina... meu... Deus...” A Elsa terminava os dotes pensativos com a pergunta forçosa, fugindo, de igual período o mau clima que estava a se implantar entre si, as duas meninas presas na paixão pelo dinheiro:

- “Qual é a condição?”
- “...Desde que me contes: “como soube do namorado” ou “quem” contou-te...”
- “Simples e canja. Foi a tua amiga...”

Disse respondendo a Elsa, de forma letal e simples, caladas decidiram ficar por um instante já que os outros jovens do mesmo encontro estavam a passar por elas. Seguidamente, os céus ascenderam em chamas, o dia solar cedia à noite luar enquanto os últimos raios solares davam a graça à luz da luminosidade ao solo sagrado. A Vilhana duvidou em gestos faciais e a Elsa confirmou a tal amiga, envergonhadamente:

- “A Vanessa!”
- “Esperas que eu acredite nisso?” Perguntou a Vilhana à Elsa baixando a mão direita das costas, mas, contrariamente dava olhada de cima a baixo à Elsa que enquanto recuava contra o vento e o amor da outra respondia com todo o pudor:
- “Tu não contaste-lhe o sucedido, Ana. Ela ainda acha que somos grandes amigas... Ela me perguntou como se eu soubesse dele e pediu-me para te auxiliar nisso e é justamente isto que estou a fazer neste precioso momento.”
- “Te diria o nome dele se não me tivesses chamado de “Ana”...”

Outrossim, a Vilhana ultrapassou fisicamente a Elsa ligando igualmente o seu novo telefone digital, sem que a Elsa visse-a. Portanto o ecrã exibia uma mensagem do Nketyah que decerto estava cansado ligando para ela: “O meu mundo ímpio moldou quando entraste com o teu amor na minha vida, Vila. Pois embora estou nesse momento distante de ti respiro o teu amor, ao ponto de abraçá-lo invisivelmente. O teu amor, ouço-o no vento, piso-o na terra, cheiro-o no ar do oxigénio, sinto-o nas chamas do fogo

e vejo-o nas águas doces.” Ao invés de ela mandar a resposta na mesma via, ligou-lhe:

- “Alô Nketyah!”
- “Não me diz que estavas a formatar o telefone?” Questionou-lhe o Nketyah, então arrogantemente ela descontava tudo tido há pouco com a Elsa, ao Nketyah:
- “Boa noite para ti também, estava viva esperando esta manhã quando estava a trabalhar no período matinal. De tarde e a tarde inteira, estava no encontro juvenil na igreja onde reside a regra de manter os telefones no modo silencioso e, eu, senhor namorado da Vila, acho sempre sensato desligá-lo. Foi o que fiz...”
- “Este encontro não envolveria também as tuas ex-amigas?”
- “Não sou nada de espécie sorumbático, apenas me submeti no meio de uma procrastinação envenenada com uma delas.” Em berros e chateada a Vilhana respondia a anterior pergunta do Nketyah que passado também lhe afirmava:
- “É perceptivelmente comum, as pessoas que têm a miopia não conseguem, de alguma maneira enxergar o letreiro na placa, mas a dúvida resiste em ti, meu lunar do sábado... Como aguentas isso, Vila?”
- “A curta resposta é: “Ao passar dos tempos, aquilo que fui e agora sou sofreu os respectivos demudamentos”...”
- “E a longa resposta?” Por dons dos pensamentos, o Nketyah deixou passar o mau vento entre si após a resposta da outra. Portanto serenamente perguntou-lhe, por consequente a menina na linha diz entendendo que a paz era necessária:
- “A longa, devemos deixar para um outro dia. Porque é longa no sentido lato do termo...”

- “Acabo de acordar após um dia árduo no trabalho, tenho todo tempo do mundo... todinho por ti. Não posso ter-te aqui comigo neste momento, no mínimo te ouço.”
- “O teu ouvido é que vai doer... Ela me contou instruindo...”

Ao implorar, o Nketyah ressentiu o amor nele superior que o ódio, já a Vilhana perdendo a raiva tida com a ex-amiga, sentira-se nos vales do abismo da vingança pelo dia passado só sem sequer sinal do outro que estava vivo. Como a tal, segundo a Vanessa, ela marcou um passo de cada vez e estes passos trouxeram a mania do amor perdido do conto da instrução tida há anos aquando da sua infância:

- “...A Lueji nasceu numa família radicalmente religiosa, os autênticos cristãos. Aqueles que nada fazem nos domingos, o dia reservado ao Deus... Os famosos domingueiros. Todos membros da família da Lueji recebiam a formação rigorosamente religiosa. Portanto a referida família estava repleto de servos fiéis a Deus, Porém... as quintas filhas da família da Lueji era, religiosamente especiais. Serviam, de que maneira a Deus e, curiosamente a Lueji era a “quinta” filha do ventre da sua mãe outrossim a “quinta”. Entretanto, a Lueji nunca se identificou com a religião. Ela achava a piada adorar um deus invisível, um que viveu e morreu há muito tempo, um que apesar de dizerem que é onipotente, onisciente e omnipresente demora uma eternidade para resolver um simples desafio... um deus que aceita as injúrias, as ignomínias, as desonras, os ultrajes, os vitupérios, os insultos, os opróbrios, as afrontas, os ofensas de seres abjetos... Com o tempo, a Lueji questionou o tal “deus”, questionou os respectivos princípios, os mandamentos e os propósitos. Os seus pais acharam que ainda era “criança”, o tempo lhe daria a fé familiar. A Lueji cresceu, a sua fé cristianismo não cresceu junto dela. O tempo



deixou a Lueji independente, em razão de tudo, ela se afastou da sua família... pois embora havia laços unidos, havia tantos choques no seio da família por causa da sua pouca fé e as perguntas que fazia tinham todas, a lógica, e justamente isto que irritava os seus membros familiares que assim chamavam-na de nomes opostos, como por exemplo: “feiticeira, bruxa, pecadora, ingrata e,” aí esta a minha preferida “sibila” ... Dez anos, a Lueji viveu fora da família e, posterior distante daquela fé... publicou três livros mundialmente “bestseller” cujo teor era “anticristianismo”. Nestas conferências... A Lueji vivia num belo hotel numa ilha... de gente fina e com a massa. Ao fim de um ano, uma noite de um dia qualquer... um domingo no meu calendário, o referido hotel estava a inundar... a ponte que ligava a ilha à terra foi a primeira coisa a ir abaixo... o hotel inundava matando uma alma de cada vez, Nketyah. A Lueji com o sangue a volta do seu corpo sobrevivência cada etapa daquela inundaçãõ, mas a noite era longa e a ajuda viria no dia seguinte, em contrapartida o hotel não chegaria até o dia seguinte. Pois estaria no fundo do mar. Logo então, a Lueji viu pela primeira vez na vida a chegada do anjo da morte, ela limpou o seu sangue e dos outros no seu rosto num lenço branco, no intuito de ver bem a sua morte a caminho... O desenho num lenço branco lembrou-lhe a crítica que fizera em torno da cara do Cristo que tem-se segundo aquele pintor, portanto sabia que ainda havia um Senhor que está lá muito antes de acontecer um evento quer desejável quer não-desejável, um Senhor que antes que cheguem os bombeiros, Ele está lá presente... Infelizmente, este Senhor era aquele “Deus” invisível, Um que viveu e morreu há muito tempo, Um que apesar de dizerem que é Omnipotente, Omnisciente e Omnipresente demora uma eternidade para resolver um simples problema... um Deus que aceita as injúrias, as

ignomínias, as desonras, os ultrajes, os vitupérios, os insultos, os opróbrios, as afrontas, os ofensas de seres abjetos diante Dele, a pedir a salvação. Foi então que a Lueji fez... A Lueji pediu a Presença desse Senhor... A Lueji informa a igreja, não sabe nadar mas, de repente a sua cintura estava dentro do mar e o resto do seu corpo acima, como se tivesse a boia no corpo... Trezentas almas estavam sendo caçados e comidos pelos tubarões que outrora eram objectos de vista no aquário do referido hotel. “Os tubarões viravam a volta ao seu corpo, sem sequer atacá-la” esta frase foi dita pelos bombeiros que tiraram-na na água no dia seguinte... A Lueji informa a igreja, durante o tempo em que esteve sob as águas, uma presença cheio de luzes esteve lá abraçando-a. Enquanto durava este abraço cíclico, ela se birrava com a imagem daquele homem repleto de luzes: “Porquê Você me deixou falar mui mal de Si? Não podia só dar-me uma bofetada ou pôr-me doente num período longo, para eu aprender a lição ou mandar um servo Seu alerta-me da loucura e perdição temporal?” Na sequência, a Lueji se respondia a si mesma das perguntas efectuadas: “Está a rir... espera aí... os meus membros familiares me falaram de Si... A bofetada do Kiame na pascoa no encontro familiar foi Você a me dar... com catorze anos fiquei muitíssimo doente durante dois anos, era Você a doença, lembro-me que conversava contigo até retomar os alívios de saúde incólume... Estava lá como o pastor Ngogu que ninguém sabia donde tinha vindo... ele, mas, como foi o pastor Ngogu, se este me ajudou a escrever o meu primeiro livro contra Si?” A Lueji percebera que este tempo todo estava sendo preparada para servir o Senhor, Nketyah...”

- “Uau, Vila... simplesmente uau!”
- “...Eu não preciso estar no leito da morte para reconhecer as armas ao meu favor, eu não intendo adoecer dois anos

para aprender a lição, a história da Lueji me ensina saber que na vida há altos e baixos, há obstáculos obscuros, portanto só devo ser... forte... face a obstáculos obscuros e baixos absorventes...”

A Vilhana já tivera chegado ao portão do quintal dos seus pais há muito, sabendo que a conversa sofreria o seu término caso entrasse ela ficara fora terminando o aludido conto. Para que conste, em parte o Nketyah estava na luz, já que se encontrava na sua casa, enquanto, em outra parte a Vilhana estava nas sombras de ser chamado a atenção, por hora tardia, apesar de fazer uma noite criança naltura. Com tudo exposto, ela atravessou o portão dizia preocupadamente ao outro noutro lado da linha telefónica:

- “Entro em casa devo desligar a chamada.”
- “Mana Avozinha, tomei a liberdade de remover as tuas coisas no teu antigo quarto, ao meu actual quarto e se me aceites passaremos a dormir juntas... como... antigamente.”

A Vilhana é recebida na luz desta frase cheio do amor por parte da sua irmã menor, a Dorca, logo, enquanto a Dorca e a tia Rebeca esperavam o contentamento da Vilhana que pensava inicialmente, já que tudo nela era uma partida: “Este truque da sedução pode ser ruim para mim na pessoa do nosso pai, Dorca. Tudo depois será descontado a minha pessoa...” Ao fim do pensamento, a Vilhana inquietou-se com a ideia que deveria tê-la deixado contente:

- “O que mudou, maninha? Há anos que não me chamas de “mana”. O dono da casa é que havia estabelecido isto...”
- “A doença que tiveste durante três dias é que mudou tudo entre... Olha, eu e a tia Rebeca percebemos o quanto és importante nesta casa, incluindo o papá, pese embora a mamã já sabia disso. Neste período, em questão a casa e o respectivo quintal ficou de pata no avesso...” A Dorca

sem água na boca explicava-lhe a sua ideia, de pé à porta da varanda. Entretanto a Vilhana cortou-lhe a palavra:

- “De pata ao ar, Dorca...”
- “...Tudo sujo... sem comida a comer. O papá jantou a sopa que a tia fazia pra ti...”
- “Sopas de doentes? Isto foi anormalmente nojento... e, vomitou?” De careta na cara, a Vilhana perguntou-lhe em gritos altíssimos, portanto a resposta foi assim:
- “Quem disse? Com a fome, nada sai.”

Entre a espada e a cruz, as duas irmãs acabavam de chegar no grande quarto, com os seus olhos postos no vazio absorvente, a Vilhana tirou o telefone no intento de separá-lo dos escutadores. Isto, normalmente acendera os olhos da Dorca que avançava junto dela afirmando em forma interrogativa igualmente, de forma admirada:

- “Ao remover as tuas coisas, vi um Nokia lá, tens dois telefones?”
- “Sim, o rapaz que estou a conquistar o terno afecto fez questão de dar-me dois, uma vez que acha que não sou boa em conservar e manter o telefone ligado.” Disse respondendo a Vilhana, mas anteriormente tinha deixado o tal telefone nas mãos da Dorca, posteriormente dera as costas à outra. Daí ouvia a irmã menor:
- “Deverias explicar ao primo da Vanessa que era meramente o teu telefone, um “doente”, mana.”
- “Sabes do irmão da Vanessa?” A Vilhana perguntava-lhe virando ao mesmo tempo, adiante a Dorca lançou o olhar à parede poente enquanto se explicava:
- “Sim, há semanas... chamam-se de cunhada. A mana não tem um irmão na idade de namorar alguém, logo o xadrez leva-nos a um primo dela que estás a namorar ou a se pretenderem... Não fazes essa cara, a mamã não sabe,

pese embora ter-vos visto a se chamar assim. Ela acha que te achas muito boa para todos...”

- “...“Boa demasiado ao olho de todos para ser namorada de um.” Acho que esta é a frase da tua mãe.” Afirmou indo pra cama se deitar a Vilhana, no sentido de sentir os confortos de uma cama que há muito tempo não sentia. A Dorca seguiu-lhe solicitando de maneira eloquente e persuasiva:
- “Eu quero o Nokia, mana...”
- “Em cima de cadáver do papá, se ele permitir... o Nokia é teu.”
- “O sangue nas nossas veias é mais grosso do que a água, sendo assim ele o permitirá.”

De outro lado, o sangue e a água grossura distinto, as manias do domingo foram quebradas pela mensagem traiçoeira do Nketyah que, por sombra de tudo se encontrava fora da igreja. Em contramão, a Vilhana se encontrava no interior da mesma igreja. O teor da referida mensagem: “Os domingos por muitos é um dia reservado para se adorar o Deus e, eu estou ébrio por ti, portanto estou aqui fora adorando-te a ti. Os domingos por minoria é um dia preparado para louvar o admirado mas, eu estou demasiado louco por ti, em tal caso espero-te como um apaixonado espera por sua amante, como um bêbado espera por outro álcool, como um noivo no altar espera por sua noiva. Alucinado e sedento estou eu com o meu amor nas mãos, venha amor meu.”

- “Combinamos encontrar-nos na tua casa... na tua casa, Nketyah.” Informou a Vilhana ao Nketyah nervosamente após o culto. “O namoro requer a tenacidade, porque dá imenso trabalho de base.” Pensava o Nketyah assim que respondia:
- “Porquê te chateais com a minha vinda aqui buscar a minha namorada, Vila?”

- “Porque a tua namorada só tem duas coisas importantes na sua vida. Sendo o cantar na companhia de uma guitarra e o... Esquece Nketyah. Tu só estás interessado em mim namorar...” Disse-lhe lastimosamente a Vilhana que dera-lhe as costas e se ia embora daí. Em razão de tudo dito, o outro gritou contidamente chamando assim a atenção de muitos féis que saíam daquela igreja:
- “Isto não é de tudo uma verdade, Vila. O quê houve?”
- “Devo cantar, já te tinha dito isso. Marquei com vida uma audiência com a líder das mamãs, no sentido de pôr-me no coral das mamãs, já que o seu período de ensaios é flexível e tu... me tiras de lá. Lhe expliquei a tua mensagem e ela me despachou... Aqui, as pessoas não estão a servir a Deus, mas fazem o favor a tal Deus. Eu quero contar para o Deus, mas me afastam, ainda há uns que querem namorar-me para me darem esse lance. Tu acreditas nisso, Nketyah?”

A gritaria era tanta que o Nketyah entendeu sentindo igualmente a dor da menina. Em segundo, pensou ele: “Não importa o lugar ou as pessoas, uma voz feminina pertencente às maravilhas do canto, todos se rendem. O que está a acontecer com esta menina que todos expulsam do canto? Isto me parece uma breve miragem do sol.” Assim sendo, a Vilhana ia avante rapidamente na direcção oposta do carro emprestado pelo um dos tios do Nketyah que corre, pega-a na mão e ela para confessando suavemente:

- “...O canto na sombra de uma guitarra e o cavalo são as únicas coisas na minha vida. Tive um curto período no rancho cheio de cavalos, antes de tudo ir água abaixo. A minha tia-mãe me tinha prometido um cavalo, uma semana depois faleceu, Nketyah, fiquei sem o meu cavalo...”
- “Antes de tudo?”

- “...Tenho memórias, não são bem memórias mas fragmentos de memórias onde houve várias grandes brigas envolvendo o meu pai, a minha mãe e um tio meu, o primo de terceira grau da minha mãe e, mais uma tia minha, a irmã cassula da minha mãe. Como era eu uma criança, não tenho nitidamente as imagens de memórias na minha cabeça. Entre estes fragmentos, eu fugindo da minha própria mãe indo refugiar-me a esse tio que também chorava-me feito uma criança... parecendo que estava a me perder, em contramão, o meu próprio pai me dava à tia, a irmã cassula da minha mãe... A minha mãe no chão sem sequer desejar-me mas sangrando e ninguém naquele meio se oferece ajudá-la. Depois de brigas, já não houve mais brigas mas, sobretudo eu perdi a estadia juntos dos cavalos e fui morar com a minha tia-mãe... A minha primeira paixão me foi tirado nesta altura. Agora, a Elsa, a minha melhor amiga que me ajudou a superar a perda da minha primeira paixão, está a tirar-me a segunda paixão.”
- “Vamos ao carro... do outro lado.” De modo suave, igual da Vilhana, o Nketyah ordenou, seguidamente estendeu-lhe a mão direita, de maneira voluptuosa. Não foi o modo da fala nem o tom usado na expressão mas o sentido do teor da frase que, irritou, de tal maneira a Vilhana que posteriormente perguntou em berros:
- “Não ficaste de devolvê-lo ontem? Eu não vou no teu carro.”
- “Então, ficas aqui, naquela pedra enquanto pego-o.”
- “Não vou ficar aqui...” Teimosamente a Vilhana insistiu na recusa, logo com gritos em chamadas do fogo do amor, o Nketyah ordenava a sua namorada que quietinha ficara e, nos momentos posteriores sentara na pedra sugerida:
- “Senta naquela pedra, Vila!”

## **Capítulo VIII**

—

### **Sombras Da Escuridão Amorosa**



No meio daquilo bonito, a Vilhana aproveitava as chamadas do momento para pôr fim aquilo que estavam a lutar ter os dois, ainda mais já havia a gritaria do outro no meio. Posteriormente, o Nketyah chegou junto dela com o tal carro, infelizmente a Vilhana teimosamente não queria entrar nele, de jeito nenhum. Para avariar a rua estreita onde nenhum carro passava, mal o Nketyah estacionou o carro naquela rua havia mais duas viaturas necessitando da mesma passagem. O Nketyah estava fora daquele carro apesar de tudo e como qualquer um, perguntava à Vilhana, em berros:

- “O que queres que eu faça, Vila?”
- “Quero que abras os olhos... estás a namorar uma rapariga cuja irmã menor estuda dois anos diante dela. Tenho 22 anos ainda estudo décima classe... sou uma rapariga cujos pais não se importam se estou viva ou não... tudo que estes pais sabem fazer é implantar as armadilhas no intuito de matar-me de surras. Quê tipo de mãe, arriscas dar aos teus futuros filhos, Nketyah?”

A luz das informações em formato de pergunta vinha deste lado e as buzinas e ofensas vinham do outro, o lado de outros condutores, fruto do carro estacionado na via pública. Apesar de pesares, o Nketyah não movia aquele carro sem a alma da Vilhana dentro nele. Sorte da Vilhana a rua escolhida era uma traseira da igreja, caso contrário o multidão seria os seus irmãos da igreja, pese embora havia de pé um ou dois assistindo. O Nketyah ordenou-lhe arrastando-lhe, no sentido figurado da palavra, ao carro:

- “Se estudas décima classe, isso não me impugna, menos me importo com os teus pais, Vila.”
- “O meu nome não é “Vila”, é Avozinha... Ana e...” Do tom mudado de suave a um moderado, a Vilhana corrigia o outro que não estava interessado senão no:
- “Vila, entra no carro!”

Ao passo de camaleão ela entrou, se instalava e o Nketyah ia entrar no lado de condutor pedindo o perdão aos outros condutores atrás que nem queriam saber da sua mão levantada a pedido deste perdão, mas tirar daí o seu carro, de uma vez por todas. Sorte dele havia deixado o motor do mesmo carro trabalhando, por outra arrancava o carro e a Vilhana sentada como uma menina de poucas amigas dizia timidamente sem sequer olhava o Nketyah:

- “O sofrimento e o desprezo é tudo que conheço. Perdi quatro anos escolares na minha vida e não sei explicar-te o porquê, em outra sei explicar-te que em nenhuma casa dos meus tios e tias sou bem-vinda. Numas casas, fico lá por apenas dois meses depois me sinto estrangeira, noutras apenas semanas até sentir aquela sensação de não pertencer. No entanto, em todas casas, inclusive na casa dos meus pais, os membros familiares deixam, claro que a minha presença trará o infortúnio à terra onde habitam. Isto é um evento cataclismo pra uma criança, Nketyah... Vendo gentes ditas tuas falando atrás das tuas costas é catástrofe, é perturbador... sinistro...”

“Mulher, mudaste o meu viver, até o silêncio do mundo me fascina porque, sei que ouvirei a tua voz ora pessoalmente ora via telefónica. Até o ruído de tudo movível no mundo me agrada quando me lembro que nele o som da tua voz, Vila. Mulher, entraste com tudo no meu pequeno mundo, até a mão da morte não me assusta mais, quando sei que te amei nessa encarnação. Até aqui o teu amor tornou a felicidade num meu melhor amigo...” O Nketyah pensava dando a sua mão destra à Vilhana ficando apenas com a mão canhota no volante. Sorte dele o carro era de caixa automática. A mão dada acalmava a miúda e ele verbalizava o seu anterior pensamento:

- “Vila, és uma mera relíquia ao meu olho de miopia policial, és uma mera preciosidade às aspirações da

minha vida, pouco importa o que és diante deles, és isso tudo pra mim, a pérola. Vila, és uma mera joia, eu fora do teu precioso amor estarei tão perdido...”

O Nketyah parara de falar ao meio daquela conquistar do terno afecto direccionado ao coração da marca negra pertencente à Vilhana que estava excessivamente ébrio no amor. A paragem deu-lhe o espaço de pensar concluindo a sua palavra: “...Quero que isto nunca termine, quero que me leves sempre de volta à casa e quero estar sempre nos aconchegos do teu abraço vibrando o teu puro e inocente amor. Por favor, peço-te que não abandones-me aqui, neste ímpio mundo, Vilhana.”

– “Leve-me para tua casa, Nketyah!”

Em modo de implorar, pediu a Vilhana ao Nketyah, sempre sem sequer olhar directinho a ele. Nas passagens, o Nketyah respondeu-lhe ironicamente depois de ter pensado inerentemente: “Já cometi esse erro no domingo anterior. Neste não volto a vacilar, Vila. Risquei perder o teu amor após ter-te desonrado no domingo passado. Agora, só pretendo conquistar o teu coração, escolhi em coordenação com a Vanessa o teu amor do inferno...”:

- “A semana passada conhecias-me apenas pela voz. Durante esta semana, o que receavas saber de mim, particularmente?”
- “Desejava saber o som do riso teu, pois a Vanessa dizia-me o quanto era lindo ouvir-te rindo. Mas, em suma o teu nome completo é que foi a minha tortura nessa semana. Não digo que te namoro sem poder responder as perguntas a volta dos teus dados pessoais.” Notificou a Vilhana sempre de olhos desviados dele, porém ele a olhava bem sem medo nem vergonha, então ternamente diz-lhe ele:
- “Então, façamos o seguinte: conto-te tudo ao meu respeito, mas te levando nos respectivos sítios,

primeiramente. Ou seja, levo-te onde nasci, em seguida digo-te...”

Sem sombra de dúvida, ele estava empenhado em ter aquele amor que tudo diz sem mensurar as consequências. Com o amor, o Nketyah levou-a inicialmente à casa onde nasceu contando-lhe o nome que tem, o “Nketyah”, porém, na casa onde nasceu nada disse à Vilhana que de igual modo nada tinha que perguntar. Seguidamente levou-a à igreja católica, a Catedral Nossa Senhora dos Remédios no Primeiro de Maio, de pé no pátio da igreja, disse-lhe ele, do modo romance lamecha:

- “Nesta igreja foi baptizado com o nome do Nketyah Pedro Mvuvi.”

De mãos dadas interligadas, voltaram no carro na jornada que ainda estava distante de terminar. Desta feita, com o mesmo amor, o Nketyah levou-a à ACM escola no bairro Petrangol, aliás aquando do passeio ninguém passava palavra a ninguém, de acordo as balizas traçadas no início de tudo. Postos de pé no portão fechado da referida escolar, sempre de mãos dadas, o Nketyah informou-lhe com muita vontade de beijá-la lá:

- “Nessa escola, fiz a primaria com a professora Maria. Podes fazer ciúmes à vontade, ela foi o meu primeiro amor secreto. O amor não-pronunciado...”

A Vilhana sorriu, ao invés de fazer ciúmes. De volta estavam dentro do carro para um restaurante situado mais ou menos nas esquinas da escola. Com os benefícios do amor, o Nketyah estacionou o tal carro, desceu logo abriu a porta do lado da Vilhana e, de forma terna conduzia-lhe para interior daquele restaurante. Nada disse-lhe ele, sentaram nos assentes indicados. Nada disse-lhe ele, foram servidos com o prato do dia, daquele dia. Nada disse-lhe ele, comeram a sobremesa indiciada pelo dedo indicador da Vilhana ao garçon. Nada disse-lhe ele, saiam sem

sequer fazer a digestão após as refeições. Disse-lhe ele nada mas isto o seguinte, no meio entre o restaurante e o carro:

- “Este foi o restaurante que comi com a minha mãe e o meu cassule irmão antes de faleceram os dois. Eu e o meu irmão não tínhamos calçados, nesse caso a minha falecida mãe trouxe-nos à praça dos kwanzas comprar uns e no regresso paramos neste belo restaurante comer.”

Sem o calor de displicência, o Nketyah e a Vilhana estavam de volta na jornada de nome conhecer o meu “único e primeiríssimo” namorado tanto na informação como no sítio. Com os resquícios e os fragmentos do amor, ele levou-a nas profundezas das belezas da Ilha de Luanda num sítio cujo nome é dispensado, uma vez que faz parte de dois lugares em simultâneo. Isolado era o alocado sítio porém, as suas pernas pisavam a área molhada, subitamente ele metera a sua perna direita quase na área molhada dava uma rosa branca artificial à Vilhana que se metera de pé e reta diante dele, como o momento de se pedir em casamento. No momento em que ela recebia a tal flor, ele adicionava dizendo:

- “Nesse lugar, dei o meu primeiro beijo... pena que não sei dizer-te o nome dela, pois ela era gémea e eu não cheguei de distinguir qual delas beijei...”

Durante o tempo em que o Nketyah pensava lá tinha tudo terminado, se pôs de pé e ia-se embora daí, por contra a Vilhana seguiu-lhe e abraçou-lhe pelas costas. Ele, assim que tentava saber o porquê daquele abraço sazonal, virava recebendo o beijo no mesmo sítio. Lamentável, desta vez, ele estava sendo beijado e não contrário. Naturalmente, o beijo demorado tirou-lhe o desejo do beijo tido no solo do seu baptismo. Sem precedente, a jornada tomou de volta o seu lugar, até a faculdade de ciência na Marginal ou Mutamba:

- “Nesta alegria para ninguém, sofrimento para todos os estudantes que cá passaram, fui licenciado aqui, há quatro

anos... Durante a formação, tive duas... namoradas... não eram tanto quanto brilhantes como “tu”, minha raridade.”

Em todos os lugares, este último deixara o Nketyah basicamente triste e esta tristeza foi combatida pelas estilhas do amor. Com os resíduos do amor tido na vida inteira, o Nketyah de mãos dadas e nas outras mãos, os buquês de flores comprados na entrada do tal Cemitério de nome Alto das Cruzes. Parados nas campas, o Nketyah e a Vilhana repleto do medo, apesar de companhia de muita gente nele, em função da hora mais ou menos tardia. Sem ela nada dizer disse-lhe o Nketyah, meigamente:

- “Estas duas são campas dos meus pais e estas aqui são dos meus dois irmãos. Desde que aqui foram enterrados, hoje é o primeiro dia que chego até aqui, a última vez fiquei ali chorando. O vazio do amor que todos eles deixaram no meu coração, tu, incrivelmente preencheste-o com o teu amor. Vila, eu não te amei no domingo passado, eu já te amava, eu já estava bem com o teu amor dado pelas palavras da Vanessa. Há meses que sei que és mulher pra mim, não há no planeta nenhuma diferença que te tire de mim...”

A palavra estava sendo demasiado cativante, a Vilhana colocou o seu dedo indicador da mão direita cruzando os dois lábios do Nketyah. De seguida, saíram abraçados, ou melhor o braço esquerdo do Nketyah segurava a Vilhana na cintura e, igualmente o braço direito da Vilhana segurava a cintura do Nketyah, desse modo, os dois saíram do aludido cemitério. No seguimento, a hora não era o seu amigo, ainda assim chegaram à ponte que liga o bairro Dangereaux e a urbanização de Talatona, em Luanda. Tendo passado uma hora e alguns minutos, lá estavam na ponte.

- “Na semana em que eu comecei a conduzir, fiz nessa ponte um grande acidente... o meu primeiro e se não fosse o *airbag*, estaria morto hoje, Vila...”

O dizer sombrio do Nketyah trouxe novamente um mau clima ao ambiente tido entre si. O olhar de uma pessoa que escapou da morte é tão apaixonante de uma pessoa que está a beijar na chuva, só que esteve numa destas situações, sabe o estado do Nketyah e da Vilhana, naquele momento. Espontaneamente, se encostaram contra a luz naquela ponte, com toda a certeza as viaturas que passavam não poderiam vê-los. Sem dúvida, o Nketyah abraçou dando outrossim um beijo distraído à Vilhana que não fugiu-o preferido morder levemente o seu lábio inferior enquanto também tampava com a palma da sua mão direita os dois olhos do Nketyah.

- “Quê este beijo termine a jornada!”
- “Que beijo? Isto aqui foi uma mordedela. Não sangraste, Nketyah?”

Presumivelmente, as horas diziam que tinham que correr para casa dos pais da Vilhana, após os dois ter visto os seus relógios nos pulsos, uma depois do outro. Obviamente, o seu regresso à casa não teve falas, excepto se registou os olhinhos. Logicamente, chegaram a volta das 21h e meia e, sorte da Vilhana, o seu pai, novamente não se encontrava em casa para qualquer interrogatório. “Se o universo não tivesse o amor, a tua beleza o criaria, Vila. Mui obrigado pelo dia maravilhoso que faz jus à tua presença.” A mensagem enviado pelo Nketyah assim que a Vilhana entrava em sua casa, uma vez que tinha sido deixada nas esquinas da sua rua, com visto a evitar o seu pai, o senhor Mpanzo. Consequentemente, monologou antes de cumprimentar o pessoal:

- “Ele já está a ganhar a poção mágica do amor... para connosco. Devo estabelecer diferentes perdizes na nossa pereira. Doa quem doer!”

De outro lado, as perdizes numa pereira foram sim estabelecidas, mas não pela Vilhana. Ao fim de um mês, a Vilhana e o Nketyah

se encontraram três vezes em casa do Nketyah, e, estes encontros não passaram de abraços e de quase beijos. Então, a Vilhana estava a forjar o quarto encontro no mesmo local. Para efectivação deste, ela fingiu ir à escola pleno sábado, pese embora havia algumas aulas nos sábados. Assim que ela saía após ter-se aperaltado, a Vanessa tinha que ser a avalista do preparo.

- “Boa tarde, Vick!”
- “Que os meus bons olhos te vejam assim tão conchegada. Espetáculo! Me disseste que não tinhas a escola, hoje, cunhada.” Afirmou e elogiou a seguir a Vanessa à Vilhana que meigamente soltou um sorriso depois a fala do sopro amoroso a ela:
- “Calculava que podias dizer isto. Há um mês que o teu querido irmão não me beija, literalmente, houve decerto inúmeros encontros e saídas. Hoje, muda-se este clima dúbio... Esta vermelha saia me garantirá isto.”
- “Não é as saias que te deixam deslumbrante, mas, sim as suas pernas grassas. Além disso, tu e o Nketyah sois namorados, logo se ele não beijar-te beija-lo tu... Ana. Porquê estás a ser picuinhas?” A Vanessa instruiu-lhe em termos menos usados e, ao mesmo tempo colocava-lhe o labéu vermelho ao combinar com tudo. Para o registo do nada abjecto, a Vilhana perguntou à Vanessa descaradamente:
- “O Nketyah já te beijou?”
- “Xéeeee! O meu irmão? Não. Que pergunta é essa?”
- “Então, não sabes de que falo... ser agarrada pelo teu irmão é algo lúgubre.”

De forma certa, a Vilhana disse aquilo ao entendimento incerto da Vanessa que olhara para baixo envergonhadamente pelo atrevimento. Sem um final terroso, a Vilhana rodopiou uma única vez mostrando-lhe a saia e a blusa pela qual combinava. O facto que deixara a outra quase perplexa. De forma duvidosa, a Vilhana



dava sinal de que era o momento de sair dali, na bancada da outra diante dela. Nesse sentido, disse-lhe a Vanessa, de maneira vaga e, sem inspirações:

- “Ficaria ressentida se tivesse o amor na escuridão, o Luyeye dá a luz de um namorado.”
- “Viva cada dia, por si só uma vida!”

Disse pensando paralelamente a Vilhana: “Palavra de uma escuteira semifracassada e de uma cantora perdida no além... É de carácter obrigatório responder a todos os quesitos desta vida, Vanessa...” Nos momentos posteriores, ela recuou exactamente dois passos e, logo esperava a outra responder o seu anterior pensamento. Algo que era de doidos, já que a outra não sabia ler os pensamentos, muito menos ouvi-los. Tendo ela percebido a panorama geral verbalizou os seus pensamentos, de maneira vaga:

- “Sempre fui a professora de desculpas sem desculpa.”

“Gosto daquilo que vejo em vós, mas, ainda assim aviso-vos: “Quando mais fundo se chega mais o abismo fica escuro”...” Raciocinava a Vanessa no tempo em que a Vilhana ia-se embora daí. Tendo passado vinte minutos andando a pé, a Vilhana chegara à casa do Nketyah. Como era um encontro não combinado e sem aviso prévio, o Nketyah atende a porta do portão:

- “Quem é? Quem é?!”

A porta era batida com uma certa força que também indiciava uma autêntica falta de respeito, de uma parte. Já, da outra parte, a pessoa que batia simplesmente não respondia as perguntas do Nketyah. Portanto, só uma coisa pensara ele, naquele precioso momento: “Só deve ser alguém muito superior a mim. Um dos meus tios ou tias.” Sem opções, ele abre a tal porta, posteriormente avista a Vilhana. Com a raiva acumulado no

momento incógnito, ele puxa-lhe para dentro, fecha a tal porta seguidamente joga-lhe as costas contra o referido portão.

- “Há um mês que não te beijo propriamente, a minha luz do amanhecer...”

“Vim para além de um beijo, Nketyah...” Pensava a Vilhana, após a lingüareja insueta do Nketyah que também pensou enquanto beijava-a naquele portão: “Vila, a vida não é o que parece, mas o teu coração é a única coisa que venero nesta encarnação.” O beijo era excepcional, até passar a depenar os seus corpos a uma temperatura hostil. O Nketyah sem vontade de trespassar parara o aludido beijo, então diz-lhe ele suavemente:

- “Não respondeste a minha mensagem de “bom dia” nem de “feliz noite”. Achei que não tinhas a escola, hoje.”
- “Disfarce para poder passar o dia inteiro contigo, hoje.”
- “Então, estamos tendo um encontro escaldante, Vila?”

Ficando lado ao lado, a Vilhana não respondeu a pergunta do outro, passou-se de despercebida. Ficados lado ao lado, o Nketyah puxou-lhe na mão canhota até um betão com uma certa altura, onde sentou após ter avaliada que não podia lá sentar a Vilhana devido à saia, pois ficaria logo exposta. Ficar lado ao lado, ele puxou-a entre as suas pernas abertas, logo ela entendeu que estava sendo novamente beijada, conseqüentemente se rendeu ao acto apaixonante. Ficai lado ao lado, os dois estavam-se beijando, de modo escaldante... o beijo demorado fê-la implorar-lhe, de forma surreal com os olhos bem fechados:

- “Não pares, Nketyah... ainda quero o beijo!”

## **Capítulo IX**

—

### **As Rédeas Da Vida**

- “Há uma coisa que comprei alguns dias atrás e devo entregar-ta hoje... uma prenda... correspondente ao período...”

O Nketyah contradisse a Vilhana que morria de vontade de continuar sendo beijada. Depois do dito, ele observou-a e, finalmente deu conta que a sua namorada não se lembrava do “período” estipulado. Sem fazer o caso, nem lhe fazer lembrar, sob pena de ser mandado acabar, limitou-se a levá-la para interior da casa, propriamente na sala de estar e em cima da mesa estava a tal prenda que era um cavalo mustangue de cristal, com os arranjos e tudo. Face a isso, ela gritou desmesuradamente:

- “É um cavalo “mustang”...”
- ““Mustangue” também conheces as raças de cavalos?”  
Questionou-lhe o Nketyah quase sem o ar nos pulmões, imediatamente elucidava-lhe a Vilhana:
- “Os mustangues ou bravios são cavalos famosos... Os assilvestrados... que se encontram nos Estados Unidos. Os descendentes diretos, de acordo o meu tio Ntoka de cavalos europeus, há séculos atrás... Nketyah.”
- “A moça na loja falou-me tanto deste cavalo, mas...”  
Dizia o Nketyah até ser cortado a palra pela Vilhana emocionada pela prenda entregue, a seguir diz-lhe:
- “A prenda... um cavalo, uau! Tens ouvido o que tenho-te contado, Nketyah.”
- “...Este é o presente de um mês do namoro contigo, Vila. Nada nesta vida me deu tanto prazer de desejar estar vivo como “tu”.”
- “Os lemes beras da minha vida que não fazem jus à tua bela presença... conforme a tua mensagem enviada...”

A Vilhana lhe disse agarrando-o também ao beijo. Embora, o Nketyah não tivesse entendido a frase, o beijo era o mel que lhe limpava a sua vasta memória. Quando os seus olhos também subiram à mente, os dois foram parar no tapete, a diferença era, a

Vilhana no topo. Envolvidos segundos, ainda estavam na fase de beijos ardentes sem avanço nenhum. Pois então, a Vilhana tocou-o e, de maneira não nítida viu os espermatozoides no crânio do Nketyah e, igualmente viu o amor nos olhos dele, seguidamente deu-lhe o tempo no intuito de avançar para segunda fase, porém ele não avançava, por conseqüente pensou ela lastimosamente: “Ele pensa que o sexo tido a vez passada é que é o problema, que eu vivo afastando-o cautelosamente por isso.”

- “O que se passa, Vila?”
- “Nada! Está tudo ótimo.”

A Vilhana respondeu ao Nketyah de forma dúbia, em seguida se deitou ao lado esquerdo dele e lá ficara. No entanto, o Nketyah continuava a cheirar sarilhos ao ar, então pensou posicionando-se na posição de sentar ao chão: “Há qualquer coisa que não bate bem aqui. Na última vez, quase fiquei sem o teu precioso amor.” No minuto em que ele insistia na mesma pergunta, ela também se sentava ficando cara-a-cara:

- “Sei que se passa qualquer coisa, de acordo a leitura da tua expressão.”
- “Pronto! Nketyah, és o meu alegre pavor. O meu maior medo misturado com a alegria e tamanha graça. Não tenho mais a paixão pelos cavalos... Paixão esta me foi roubado pelos mestres da minha vida. Cantei, com vista a agradecer ao Deus por estar vida hoje, por ainda ter algo a amar nesta vida após a morte da minha tia-mãe. Em tal caso, cantei esforçando-me segundo o Johann Strauss que disse: “A voz humana é o instrumento o mais lindo, mas o mais difícil de tocar.” Me acredita Nketyah, esforcei-me, aprendia diariamente os tons, a entoação e as coordenadas vocais, mas as minhas amigas me tiraram do grupo que criei, por ser o elo mais fraco do grupo...”
- “Tu é que criaste o tal grupo, Vila?” Perguntou-lhe o Nketyah depois de ter pensado: “Mesmo se estiveres as

milhas de distância, estarei contigo lado ao lado, Vila. Tudo que precisas de fazer é acreditar no meu amor.” Com os amores perdidos, a Vilhana continuou a explanação controversa ao ouvido do outro:

- “...Agora, não tenho os cavalos nem só um que a minha tia-mãe prometeu. Não tenho na manga o canto e, agora tenho-te a ti... algo que mexe e tem as vontades próprias...”
- “Acho que se diz...” Dizia o Nketyah até ser cortado a palavra brutalmente pela sua namorada que em tom alto perguntava-lhe olhando para o cavalo mustangue:
- “Vai-me corrigir a estrutura frásica ou entender a inquietação que perguntaste?”

Sem responder o quesito, o Nketyah moveu-se de cara-a-cara ao lateral, onde abraçara-a novamente. Morosamente os dois juntos se deitaram e, no final a Vilhana colocou a sua cabeça no peito dele. “Por favor, não espero que sejas como a minha tia-mãe que vive na minha memória como ausente mas nunca esquecida. Ainda assim, no fim do dia sinto aquela dor no coração.” Pensou alto a Vilhana, depois virou-se totalmente para com força abraçar o Nketyah que coincidentemente disse-lhe ternamente enquanto durava aquele bom abraço:

- “Não vou ao lado nenhum. Eu cá estou, nem mesmo o universo me tira de ti... muito menos as pessoas nesse mundo.”
- “Não conseguirei ultrapassar esse entrave, se te fores embora da minha vida, Mvuvi. Dás-me a ilusão de que a minha vida está novamente completa.”

A vida foi projectada desta forma, quem procura branco encontra negro, quem quer o doce, saboreia o amargo, quem deseja o baixo aparecer-lhe o alto, quem almeja o frio, tem o calor e quem só pretende o vento, obtém a tempestade e a Vilhana desejava aquando do plano da visita ter mais uma vez as relações sexuais

com o seu namorado, o Nketyah, no entanto estava apenas tendo os abraços culminados em beijos ignóbeis. Com isso, ela decidiu olhar aquela relação com o olho do coração e não da face, em razão disso viu que era um momento assoberbante para ter além do seu desejo.

No domingo de tarde após a missa, a Vilhana:

- “As minhas amigas querem-te namorar, Nketyah.”
- “Mas, elas já não têm namorados, todas?”

A Vilhana respondeu a pergunta do Nketyah pelo abano da cabeça vigorosamente, de forma positiva. Tendo os dois estado na Praia Amélia numa saída romântica após a missa da Vilhana, onde estiveram com as quatro meninas e junto do carro do Nketyah conversaram muito e quase viriam a esse encontro amoroso com as quatro meninas. Além disso, a Vilhana acabava de receber uma mensagem da Rosa no seu telefone. Consequentemente fê-la pensar alto, ao ponto do Nketyah ouvir. Naturalmente, como era de se esperar, o Nketyah atacou-a com tudo menos o ódio:

- “Lhes contaste do sexo que fizemos, Vila?”

Naturalmente a menina Vilhana mordendo os seus lábios respondeu a pergunta pirosa do namorado Nketyah com a cabeça vigorosamente. A seguir, apoiara a sua cabeça entre as mãos denotando o desinteresse, a ociosidade e o tédio. E, com o tédio no cérebro dela pensou dizendo-lhe depois de se pôr de pé e segurar uma das suas mãos: “Só acaba quando acabar, sem sombra de dúvida isto é má conduta flagrante.”:

- “Caso chegam a te namorar, te mandarei acabar. Porque não suportarei a dor...”
- “Me mandarás acabar do erro que comestes, Vila?” Perguntou-lhe o Nketyah, após ter pensado alto: “Quase certo, após uma dose amarga é que dá-se o valor ao mel.”

No futuro imediato ela fez questão que ele estivesse a vê-la dizendo-lhe:

- “Sim... mas, tu... não és um erro... és a coisa a mais doce do momento, Nketyah Mvuvi.”

No olho do Nketyah, a Vilhana tinha uma altura média que era a melhor de todas, tinha ela um corpo cheio, tão elegante com a esquebra de pernas grassas, a pele lisa e clara de uma genuína malanjina. Aliás, era uma menina que não saltava muito diferente das outras, ela não conhecia a adrenalina do nada, a saber, cigarros, tabacos, álcool e drogas. Uma menina que sabia dirigir-se na corrida da vida, o fruto dos quatro anos que perdeu aquando da sua infância. Portanto, isto lhe assentava os dois pés no solo. Em cima de tudo, ela era, simplesmente a melhor namorada que o Nketyah tinha na vida diferente das outras antes dela, incrivelmente. Porém, o Nketyah precisava dizer isto a ela, porque, em contramão ela sabia que nada era para o outro, mais cedo ou mais tarde seria descartada. Em tal caso, ele diz-lhe isto mas, apenas uma parte:

- “Tu és a única para mim, Vila.”
- “Prova-me isto!” Respondeu-lhe a Vilhana monumentalmente olhando e lendo pela segunda vez, a mensagem enviada no ecrã do telefone. Teve ele contra ideia:
- “O que tens em mente? Como to provo, Vila?”
- “Quero repetir aquilo daquela vez na tua cama... tudo... de novo, detalhadamente.”

Do modo envergonhado mas em voz firme respondeu-lhe a Vilhana que de igual modo deduzia enquanto aguardava por uma resposta hipotética: “Às vezes, eu própria não acredito que tive aquele momento contigo. Portanto talvez a repetição me dê outra plenitude, quer mentalmente quer fisicamente.” Na verdade, nem ela nem as ex-amigas que ela contou acreditavam naquilo, dado que era uma autêntica magia, um fenómeno. Se calhar, a maneira



pela qual contava-lhes o sucedido. A propósito, O Nketyah não chegou de responder nem se passou apesar de perguntar calmamente à Vilhana:

- “Diz-me, meu amor da cor d’água, qual é o teu maior medo nesse namoro?”
- “Nenhum, sinceramente nenhum, até ver... um licenciado namorando seriamente uma não técnica do ensino médio. Isto é o meu maior... medo.”

O Nketyah não tinha como se lembrar no limiar de tudo, mas, apenas se lembrava da longa conversa que a Vilhana acabava de ter com as suas ex-amigas, portanto deduziu que isto vinha daquelas loucas amigas. Antes de responder-lhe o Nketyah pensou seriamente: “As tuas cobras amigas podem estar a rir-nos à grande, mas não podem arrelhar-me imenso, de jeito nenhum...”:

- “Estou em pulgas saber disso, Vila. Dou-te duas opções se responderes eu renunciarei a minha licenciatura, desse jeito ficaremos ambos técnicos médios...”
- “Não é... para tanto... rapaz...” Disse-lhe ela dando outrossim uma volta. De costas contra o outro andara três passos avante. Em seguida ele seguiu e diz-lhe:
- “...Um licenciado e uma iletrada estão casados e superaram o amor... levaram o amor ao último nível. Sem as implicações nem as brigas feias nem a traição apenas o amor... no sentido amplo da palavra. Isto é a primeira opção. Já a segunda opção, um licenciado e uma licenciada estão casados e, o lar é mar do fogo do inferno. O lar é um lugar de pegar a faca com toda vontade de mundo para matar o outro, há tudo e, bem como tudo é possível entre si excepto o “amor”...”

As duas opções do Nketyah deixara a Vilhana fora da academia mas dentro do “amor”, dado que a resposta dúbia envolvia apenas

o teor “amor” e, justamente este amor era “algo” que ela não era especialista nem perita. Portanto a saída dita romântica registava uma partilha de olhares amorosos entre os dois pombos. Longe de ser uma parolista, a Vilhana perguntou irritadamente, ao invés de responder:

- “Que direito tenho de ser feliz no universo enquanto há mui sofrimento, Nketyah?”
- “Estás a devagar, Vila. Porquê não te fazes a mesma pergunta inversamente?”
- “O que vês quando olhas em mim?” A Vilhana perguntou-lhe derramando uma gota de lagrima no olho direito, mas o Nketyah não chegou de limpar-lhe a tal lagrima no rosto, apenas se limitou a dizer-lhe o seguinte, de coração oco e cavo:
- “Vejo que o mundo seria um lugar pequeno sem ti nele. Vejo que os meus afazeres não teriam nenhuma graça sem ti na minha vida. Vejo que tudo que sei e penso que sei, não valeria nada sem ti, na minha equação pessoal. E em cima de tudo, vejo uma mulher que o universo me preparou casar, uma que esteve toda a sua vida dentro da raiva, tristeza e sem aceitação, uma que esteve a sua inteira vida fora do amor e paixão... Tudo depende de nós para fazermos a nossa bela história de amor... Vem!”

A proposição final vinha outrossim com uma mão do Nketyah estendida à Vilhana que estava rendida ao momento incrível da sua vida. Sem a raiva onde esteve dentro, a Vilhana guardou o seu telefone antes de entregar a sua mão a outro. Sem a tristeza na qual esteve dentro, a Vilhana desfez aquelas quase mãos dadas para um abraço mais aconchegado, onde a sua cabeça era posta no ombro direito dele, enquanto iam para interior daquela barraca. Porém, com o amor, paixão e aceitação, a Vilhana manteve-se abraçada ao Nketyah mesmo dentro e sentados na barraca.

- “O nosso primeiro filho se chamará Ngoma, Nketyah.”  
Afirmou a Vilhana ao Nketyah dentro da barraca, para todos os efeitos, ele entendeu responder-lhe:
- “No próximo sábado, estou de folga... vamos repetir aquilo... em cima da nossa cama... todinho.”

Outrossim, não repetiram apenas as relações sexuais no tal sábado, como tornaram-nas uma rotina, uma virtude dum retrato da felicidade. Sendo que o sábado tornou-se fins-de-semana de luas-de-mel, estes se tornaram em dias e dias de semanas. As semanas de um mês que por sua vez se multiplicou em seis, então este namoro entre o Nketyah e a Vilhana. Aliás, este namoro deu poderes à Vilhana sob a Vanessa que dependia financeiramente do seu irmão, para pagar a sua renda de casa.

- “Há um documento que ninguém está a entender, mas não podemos cantar no grande concerto da Cidadela sem ser assinada, Avozinha.”

Tendo a Elsa dito à Vilhana no portão dos pais desta última. Para qualquer prazer, a Elsa havia estacionado o seu carro duas casas antes da dos pais da Vilhana. Mais, ao evitar um pecado mortal, as outras meninas continuavam dentro carro. Assim sendo, a Vilhana avaliava o tal documento outrora entregue pela Elsa. Quando finalmente esta avaliação findava, ela igualmente questionava-lhe e, no mesmo instante a Dorca seguia à irmã fora do portão:

- “O que isto tem a ver comigo, agora, Elsa?”
- “Parece que nos documentos oficiais da igreja Metodista, continuas a dona... do grupo coral...” A Elsa suavemente respondeu, denotando a perna suja da amizade tida há anos. Mas o ambiente incomodava a Vilhana que perguntou-lhe:
- “As tuas amigas não descerão do teu carro?”

- “Elas receiam...” A Dorca infelizmente cortou a palavra da Elsa ao dizer-lhes:
- “Se eu fosse a mana, mandavam todas para distante do portão, a um sítio seco sem cacto.”
- “Sai daqui, Dorca!” A Vilhana ordenou desandar daí a irmã menor. Logo, a Elsa sem cerimónia dum séquito de criadas a abaná-la a partir do carro, informou:
- “...Mandei-as ficar lá, para evitarmos tantas conversas desnecessárias.”
- “Mentiras!”
- “Dorca, já te mandaram sair deste recinto!” A Elsa contestou a exclamação da Dorca em voz apropriada, mas em berros a Vilhana entrava na defesa da honra:
- “Elsa, voltas a gritar mais com a minha irmã, tu é que vais sair daqui... tu é que estás a mais aqui. Eu e ela estamos a fazer os trabalhos domésticos...”
- “Peço perdão! As meninas estão a ver aquela possibilidade de voltares e seres a secretaria do grupo, Avozinha.” Calmamente a Elsa engoliu o mau clima e, a seguir sugeriu a ganância à outra como a proposta divina na emoção juvenil:
- “Já não há nada naquilo que desejo. Na verdade fostes amáveis para comigo quando decidiram remover-me do grupo por não saber cantar. Criei o grupo inicialmente para agradecer ao Deus e, enfim um meio de ganhar os valores monetários para as minhas necessidades e me preparar alugar a minha própria casa... Agora, graças a vós, conheci e namoro o Nketyah que me tem dado todos os meses vinte por cento do seu salário...”
- “Porquê um namorado teria dado esse todo dinheiro à namorada?” Perguntou a Elsa, ao mesmo tempo a Dorca recebia abruptamente da mão da irmã o tal documento. Enquanto isto, ela li-o e a Vilhana respondia vagamente a pergunta:

- “Ele é bem diferente de todos que já namoraste, Elsa. Ele simplesmente não gosta que as namoradas lhe pedem valores, antes que isto aconteça ele dá e cabe a namorada fazer a gestão dos seus valores até o próximo.”
- “Quê bom!”
- “Assino o documento se me prometer nunca me incomodar mais, pois já disse ao meu namorado que já não sou vossa amiga há seis meses.” Explicou-lhes a Vilhana explicitamente, de seguida tirava o referido documento da leitura da Dorca para posterior assiná-lo, mas a Dorca forçosamente ecoava as palavras:
  - “Em outras palavras, não são bem-vindas aqui! Lola... a gatuna...”

Mais uma vez, a Elsa ignorou o insulto da irmã menor da Vilhana no recinto. Os olhos estavam postos no documento em que a própria assinava as suas últimas responsabilidades do grupo coral outrora criado. A assinatura esta trouxe-lhe ao interior da terra no qual ressentia as cavernas vastas e as bolsas do ar, unidas por vias naturais e por vias da amizades partilhadas entre si. Ao terminar de assinar, a Vilhana disse o que nunca pensou dizer à sua outrora melhor amiga, a Elsa:

- “Adeus!”
- “Até à vista, Avozinha!”

As rédeas da assinatura daquele documento da “permissão” dera a Vilhana à luz da ida ao canto norte no interior do quinta vomitar, ou seja ela tinha sofrido uma placagem da sensação da perda total da sua criação. Entretanto, o acto regurgitado indiciava duas caras, contudo ela e a Dorca que estava a sua trás pegando os seus cabelos enquanto vomitava não fizeram caso, algo normal, elas viram. Com o estilo de uma abóbora, a Dorca disse-lhe com a voz alta e clara:

- “Sem intento de ser uma filósofica, deves parar de dar o corpo a doer a essas meninas beras, mana. Pare, fique de pé e dê a luta, uma vencedora nunca desiste, pois uma desistente nunca vence...”
- “Ficarei bem, prometo... apenas acho que comi algo que se revoltou no estomago e, quanto à Elsa...” A Vilhana, à rasca disse aquela frase à Dorca que novamente voltou a filosofar o momento de pouca ternura, enquanto segurava os cabelos:
- “...“Se estás a passar por um inferno, não pares.”...”

A frase filosófica tirou as náuseas à Vilhana que se voltou para a sua irmã. Isto não podia ser novidade para ela, já que a outra era a mais inteligente na família Mpanzo. Razão pela qual o seu pai a tinha como “querida e preferida”, no entanto o olhar dela dera a outra, uma ampla visão do termo usado. Com isso, ela continuou basicamente a tal frase:

- “...Não é de tudo minha filosofia nem pensamento mas do... O Winston Churchill...”

As lágrimas de gratidão, se calhar não tinha sido a presença indesejável da Elsa nem do documento assinado nem mesmo a citação da Dorca, senão o amor a se desenvolver nela. A lágrima de fascínios, a Vilhana se levantou indo ao quarto de banho calmamente na noite do mesmo dia aquando do jantar em família. Posta no quarto de banho vomitou novamente. De lágrimas de maravilhas, ela monologou toda arrelhiada com o amor:

- “Isso já não é da comida, Vilhana.”

## **Capítulo X**

–

### **A Encarnação Do Mal**

### **Alguns dias depois**

A ausência prolongada, a Vilhana evitou os encontros, as sms e as chamadas do Nketyah. Por outra mão, o Nketyah se esforçou encontrar-se com a sua namorada, mas os seus encontros dependiam muito dela do que dele para se realizarem. Nem mesmo a Vanessa conseguia marcar esses encontros, sendo que a Vilhana vivia dentro do seu quarto com os pensamentos postos nas mãos. Em ataque horrendo, ela embolsou-se de que não podia continuar dando passos no escuro, se havia outra mão a ajudar. Com devastação emocional, ela estava em frente do Nketyah que morria de saudades dela.

- “Oi Nketyah, calculei que estavas de folga... no serviço.”
- “Na verdade, estou de repouso. Três dias e sete horas sem te ver, sem ter uma mensagem tua, sem sequer ouvir a tua voz numa única chamada telefónica... O que estás a fazer comigo... me, minha rainha nos céus?”

Lamentavelmente, o Nketyah afirmou perguntando-lhe no fim da frase, após ter dado uns segundos a mais ao encontro, de modos a observar muitíssimo bem a sua menina. Sendo assim, tão sinistro como um raio, tão crua, muito prematuro, quão verde, mui imatura, a Vilhana respondeu-lhe com o olhar épico direcionado ao belo chão da residência do Nketyah:

- “Estou concebida, Nketyah...”
- “O quê?” Questionou-lhe o Nketyah, angelicamente, assim também puxava-a para dentro da residência. A confirmação terna por parte da Vilhana veio à baila:
- “Há dois meses que não menstruo...”
- “Como é que isto é possível?” Insistiu o Nketyah na negação, mas a outra na luz:
- “Fiz vários testes rápidas... da farmácia.”
- “Como é que podes estar grávida, Vila? No segundo mês do namoro, me disseste a razão pela qual não namorava



nenhum rapaz... O motivo era justamente evitar se engravidar nessa fase da tua vida, portanto eu e tu procuramos a solução... as pilulas... matinais.” O Nketyah finalmente esclareceu-lhe, mas, pouco adiantava porque a outra tinha o contra esclarecimento ao mesmo ponto em apreço, então:

- “Eu as tomava, todas as manhãs. Acho que isto ocorreu na semana em que a Dorca fez uma atrapalhada no nosso quarto. Ela tivera feito uma horrenda limpeza na qual fiquei uma semana sem encontrar os mesmos e... justamente nesta semana, te tinha pedido não fazermos as relações sexuais. Lembro ter-te dito que desejava comungar, logo tinha que ter uma semana limpa de pecados conscientes... Mas, tu não ouves... nem aceitas quer pequeno quer grande “não” como uma resposta.”
- “Agora, sou a culpa de tudo?” Em berros o Nketyah perguntava-lhe, por contra ela exclamou avançando em direcção àquela pedra no quintal do Nketyah:
- “Aihhhh!”
- “Além de mais, como sabes disso tudo? O período da limpeza, a falta de tomá-las na mesma semana e a semana de desejo de comungar na igreja, Vila?” O interrogatório não findava por Nketyah que levantara as mãos na cabeça. Brevemente a Vilhana estava a responder-lhe usando o mesmo estilo de estrutura:
- “O que achas que fiz nestes últimos três dias, trancada no quarto, Nketyah?”

Dissimuladamente foi perguntando a Vilhana em tom irónico, ensombrado com uma ponta de rivalidade e, depois da palavra pensava no meio disso tudo: “Não tenho nem terei os pés assentes no chão, se eu deixar essa gravidez ir avante, senhor meu namorado.” “É capaz ser verdade...” O pensamento este vinha do lado do Nketyah que ainda tinha que ouvir outra frase mágica por parte da Vilhana que lhe soltava uma explanada daquelas:

- “Aliás, sempre que uma namorada se engravida, a culpa... noventa e nove por cento da culpabilidade é do namorado, quem lhe engravidou. É assim a volta do mundo.”
- “Não sei quais dos mundos te referes, mas a protecção de gravidez sempre foi da inteira responsabilidade da mulher... A obra da mulher. Portanto, quando esta se engravida é porque quis engravidar-se... isto é apenas uma teoria, Vila. Ouve os factos, tu é que decidiste passar fazer as relações sexuais, em primeiro lugar. Tu é que deixaste de tomar a nossa protecção, em segundo lugar. Tu é que...”
- “Não faças isto soar como se fosse eu a te obrigar fazer o sexo comigo... apenas, pedi-te a repetição e tu é que tornaste-o uma modalidade desportiva... Quem vive de desejo sexual aqui entre nos, Nketyah? Eu?”

A Vilhana em berros perguntou aquilo ao Nketyah que caladamente reflectiu soltando os olhos aos céus à busca da sabedoria: “Eu nunca sonhei encontrar uma pessoa como tu, Vila. Nunca imaginei que me apaixonaria por uma menina sequer na minha vida e, agora vivo o impossível. Todos me disseram que não se engravida a pessoa que amamos ou a mulher dos nossos sonhos. Quando menos esperava por isso, pois estes três dias aguardava vir mandar-me acabar... Como jogo isso agora, Vila?”. Provavelmente os desuses da sabedoria respondiam-lhe com isto na boca:

- “Está bom, foquemos no presente, menos no passado, logo teremos um futuro inebriante... Um brilhante. Falando no enfoque no presente, a ordem da força normal é o anel do noivado, casamento, gravidez e, finalmente um bebé, Vila. Ninguém disse que esta é a única ordem, às vezes, a ordem é tão igual à nossa... A gravidez, o anel do noivado, casamento e o bebé...”

- “Não estás a considerar casar-me com a décima classe, pois não? Que tipo de mãe serei eu?”

Mais uma vez, a Vilhana perguntava-lhe com intuito de situá-lo no devido lugar. Em todos os casos, pensa-se que ele nunca chegou a entender a sua miúda. Sem pensamento psiónico por parte do Nketyah que sabiamente veio voltando junto dela e abraçou-a, a seguir conduziu-lhe para interior da casa. Onde serviu-lhe um copo com a água, de intuito de estar a dar-lhe um buquê do amor. Por uma fracção de segundo, ele invadiu parcialmente a acalma da outra ao dizer-lhe suavemente com a sua mão destra a volta do seu pescoço:

- “O corpo é teu, o amor é nosso, igualmente o filho que esperas. Qualquer decisão que tomares eu topo cegamente...”

Qualquer decisão a tomar, talvez não fosse a boa opção, mas, contudo anteriormente o Nketyah sabia que a Vilhana era a mulher que o universo tinha-lhe preparado a casar. Em razão disso, ele deixara a última decisão na cabeça da Vilhana, com a ajuda dos seus deuses, especialmente aquela do amor. Posteriormente passou a sua mão esquerda atrás da orelha direita da Vilhana, depois disso beijou-a formosamente. Depois de tudo, ela fora à cozinha e ele pro interior do quarto principal. Tendo passado alguns minutos, ele saíra do quarto encontrara a Vilhana comendo na cozinha e lhe entrega um cartão multicaixa dizendo tenuemente, de igual período:

- “Nesse cartão consta as minhas poupanças, nesse sentido qualquer etapa que decidir começarmos com os valores que aqui estão...”
- “Há meses que me dás mesadas... O dinheiro que me tens dado mensalmente nem um terço dele gasto por respectivo mês. Portanto tenho os valores suficientes poupados para qualquer passo da decisão, Nketyah.” Com o mesmo tom

de voz, a Vilhana afirmou-lhe, porém a entrega era de carácter obrigatória e dizia-lhe:

- “Aquele dinheiro é teu, dado para outros fins. Nesse cartão é para esta situação em causa.”

A expressão facial da Vilhana não agradava nada o Nketyah que lutava contra si mesmo não ver nenhum código proteico que estava a informar-lhe a ideia radicalmente distinta da sua amada namorada. “Mesmo se as trevas virem aquando da noite, nada temerei porque tenho o teu amor, Vilhana.” Deduzia o Nketyah que via mesmo as trevas vindo enquanto a outra saía com o tal cartão na mão. Quando finalmente ela chega à porta para de andar e volta olhar atrás onde estava o Nketyah irredutível com o momento dúbio. Misteriosamente se olharam como se fosse a última vez que estivessem a se ver, engraçado o referido olhar tinham ensaiado há meses no seu primeiro encontro num domingo qualquer.

- “Preciso da tua ajuda como jamais precisei, Vanessa.” Disse a Vilhana à Vanessa perdidamente. Acontece que antes que a sua decisão esfriasse, a Vilhana deixou a casa do Nketyah para a bancada da Vanessa directamente.

A Vanessa não tinha visto nem sentido a Vilhana chegar junto da sua bancada nem mesmo a ela. No entanto, quando ouviu aquela voz, ela sabia de cor a quem pertencia, embora a dona daquela voz devia estar a fazer prova na escolar. De repente, ela teve que se virar, no intuito de confirmar aquilo que acabava de ouvir. Em segundo, as duas meninas, com a relação em baixo estavam tête-à-tête, então, a Vilhana tenuemente afirmou muito antes que a outra reagisse a tipo de ajuda estava sendo solicitada:

- “Sei que conheces um bom médico informal capaz de auxiliar-me a tirar o...”

- “Estás grávida, cunhada?” De sorriso para fora, a Vanessa perguntou-lhe, sem gosto nem ânimo a outra envergonhadamente respondia olhando para o chão:
- “Infelizmente sim... antes que o meu pai me mate devo abortá-lo. Melhor uma de nós viva do que ambos mortos.”
- “O Nketyah sabe disso? Ana” De sorriso guardado pra dentro, a Vanessa voltou perguntar-lhe, calmamente sempre de cabeça pesada olhando abaixo respondeu:
- “Fui autorizada por ele... oralmente. Levas-me!”
- “O quê?” Perguntou ao ar a Vanessa perdida ao contexto daquela realidade, contudo ela estava destrutada psicologicamente. A Vilhana trouxe-a de volta:
- “...Ao bom médico?”
- “Sim, te levo, pese embora não encontro razões da parte do Nketyah aceitar que tires o filho dele sem dar nenhuma luta, Ana.”
- “O feto... diferente de filho, cunhada.”
- “Né?”

Sem jeito, a Vanessa respondeu ironicamente, pois o seu âmago sabia que o seu irmão tomaria outro rumo depois de tudo que tem passado nesta vida, mas a beleza da sua amiga cegava-a terrivelmente. Deste modo, ela olhou duas vezes a Vilhana que coitada denotava a sua cara. Seguidamente, ela desmontava a sua bancada, com vista a levar a amiga ao bom doctor do trabalho debaixo de olho da própria medicina. Como o seu âmago ainda lhe roía por dentro, questionou à Vilhana, outra vez exageradamente:

- “Se ele aceitou, porquê não está aqui ao teu lado, neste momento obscuro, Ana?”
- “Vais ver, tu és ele pela força do sangue que circula nas vossas veias. Se isso não basta, o cartão representa-o completamente. Vinho exactamente de lá.”

Sem precaver a força do interior nem do íntimo, a Vanessa levava a Vilhana à casa do bom doctor que sem se trocar os nomes, fez o trabalho geral durante duas horas. Tudo que aquele bom doctor tinha-lhe pedido era não gritar para não chamar a atenção dos vizinhos que poderiam chamar a polícia, já que exercia a tal medicina ilegalmente e, além disso o bom doctor era de nacionalidade chinesa vivendo ilegalmente no território angolano. No fim de tudo, antes da Vilhana ter o seu primeiro sono na vida, o bom doctor lhe disse, ao tom de elogio:

- “És uma boa cliente, gosto de cliente... que não grita nem chora altamente à atenção dos meus vizinhos... fofoqueiros.”
- “Realmente ela é uma menina excepcional. A dor parece ser a sua onda...” Reforçou angelicamente a dica a Vanessa ao bom doctor.

“Excepcional” não era o termo correcto, pois as duas não sabiam o que estava-lhes esperar, mas, para já, o sol acabava de se despedir daquele dia de prova na escola. Apesar de mais, o aborto tinha sido efectuado correctamente, já que a Vilhana tivera, de certo modo, facilitado o bom trabalho do bom doctor, aquando do acto. Depois de mais duas horas, a Vilhana acordou e em passos miúdos foram para casa onde continuou a dormir feito um bebé, o recém-nascido. “Oi meu amor, abortei-o nesta tarde e correu mil e uma maravilhas, estou estranhamente bem.” A sms tecida e enviada da Vilhana ao Nketyah, a meia-noite do mesmo dia.

### **Dois dias depois**

- “Boa tarde, Nketyah... como tens passado?”

Cumprimentou a Vilhana ao Nketyah após a igreja. Há uma semana tinham-se combinado ir nesse domingo ao supermercado Ulengo passar o dia e namoriscar um pouco na companhia das actividades exercidas no tal sítio. Um verdadeiro local de namorados ou casais. No entanto, ele não achava graça a presença

da Vilhana naquele momento. A propósito, a Vilhana ataca-lhe oralmente, de forma insistente:

- “Há dois dias que te envio as mensagens e tu simplesmente não me respondes... A outra morrendo de dores e tu... nem aquela mensagem de “feliz noite” lhe envias.”
- “O que queres de mim?”
- “Como assim, o que quero de ti?”

A Vilhana ecoou do modo participado a pergunta do Nketyah sem se meter na pele do outro. A vítima era sempre os outros na inteira vida da Vilhana e o Nketyah estava justamente fazendo-se de vítima naquele momento. O amor que tinha-lhes apaixonado estava a espalhar-lhes no momento mágico, sem a assistência. Entretanto ela achou melhor se calar para, no mínimo ser convidada a entrar, mas apenas ouviu a tua esperada resposta típica:

- “O que vieste cá fazer outra vez, Vilhana?”
- “Vilhana?”
- “...Vieste engravidar-te novamente? Para posterior tirar...”

Naturalmente, a ficha da Vilhana havia caído, ela lá já sabia que aquele amor do lado do namorado tinha acabado. O aborto era o problema principal do debate e, também o motivo pelo qual não recebia as sms nem as chamadas do outro há dois dias. Pelo que ela achou-o absurdo, tirando o facto do outro estar a chamá-la de prostituta inconscientemente. Nesse caso, ela, situada no encontro, chamou a razão ao Nketyah, normalmente:

- “Disseste que toparias a qualquer decisão que eu tomasse, Nketyah. O aborto deveu-se ao facto que o meu pai me mataria após ter tido o conhecimento de que estava concebida... Há nove meses, antes de te conhecer, ele me deu uma surra completamente nua e enquanto me batia

dizia que esperava o dia em que ficaria grávida debaixo do seu teto. Este dia seria o meu último suspiro...”

- “Depois de tudo que te mostrei na minha vida cheia de mortes, ainda achas que eu toparia a decisão de matar o meu primeiro filho?” Perguntou-lhe o Nketyah furiosamente. Por outra, ela pensou antes de responder: “...“Sou a tal, a mulher da tua vida” me diz tu, foi desse jeito que me amaste... O irmão da Vanessa.”:
- “Além disso, Nketyah, apenas décima classe tenho para ser mãe e responsável de alguém...”
- “É por isso que te pergunto, o que ainda estás aqui a fazer? Hoje é domingo, o nosso belo dia de formicação e esta te leva a engravidar.” Afirmou-lhe o Nketyah, sempre na mesma tecla. Contrariamente a outra pensa: “Te conhecer fez-me deixar de procura da esponja certa pra o meu coração sujo ou um filamento certo para o meu puro amor. Desde virar de milhares de seculos, sou tua por uma eternidade, Nketyah.” Seguidamente informava ao Nketyah moderadamente:
- “Falas como um verdadeiro ímpio, Nketyah. Se ouvisses os meus pensamentos, saberias que fomos feitos um ao outro.”
- “E tu, Vilhana, falas como uma autêntica pia, se lesse os meus pensamentos, saberias que não fomos feitos um ao outro, nem de perto nem a distância.”

Com o cheiro da solidificação da água ao ar, o Nketyah fechou a porta do portão na cara da Vilhana, fechando, de igual modo o namoro entre si temporalmente. Com o golpe do sol, o Nketyah sentara no chão após ter fechado aquela porta, onde chorou todos mortos com ou sem sangue dele, por outra a Vilhana acabava de ter o que tanto esperava desde dia um daquele namoro fino.



- “Oi Avozinha, procurei-te após o culto na igreja e não te vi ao lado nenhum, foi então que decidi vir visitar-te na tua casa...”

Tendo o Noah dito à Vilhana que aborrecida acabava de chegar no portão da sua casa, onde se encontrava igualmente o Noah, a sua espera. A maldade sabe fazer correctamente o seu trabalho, pois a Vilhana abandonava uma briga para encontrar uma outra à frente da sua casa. Portanto, de passos demorados e do olhar em baixo, ela terminava a distância implantada com o Noah que também terminava a sua bela frase de engate:

- “...Sonhei mui nos últimos meses e cada sonho começava com o teu rosto e também terminava com ele. Portanto, expliquei aos nossos bons pastores e todos foram unânimes dizendo-me que era sinal de Deus que és mulher para eu casar.”
- “Se, pelo menos me mentisses que o teu coração brincou com todas as meninas irmãs da igreja MEISA e, para já está disposto a continuar com um só coração, Noah, juro que acreditaria em ti. Ambos sabemos que tu não és de perto nem distante o servo de Deus... se fosses eu estaria a cantar para o Deus nos ensaios e nos domingos.” A Vilhana amorosamente respondeu-lhe, mas anteriormente tinha pensado: “Tu desmereceste há anos o meu teste do amor, Noah.” Entretanto ele sabiamente levou-a ao oásis do coração do assunto religioso e não do amor:
- “Bem sabes que isto só não dependia de mim...”
- “Sim, sei... dependia também das irmãs com quem fazes os sexos no solo sagrado, no gabinete da igreja... coordenador Noah, és o homem, o mais corajoso que eu conheço, sabes?”

Disse-lhe a Vilhana com um timbre de introdução de uma briga. Se nas profundezas da água, se encontrava e nelas que ela queria continuar até o seu último suspiro. “Qual é o mal, eu fiz ao Deus?”

Ou, qual membro da minha família pecou fortemente para eu ter essas divergências e as desarmonias... Oh Deus meu, lutei tanto não fazer parte no amor com o Nketyah, mas conduziste-me nele e, agora me deixaste sozinha... nesse amor. Diz-me meu Deus, o que isto à minha frente? Mais uma desilusão...” O pensamento dela vinha com a pergunta desjeitosa:

- “Porquê não vai mentir uma jovem irmã que não te conheço como eu, coordenador Noah? Sabes, és o meu preferido, pois acho sempre que se entrares no paraíso, eu também entrarei...”

Com a compreensão, o Noah entendera os seus crassos erros amorosos cometidos ao longo dos anos por conta do poder religioso dado pela pasta de coordenador. Com o esclarecimento da palra da Vilhana, ele percebera que as loucuras que fez ao prazer individual acabavam de tirar-lhe a melhor menina a casar e esta ateu o lume no fogo:

- “Lobo vestido de casaco de... Não há nada disto de trabalhamos nas trevas para servirmos a luz, coordenador Noah. Quem trabalha nas trevas serve as próprias trevas, quem quer servir a luz deve estar na luz.”

## **Capítulo XI**

—

### **O Longo Sono Da Morte**

Além do bem e do mal. “Abro os olhos de manhã em cima da minha cama, a realidade me lembra que apenas te teve no sono, como de costume. Minto o meu toque que nestes lençóis te tocarei também, como de costume. Então, antes de me levantar procuro-te nos lençóis, debaixo da referida cama, como de costume. No fim da procuro, os olhos me avistam que perderam o direito de ver a imagem bela de ti, como de costume. Assim com a força de atrito, insisto encontrar a tua mensagem de “feliz noite”, como de costume, mas o ecrã do telefone me diz que há semanas, rescindiu esse contracto contigo, por uma razão que não é como do costume. Nada a perder, lembro-me ainda que tenho mensagem matinal de “bom dia, seguida com um texto de pendor desejo de um bom dia” no telefone, pois embora nunca respondi essa mensagem agora venero-a com toda a minha cabeça e coração, como de costume. Por favor, Nketyah, devolvas as minhas mensagens matinais como de costume!” A mensagem da Vilhana tecida e enviada ao Nketyah conforme outras enviadas ao longo das duas semanas.

- “Ontem, alguém gritou após ter recebido uma mensagem minha e, hoje...”

Esta e outras mensagens não foram simplesmente respondidas pelo Nketyah, consequentemente a Vilhana tinha sido deixado sozinha no amor que os dois tiveram desenvolvido há quase um belo ano. Duas semanas, ela não vi-o e, nem falou com o Nketyah. Duas semanas, ela se abrigou no curso de decoração ministrada na igreja, pois as mesmas duas semanas estava ela de gozo de férias na escola, para ter sempre modo de sair de casa procurar por Nketyah sem deixar rasto ou pista pejorativa ao seu pai.

- “Sai da janela do meu quarto pela primeira vez para me encontrar com um rapaz. Fiquei fora de casa após às vinte e duas sem me preocupar, embora sabendo que teria uma surra pelas mãos do meu pai e esta surra me deixaria enferrujada e empoeirada... com a reputação arruinada,

mas fi-lo por amor dum rapaz. Deixei de seguir, a todo custo os meus dois maiores sonhos, depois de ter testado o amor dum rapaz. Sabes, este rapaz és tu... Nketyah... Hoje, este rapaz me foge... me desliga o telefone na cara... não retorna as minhas mensagens nem as chamadas...”

A Vilhana esperava por Nketyah fora da sua residência a volta das sete horas duma terça-feira, enquanto este saia de casa para ir ao trabalho. Mal, ele saiu atravessando o portão da aludida residência, a Vilhana fora não olhando directamente para os seus olhos lhe falava, de forna terna. Se a Vilhana lagrimejou, o Nketyah não viu. De repente, ela parara de falar dando a brecha ao outro que naturalmente viu o sol a se levantar no vinco da sua testa, porém, ainda assim ele lhe diz com toda calma do mundo:

- “Pensei que percebeste a mensagem no nosso último encontro.”
- “Que mensagem, Nketyah?” De igual tom, a Vilhana questionou-lhe de volta e ele inicialmente fechara a porta do portão, segundamente engoliu cuspi dizendo:
- “...Da separação...”
- “Tu me conquistaste pelas palavras pronunciadas, porquê não me mandas também acabar com o uso de palavras?” A Vilhana chamou-lhe a razão da realidade afecto à cortesia amorosa, mas isto deve tê-lo irritado então marcara dois passos junto dela e, daí sem julepo de menta respondia-lhe arrogantemente:
- “Tens imenso tempo a perder, Vilhana... Sempre tiveste, mas, diferente de mim... tenho que me preparar para ir trabalhar. Não vamos alarmar mais isto, por favor!”
- “Estás a ser injusto, Nketyah... para comigo...” Contrariou tudo a Vilhana, mas incrivelmente o Nketyah respirou fundo antes de elucidar-lhe, do modo jeitoso:

- “Quem nesta tua miserável vida foi justo contigo, diz-me, quem? Eu tentei, como visto também não consegui... Vejo-te logo vejo a morte... saia daqui antes que te expulse com a mão da força!”

Não era necessário expulsá-la dado que já estava fora da residência. Portanto ela estendeu-lhe a mão direita como o sinal de cortesia dando-lhe de igual modo a anuência de passar e ir-se trabalhar. Depois, enquanto ele ia-se, ela pensou alto: “O que faço para convencer esta cabeça teimosa feita uma pedra de séculos? Quem no planeta possa auxiliar-me a chamar a razão ao meu Nketyah?” Com tudo exposto, a Vilhana já não queria mais nada com o Deus. Naquele momento, ela estava decidida reconquistar o coração do Nketyah manualmente e sozinha. Em tal caso, a sua preferida frase era: “Sempre que envolvo o Deus nas minhas actividades, algo de errado urge, então, agora em diante, sozinha estou a fazê-lo.” A ideia de sozinha estar a fazer as coisas levou-a diante da Vanessa em casa desta última:

- “Vejo o problema quando tu vens ter comigo, cheiro o problema logo quando chamas-me por nome, Ana.”
- “Há duas semanas... que já não vendes na minha rua.” A Vilhana humildemente afirmou em resposta da afirmação da outra que alterou o timbre da voz perguntando-lhe, ao minuto em que deixava de lavar as suas roupas no quintal:
- “Porquê achas que parei?”
- “Preciso da tua ajuda, cunhada...”
- “Não, Ana... Os apelos das tuas ajudas me custam os membros familiares, os mais privilegiados. A gravidez que eu te ajudei a tirar separou muitos na minha família.” Disse-lhe a Vanessa que levantava a mão à cintura, ela contestou-lhe:
- “Ele me autorizou...”
- “Então, olha-me nos olhos e depois repita essa frase.”

Disse-lhe a Vanessa fervendo de raiva contra a Vilhana que não estava preocupada com o estado emocional da outra diante dela. Como sempre ela nunca se importou com as emoções da outra. Sendo que as duas jovens se encontravam de pé e frente e frente. O facto que obrigou a Vanessa deixar de lavar a sua roupa naquela tarde de ventos extremamente fortes. Diante disso a Vilhana ficava sem jeito nem fôlego nos pulmões, enquanto isto a Vanessa furiosamente fazia-lhe as questões:

- “Porquê ele ficou tão chateado com o aborto, Ana? Porquê ele já não me passa a palavra? Porquê ele pediu a minha mãe me informar deixar de falar e ver-te, Ana?”

As perguntas da Vanessa quebraram literalmente as pernas da Vilhana que procurou onde se sentar, após o feedback daquilo que tinha feito inconscientemente à sua amiga, a Vanessa. Sorte dela, havia blocos no quintal onde morava a Vanessa, foi lá onde sentou-se. No entanto, os gritos das perguntas foram tão alta que as vizinhas tiveram, de igual modo saído das suas casas ver o que se passava no quintal. Estando uma sentada e a outra ainda desabafava brandamente:

- “Ana, eu estava na sala quando o Nketyah se dirigia a minha mãe para eu deixar-te falar e ver. Por tudo que amo e gosto no mundo, não respiro sem o Nketyah, porque ele paga a renda da minha casa... ele dá verba aos meus pais, mensalmente para se sustentar. Necessito dele nesta vida.”
- “Eu sou a tua amiga, Vanessa.”
- “Deixa de te mentir, se fomos amigas, qual destas três portas é minha casa?”

Após a pergunta da Vanessa, a Vilhana se pôs de pé, no intuito de adivinhar a porta, mas não valia a pena, pois não era a escolha da porta o sentido principal da pergunta, mas número de vezes em que ela tinha ido visitar a amiga. Tudo perdido, a Vilhana intelectualmente mudara do assunto, o foco do seu problema

amoroso com o irmão da tal Vanessa, nesses, em voz baixinha dizia-lhe ela, embora pensara anteriormente: “Vanessa, todas as vezes em que te precisei, na bancada te encontrei. Por quê motivo teria eu a necessidade de conhecer a porta onde morava? Seja flexível para comigo, por favor.”:

- “Vick, o Nketyah me pede as palavras que eu não sei dizer...”
- “Porquê és tão dura contigo mesma? Tu amaste o Nketyah na mesma proporção que as últimas três namoradas dele. Digo-te mais, és a primeira namorada dele que apenas teve nove meses de namoro, já as que acompanhei antes de ti tiveram todas dois anos de namoro com ele. Não és assim quão especial, se queres saber... É melhor, voltares na tua amarga vida... Esqueça o Nketyah, também esqueça-me... para o bem de todos...”

Agressividade oral, a Vanessa dilucidava-lhe aquilo e, com a agressividade física, a Vanessa tinha engravatado a outra, com intuito de batê-la por aquele dia em que abortaram o filho do Nketyah. A Vilhana foi largada os cornos na última proposição da Vanessa. Assim sendo, com a vergonha na cara e de blusa alargada, o fruto do engravatamento, a Vilhana deu passos recuados e, posteriormente tristemente saiu daquele quintal abandonando a outra fervendo de raiva dum diabo vermelho. Com o masoquismo no sistema corporal, a Vilhana achou tudo ocorrido com a Vanessa normal, uma vez que todos que ela, um dia, amou se afastara dela. Com o amor no coração, ela produziu este texto e momentos depois enviou-o ao Nketyah: “Te amo, embora não te entender, te amo embora não suportar a dor no coração que me causas, te amo embora estar totalmente chateada contigo, por um erro meu. Amo-te apesar de tudo que passo contigo. Amo-te de pés à cabeça, de dia e noite, de sã e de doida. E, te amo, pese embora esteja caindo como os anjos da batalha final nos céus.”



- “D’onde vens, Avozinha?” A senhora Vissolela perguntou a Vilhana, mal esta atravessou a porta pro quintal. Piamente ela respondeu à senhora Vissolela:
- “Veio da casa da Vanessa, antes do curso.”
- “Quê curso? Todos estão de pausa pedagógica?”

Tendo a senhora Vissolela questionou-lhe de forma passada. Para todos os efeitos, a Vilhana que vinha de uma bancada do amor que para muitos era um simples “funny punch” e, para qualquer entendimento, este não dói, de jeito nenhum. Além disso a senhora sua mãe estava lá de pé na varanda dançando ao som da agonia da filha. Porém, muito antes da Vilhana começar a responder, a senhora acrescia na alocada pergunta:

- “O único nome que se procura aqui em casa é o teu, Avozinha. O teu pai não vive a vontade por teus maus comportamentos... Se há algo partido, és tu, se há falta de água, és tu... Se há maldade, és tu. Já tens vinte e dois anos, o que esperas para ires-te embora daqui? Deixar-nos em paz... de uma vez por todas.”

Enquanto, a senhora Vissolela ralhava a Vilhana no quintal da residência, a própria Vilhana ajudava-lhe com mais argumentos psicologicamente: “Se não há comida a alimentar-se é a Avozinha. Se os lençóis de todas as camas estiverem sujos é a Avozinha. Pois, sou a sombra do mal desta casa. Só o meu nome é soado, porque sou vista de empregada aqui, em vez da filha...” Seguidamente, a Vilhana humildemente, com a mão canhota na sua nuca respondia à sua mãe:

- “Informei a mamã juntamente com o pai da pausa pedagógica. Pedi três vezes à mamã e ao pai a anuência cursar a decoração. Como quer lembrar-se, mamã? Nada que faço aqui é visto dum bom olho. Há duas semanas, que eu choro as noites, a minha mãe não sabe... Há duas

semanas, que morro de dores fortes debaixo de ventre, a minha mãe não sabe o motivo...”

- “Mais uma palavra, este copo na minha mão chegará na tua cara... sua burra!”

Subitamente, a Vilhana calara a sua boca e também olhara para o chão, tristemente. O bom é que ela sabia que não podia competir com a sua menor irmã quanto ao amor dos seus pais, dado que esta outra era coisa do outro mundo, a outra sabia exactamente quando fazer os pais rirem e se orgulharem. A semelhança da casa da Vanessa, aqui também, a tia e os demais deixaram os seus afazeres para assim acompanhar o sermão da senhora Vissolela à Vilhana. Pois então, a senhora definia os limites da cerca, de maneira truta:

- “Doravante antes de saíres vem-me despedir e juntas estipularemos a hora em que deves regressar à casa...”
- “Cunhada, deixem ainda esta menina respirar... você e o meu irmão puxam muito por ela e esquecem que a outra, a Dorca está a crescer apenas com os mimos... A outra que vocês amam nem comida em condições sabe cozinhar.” A tia Rebeca alegou intrometendo no sermão da sua cunhada. O gesto dera a luz da maldade à boca pequena da Vilhana que posteriormente disse à senhora Vissolela, a mãe:
- “Quando é que a mamã acenderá os seus olhos vendo-me chegar? É sempre quando a Dorca chega...”
- “Rebeca, cuida dos teus afazeres, por favor.” Ordenou a senhora Vissolela à tia Rebeca abruptamente. Pena da menina, o pai dela saiu fora com a fala na manga:
- “Por abuso, ficas também as próximas duas semanas de castigo... Violas um só dia deste castigo, te partirei uma das pernas!”

A parla do senhor Maziku, o pai da Vilhana fechou o debate em torno do amor no qual a própria Vilhana olhou com toda pena à

sua tia Rebeca, com vista a parar de defendê-la, porque isto irritaria mais o senhor, o seu pai que vivia com muita vontade de matá-la, porém faltava apenas um motivo férreo e piroso. De outra mão, o castigo removeu o telefone à Vilhana, o facto que separou novamente ela da sua menor irmã, a Dorca, porque este telefone era secreto ao olho do pai.

Com o pote na mão e, sem liberdade na outra, a Vilhana castigada teceu durante a primeira semana de castigo a mensagem seguinte ao Nketyah: “Nada fiz eu por ti, apenas recebi de ti, mas agradeceria receber mais uma vez algo de ti. Nenhuma parte de mim cedi a ti, meu amor, agora sei que toda parte de mim te daria, se me desse um segundo mais uma vez. Ninguém que amei na minha vida durou tanto como a embalagem de memórias que me deste nestes meses todos, se eu pudesse só ver-te mais uma vez, no intuito de completar a memória. Não peço nada ao Deus, não peço ao universo o sol dourado nem a luz eternal nem os céus roxos nem a meia-lua de sangue nem a condenação de um amor eternal, apenas peço olhar-te mais uma vez até eu cegar-me. Eu daria a minha alma aos colecionadores de almas para ver mais uma vez o teu sorriso desejando o meu. Eu daria o meu espirito, de mão beijada, ao anjo da morte, só para tocá-lo mais uma vez e dou a minha vida para abraçar-te mais uma vez, Nketyah... Vilhana Mbande.” Secretamente enviou-lha no telefone da sua mãe ao Nketyah.

- “Quantas vezes, devo pedir-te perdão, mana? Pelo que fiz...” A Dorca perguntou a Vilhana tremendamente no quarto onde estava de castigo. De repente ela deixa de ler o livro escolar sentada em cima de cama, posteriormente respondeu-lhe:
- “Mil e três vezes...”
- “Isto não é justo.”
- “Não é justo, eu passar a riscar-me entrar secretamente ver, ligar o meu telefone recebido pelo pai, no desígnio de

saber se o Nketyah respondeu-me a mensagem... ou... eu mandar a sms a partir do telefone da mamã. Eles descobrem isso, sou morta, na certa... \_\_\_\_\_.”

Disse-lhe a Vilhana vicariamente depois de se pôr de pé e fora daquela cama. Então ela pensa, ao mesmo instante pousava o tal livro na cama antes que a Dorca começasse a falar em nome do perdão: “O meu ego já não precisa de um duche, agora necessita ser eliminado.”:

- “O perdão tem um certo valor, a não ser que me dizes o contrário, mana... Vamos lá! Perdoas-me ou diz-me que o perdão não tem valor nenhum...”
- “Tu é que pediste... Ela contou-me e disse... Havia um rapaz, o Nkudi, o seu nome. Este que se apaixonou por sua melhor amiga. Logo então, passaram a namorar, mas este namoro tinha que termina logo no início, porque o Nkudi esquecia todos os encontros que marcavam, mas este namoro não terminava graças a palavra “perdão”. Nada mau, nada agradável, bastava ele dizer “perdoame”, a Wanda, a namorada ultrapassava o desafio que tivessem em frente deles. Com o valor deste “perdão”, o Nkudi e a Wanda se noivaram e aquando do noivado, nada mudara. O Nkudi continuou o seu estilo de esquecer os encontros, os presentes e os dias especiais... como as datas de nascimentos, mesmo depois da Wanda ter-lhe dado uma agenda, no sentido de apontar tudo de carácter importante. O noivado quase acabou com a vida da Wanda que teve vezes sem parar tudo sem o Nkudi... a ementa, o vestido, o bolo, a comida... as flores e o... Dorca, tudo, ela teve que fazê-lo sozinha. Mais uma vez, o favor do termo “perdão” ou “desculpa” levou-os ao altar e lá, se casaram. Durante o lar, a Wanda se tinha acostumado ser esquecida e desse modo ela viveu naquele lindo ressabiado lar, onde o Nkudi apenas tinha os olhos nela, apesar do modo do casamento. Este lar tinha como a base...”

- “O perdão do Nkudi.” Reforçou os termos a Dorca ao conto da Vilhana que fora junto da única janela do quarto com a vista do nada pela frente e lá contava-lhe:
- “...Certo! Até o dia em que, por lapso a Wanda traiu o Nkudi fazendo o sexo fortuito com outro homem, Dorca. Sexo este que nada significou a ela... como o seu amor pelo esposo Nkudi era maior, ela contou participando a traição ao Nkudi... Porém, antes de contar, a Wanda começara com o termo “perdão” e, no fim, repetiu cinco vezes o mesmo termo ao Nkudi que no mesmo instante saiu de casa para um motel, acabando com tudo. Dorca, o divórcio dos dois durou dois anos, em cada vez em que se encontravam, a Wanda começava a sua palra com a palavra “perdão”, no meio da palra usava a palavra “perdão” ou “desculpa” e no fim das suas frases... “perdão”... O mestre de pedir os “perdões” e as “desculpas” ouviu da boca da Wanda, às vezes com os choros “mil e três vezes desculpas”, mas a separação se efectivou... Dois anos, mil “perdão”, no final a Wanda não recuperou o Nkudi no lar. Não lhe deu o seu amor de perdões de volta. Qual é ainda o valor que disseste que o “perdão” tinha, Dorca?”

Não houve nenhum raio, a Dorca chorou por seus “perdões” de apenas uma semana e, igualmente entendera a postura mórbida da sua irmã em casa. Não houve nenhum brilho repentino no quarto, a Vilhana deixara-a com dois maiores segredos do pendor morte pelas mãos do papá, caso a Dorca contasse-lhes. Sem nenhuma rajada estranha de vento entre si, a Vilhana dirigiu-se e parou à porta do tal quarto e de lá concluía a sua anterior ideia, de forma calma:

- “Ela me ensinou que os humanos têm o direito de cometer os erros... “Errar é humano. Mas persistir no erro é desumano. O fundamental não é quebrar a cara. Mas o que fazer com o acidente.” Ela me repetiu este ditado todas as

vezes em que eu pedia o “perdão”... A Wanda foi a tua tia.”

- “O ditado do Augusto Cury? Este também foi o preferido da tia... Wanda Catarina Muxima.” Afirmou a Dorca em choro crianças sem pode ver a outra por conta das lagrimas cheios nos olhos.

## **Capítulo XII**

–

### **A Última Noitada Romanceada**

A última semana do castigo, a Vilhana, sem nenhum sinal de vida por parte do Nketyah, nem só uma sms de “bom dia” ou de “feliz noite” no telefone, teceu e revisou à luz desta mensagem ao Nketyah: “No escuro da noite, começo a pensar em ti, incertamente ligo-te nos meus pensamentos. Presa num quarto repleto de estranhas, algumas me intitulam de “irmã, enquanto outras me chamam de “sobrinha”, como distingui-las, se a tua voz é a única que sei reconhecer. Neste escuro dia, perco-me pensando em ti, inseguramente segurei a presença da tua mão neste escuro, mentalmente desejei que estivesse aqui, nesse exacto momento. Apreendida num quarto sem porta, sem janelas e sem respiradores excepto a escuridão da noite, escuridão da madrugada e a escuridão do dia. Nketyah, dê-me a luz da minha vida novamente.” Diferente da outra sms, esta tinha sido enviada no dia em que o seu castigo terminara e com isso foi-lhe também devolvida o seu telefone.

- “Aonde vais?” A tia Rebeca questionou a Vilhana enquanto esta saía de casa. “Estou apenas a fazer o cárdio. Há duas semanas que não andava.” Raciocinava a Vilhana no momento em que também respondia-lhe sem sequer olhar para trás:
- “Não te preocupes comigo, vivo cada dia, por si só como uma vida.”

Para pena do lado psicológico de todos castigos dados, a Vilhana não tinha aprendido a lição nenhuma aquando da estadia naquele quarto. Dado que ela estava ido para o último lugar, onde, de jeito nenhum seria bem-vinda ou aceite como o igual. Entretanto ela era masoquista, a dor era a sua melhor amiga, a humilhação era a sua amante. Tendo envolvido vinte e dois minutos, ela se encontrava em frente do portão do Nketyah batendo a mesma. Não se sabe se era a sorte ou o azar, quando ia batê-la pela terceira vez, ela se abriu, pois se encontrava semiaberta, então a Vilhana entra.



- “Boa tarde a todos! Por pior pessoa que eu possa ser, não vim por maldade, apenas peço-lhe dois minutos... por favor.

Disse a Vilhana ao Nketyah que estava sentado no quintal com uma jovem consumindo cervejas. A jovem olhou para o Nketyah dando-lhe desse jeito a autorização de poder sair ir conversar com a Vilhana que estava mais clara, fruto de duas semanas dentro do quarto. Posteriormente, os dois foram para a varanda da residência do Nketyah deixando a tal jovem só no quintal sentada. Então, como a Wanda teria dito, a Vilhana disse-lhe:

- “Perdão por isso! Perdão por minha fraca capacidade, mas, finalmente entendi tudo agora. Por este motivo, trouxe os teus telefones, o resto dos teus dinheiros da mesada, o teu fio do ouro, o teu cavalo de cristel e o teu...”
- “Vila... tudo que te dei é teu, acredita em mim. Não sei se isto é mais um jogo teu, mas... dei-te tudo isso em troca dos teus beijos. Não saberei devolver-te os teus beijos, nem os teus abraços nem os teus aconchegos, miúda... e, mais entre nós sabemos que necessitas destas coisas para continuares a sobreviver.”

Ofendida tinha sido a Vilhana, mas, a paz tinha-lhe levado para lá, a paz mantinha a sua mente sossegada. De repente, ela deu uma última olhada ao Nketyah, ao qual a jovem sentada no quintal se apercebeu que a outra era a ex do Nketyah. Naturalmente, a Vilhana, de outro lado deixava o Nketyah sem falar mais nem deixara as tais coisas a força. Quando finalmente chegara junto da jovem sentada no quintal, ela suavemente lhe diz:

- “Muitíssimo obrigada por este jeito!”

Assim sendo, a outra respondeu vigorosamente com a cabeça, seguidamente estendeu os seus olhos ao Nketyah presentindo o fim de uma coisa. Por outra, o Nketyah viu a Vilhana vestida de calça *jeans* branca deixando tudo para trás, a saber, o seu canto, o

seu estilo de vida com o cavalo e naquele momento o amor que tanto lutou não ter antes que se magoassem feiamente. Contudo, ela tinha a devida razão relativamente a esse namoro. Mal ela pisara o solo fora da residência do Nketyah desligara o seu telefone e usara o colar de mascote “anjo da sorte”, enquanto isto, ela se lembrava as palavras do Nketyah quando dera-lhe o mesmo colar: “...Este colar é a melhor coisa que tenho na vida, pois pertenceu à minha avó que recebeu-o como o prenda de casamento da sua mãe. A minha avó presenciou-o a minha mãe quando esta ficou noiva do meu pai e, por sua vez deu-me a mim, no último dia em que a vi viva...”

- “Não sou a tua preferida filha e já não quero ser. Vou sair da tua casa, à busca do meu “eu”, mas se eu não conseguir saibas que não voltarei pra ti, mamã. Pra mim, tudo entre nós acaba hoje e agora.”

Afirmou a Vilhana que estava diante da sua mãe, como um acto final. O castigo tinha sido levantado, mas ela ainda sentia as correntes daquele quarto trancado sem a janela com a porta que não se abre, onde duas semanas, ela sentira que lá ficou dois “anos”. Nem com a sensação de dois anos sem receber nada do Nketyah, ela deixara de amá-lo. A ida e vinda da casa do Nketyah lembrou o cheiro, a imagem e a presença do Nketyah. Portanto, o Rocha já não era um sítio habitável para ela, porque tudo lembrava-lhe o amor que teve quase um ano. O amor este que talvez neste curto período de tempo estivesse a namorar outras jovens. A propósito, a senhora Vissolela riu-se dela antes e depois de responder-lhe agradavelmente:

- “Já ouvi coisas dessas antes, filha. Os que foram, depois voltaram com os rabos nas mãos e faziam logo sem opinar a continência. Se pensas que vou redimir-me e te implorar ficar, estás enganada, Avozinha.”

Sem cascas de ostra, no momento em que a Vilhana arrumavam as suas malas ir-se embora, o Nketyah se apercebe que tinha

respondido de boca para fora, o colar da sua família tinha que ser devolvido. Então, atrapalhadamente pega o seu telefone e liga para a Vilhana que tinha telefone desligado, em tal caso pensou o Nketyah: “Não podes-me arreliar, Vilhana. Ainda amanhã, te darei um sinal, no intuito de reaver o colar de mascote “anjo da sorte”.” Por outra, a Dorca, com o jeito de quem não tem amigos, se posiciona à porta do quarto partilhada entre si, dentro do mesmo a Vilhana terminava de arrumar as suas malas.

- “Se vais filosofar, não usa os ditados que eu já conheço... pois isto me irritará completamente.” Disse a Vilhana, adiantando-se da sua irmã menor encostada nos cantos da porta do quarto, sem ar de bem-estar, a Dorca respondeu-lhe:
- “Não vim filosofar, sou estudante de Sociologia. Vim observar e entender o que estás preste a fazer. Sabendo, claro que estive envolvida nisso. O meu dedo influenciou-o pela negativa. Vi tudo que o mundo te fez, especialmente quando te tirou a tua tia Wanda que te acolhia como “filha” única, vi todo mal da parte de todos, o pai, fortemente, a mãe, ligeiramente... eu... mas, nunca pensei que te veria um dia quebrada... pela personalidade que possuis, mana Ana.”
- “Continuo a não ouvir o ditado... De quem tenho o prazer de ouvir, neste momento doloroso?”

Tendo a Vilhana ironicamente terminado esta frase, mal a outra terminara se proferir a sua. De olhar intenso, a Dorca desejou mentalmente: “Se ao menos eu pudesse abraçar-te, se ao menos eu pudesse dizer-te ao quanto te amo, o quanto te admiro e o quanto sinto-me tua irmã. Pena de mim, nada que digo será a verdade pelo tempo em que passamos juntas.” As chamadas tristes assolaram a Dorca que nada tinha na sola para dissuadir a sua mana, a Vilhana. No entanto, procurou uma citação, só para agradecer a sua irmã, nesse sentido com as gotas de lágrimas no

rosto disse-lhe em tudo tido como uma verdadeira estudante do curso de sociologia:

- - “De Cora Coralina... “Há muros que só a paciência derruba. E há pontes que só o carinho constrói.”...”
- “De ti não fujo... nem da mamã. Quanto ao pai, contei-te os dois segredos para tua vez contar-lhe, logo ele me daria o meu fim, mas, pelo visto foste covarde e, conseqüentemente não contaste-lhos...”
- “Papá te mataria, mana.” Afirmou ternamente a Dorca no meio da frase da Vilhana que via o derrame daquelas lágrimas no rosto da irmã, mas nada lhe dizia, pois as lágrimas já faziam parte da sua vida. Em sintonia, a Vilhana afirma:
- “É exactamente isto que te pedi fazer quando te revelei as duas coisas que estava a fazer aquando do castigo injustamente posto... Ainda te digo, não sei... quem eu sou...”
- “Tu és a... Vilhana Cizola Muxima Mbande.”
- “Será? Tenho fragmentos de memórias opacas na minha cabeça que precisam de respostas para se completarem... Já não tinha nada nesta vida excepto o amor do Nketyah, mas o aborto do nosso filho tirou-me isto. Preferi a vida de sem-sentido do filho... meu e, agora sei que a morte seria mais doce do que a vida que tive... nesta encarnação.” Em gritaria respondeu-lhe a Vilhana que deixara em momentos anteriores de se preparar para sair daí. Assim sendo, a Dorca entendera que o amor afastava a sua mana, então pensou em dar-lhe as garras de lutar ainda por aquele amor, em razão disso disse-lhe com toda convicção:
- “Bem vejo que ainda usas o colar de mascote da sua trisavó. O símbolo do amor.”
- “Ele ainda usa os beijos que eu lhe dei... O Rocha Pinto só me faz lembrar dele.”

A procura e a busca do seu “eu”, a Vilhana esperava a hora em que nasceu para sair da casa dos seus pais e esta hora era vinte. Sendo que ainda não sabia onde ir ou melhor, onde dormir ainda aquela noite. Horas depois, era, de facto vinte horas que não pertenciam o mês em que nasceu, mas era o único sinal para ela. A vida podia acabar, a morte era algo desejado nos prazeres da menina Vilhana. Acontece que quando ela pisa o solo do quintal, o seu pai entra no quintal e no meio do quintal se cruzam sem nada dito, já que o pai não entendia e nem reconhecia a sua filha com as malas nas mãos. Ela sai do quintal sem nada dizer ao seu pai que parara à porta da varanda tudo perguntou:

- “Onde vai essa miúda com as malas, Vissolela?”
- “Embora, distante de nós. Não te preocupes, demos-lhe um mês, ao mínimo. Dois, ao máximo, ela regressará com o mesmo número de malas nas mãos.”

Fluoreto de prata seria o pecado se a Vilhana fosse para valer? O período estipulado pela mamã, a senhora Vissolela estaria certa e correcta. Talvez a sua trajetória respondesse a questão. A Vilhana ficara duas semanas na casa da tia Berta, a prima da sua mãe, ao cabo de duas semanas se sentiu estrangeira lá e sem outros afazeres foi-se embora de lá. Três semanas, na residência do tio Ndombasi, o irmão menor do seu pai, até passar receber os imputes de que não fazia parte sequer da família Mpanzo, foi-se embora também de lá. Uma semana, na casa da prima Maria, esta casada e vivia com o seu esposo, até se sentir a mais naquela casa, apesar de dar uma grande ajuda aquele casal com dois filhos. Duas semanas vagamente ela ficara na residência da tia Kadia juntamente com duas primas, as filhas desta, até perceber que era menos indicada ficar lá, estranhamente pediu-lhes a anuência de sair, sem outro sitio pra ir. Exactamente dois meses fora de casa. Monologou a Vilhana, com as malas na mão:

- “Vou abrir uma porta para o passado.”

Com o fluoreto de potássio, a Vilhana foi para o lugar onde nenhuma alma saberia que lá estava. O lugar no qual era proibido na percepção de todos. Curiosamente, em todos os sítios onde ela fora, no final se sentira uma estrangeira. Sendo que a data indicava dois de janeiro. “Quem já sentiu quase isto sabe como me sinto, uma estrangeira na própria família...” Pensava a Vilhana ao mesmo tempo em que atravessava a porta de chapa do rancho e de lá não saía pois as suas mãos pousavam as malas e os seus olhos olhavam os cavalos correndo no campo aberto.

- “Jovem mulher, já te mandei sair daí, isso é uma propriedade privada!”

Uma voz masculina grossa tirava-a daí, mas, simplesmente ela não ouvia aquela voz, devido à visão perfeita da memória perfeita pertencente à sua infância. “Cavalos correndo e ela no meio deles...” apesar da bela memória, a voz aproximava-se pertinho dela no sentido de tirá-la daí, já era surda. Nesse entretempo, a Vilhana maravilhosamente monologava e a voz aumentava a intensidade monumentalmente:

- “Cavalos e a guitarra ao canto de tons especiais.”
- “Moça, pela última vez te peço sair da propriedade alheia!”
- “Ojo, acho que estás a correr uma filha-sobrinha do dono da propriedade... A Avozinha.”

O seu nome trouxe-lhe mentalmente a evolução natural das coisas, portanto repentinamente ela estava de volta no planeta terra. Seguidamente ela olhara para o dono da primeira voz que era o Ojo e os dois estavam parados no tempo, pois ela vira um homem forte, alto completamente escuro, fruto do sol que tomava diariamente, na casa de trinta anos, com uma cicatriz no meio do lado superior do lábio superior. Dando mais ar à graça da sua beleza africana. Então, misteriosamente esta beleza falou com ela:

- “Sou o Ojo, o coadjuvante do cogerente do rancho.”

- “Chamo-me Vilhana Mbande, no registo, mas da família Mpanzo.” Apresentou-se a Vilhana vagamente com um lindo sorriso nos lábios e, sem qualquer injeção da heroína do amor, o Ojo perguntou-lhe, com a mão numa das malas à ajuda:
  - “Porquê não leva o nome familiar?”
  - “Os conflitos amorosos em torno de mim. Te daria tudo e nada que tenho, se descobrires este mistério. Uns disseram que o amor móbil virou-se a minha volta fazendo cair o belo nome...” Alegou a Vilhana ao Ojo que questionou novamente:
    - “E outras?”
    - “...Outras disseram que a pessoa incerta registou-me e quando os agentes da conservatória lhe complicaram mentiu-lhe que eu era a filha dele e naturalmente tinha que me dar o seu sobrenome.”
    - “Que homem faria isso?” Questionou-lhe o Ojo outra vez, mas desta vez com a voz levantada e, outrossim a segunda voz chegava junto deles. Ainda assim a Vilhana carinhosamente alertava o Ojo com as mágicas palavras em torno do seu registo:
      - “Não adianta criticá-lo, pois... este pode ser o teu boss... o solo que piso deve pertencê-lo.”
      - “O senhor Ntoka!”
      - “A menina Vilhana nasceu nessas terras...” Informou-lhes a senhora, a dona da segunda voz, portanto, para avariá-lo Ojo apresentou-a a ela categoricamente:
        - “Madame Vika.”

Não era preciso a Vilhana tentar arduamente esquecer o Nketyah, o Ojo era algo que levava-a avante naquele momento, pese embora o Nketyah ainda ser uma parte dela. Nem a voz da madame Vika fê-la tirar os olhos no Ojo, se bem que ela não conhecia a dona Vika atrás do Ojo. Mais, nem ela sabia que tinha nascido naquelas terras. O seu corpo lutou virar o olhar à

madame, mas incrivelmente a sua mente ainda delirava aquela beleza do homem negro perante si. Então, gentilmente a Vilhana diz intencionalmente ao Ojo, do tom de voz razoável:

- “Pois embora seja entorpecido, há um lado positivo nisso tudo, o Mbande é sobrenome da família da minha mãe.”

Ao mesmo instante, o Ojo e a senhora Vika olharam para a janela onde estaria o senhor Ntoka, o tio da Vilhana. Contudo, ela também seguiu-lhes no olhar. De seguida, a madame Vika de mãos dadas com a Vilhana em frente e o Ojo atrás com as malas entraram para a casa principal do rancho instalar a Vilhana no quarto dos hóspedes. Após dum tempo, o Ojo deixou a Vilhana se instalar com a madame Vika. Mas, anteriormente ele e a Vilhana mantiveram o olhar firme até ele desaparecer após a porta do tal quarto.

- “Acabei de observar a fruta proibida ou doce, a permitida, madame Vika.” Perguntava a Vilhana à senhora Vika, ainda com os olhos fixados na porta na qual estava o Ojo. Quando finalmente ela virava o olhar, a senhora contava-lhe:
  - “Não sabia que ele se interessava pelas mulheres até hoje, Avozinha.”
  - “Porquê então?”
  - “Há uma jovem... que se chama Narcisa, também cá trabalha. Esta jovem desde dia um dela no rancho vive conquistando o Ojo, mas, em segredos de deuses sem sucesso. Em contrapartida, hoje vi o brilho repentino nos seus olhos...” Explicou implicitamente a senhora Vika, enquanto ajeitava a segunda mala no lugar adequado. Subitamente as duas se olharam intensamente, pelo que a Vilhana diz:
    - “Mas?”



- “Não há um “mas”, Avozinha.” Disse-lhe a senhora calmamente, porém antes que saísse do quarto, a Vilhana desceu dos seus saltos altos, a seguir elucidava:
- “Sabe, madame Vika, te conheço há apenas um minuto, mas me contaste coisas que nem a minha própria mãe me conta... Não sabia que eu tinha nascido aqui, tenho fragmento de memórias... estar junto dos cavalos. Nascer aqui veio de ti. Pelo caminho nos disseste que houve uma grande briga antes de tudo... Então, repito pelo amor de ver-me pequena e crescida agora... “mas...”...”

As mentiras podiam ser contadas pela madame Vika mas, a Vilhana lia entrelinhas dos seus olhos onde via além do nada excepto o amor camuflado, um amor ensombrado pelas mortes, pelos alaridos do azar e pelo amor perdido. Nos momentos posteriores, ela andara junta da madame que foi basicamente ultrapassada e se viu obrigada a obstruir a justiça escondendo as evidências, então soltou a parla que era óbvio ao olho da Vilhana. Afinal de contas, havia mesmo um “mas” por parte da madame Vika:

- “...Mas, por muito relutante que possa ser, ele é um rapaz cuja vida infantil foi muito turbulenta, por consequente ele mente muito, até para coisas desnecessárias.”

## **Capítulo XIII**

–

### **O Amor À Moda Antiga**

Voltar à casa já não era opção para a Vilhana, pois embora haja os maltratos por parte do seu pai, ela encontraria, como de costume a solidão na porta pequena do portão. A solidão esta que fazia tudo a volta dela chorar. Pior ainda, as doces memórias e o silêncio lúgubre eram os seus momentos do passado. Metaforicamente a Vilhana com os seus pensamentos na cabeça, foram levados a sala conversar com o tio Ntoka: “Desejo obter uma tradição, uma identidade minha, as bases solidas para que nunca me perco mais. Aqui no rancho Mbande terei os meios para obtenção destas bases.”

– “O senhor Ntoka vai falar contigo... aqui.”

Naturalmente, a madame Vika informou à Vilhana enquanto ela saía do recinto deixando a outra totalmente sozinha. Acontece que a Vilhana tinha sido deixada num compartimento e o tio Ntoka estava noutro ligado pela janela com a cortina semi-transplante. Todavia, podiam-se ver mas apenas as suas silhuetas e formas de imagem. Sem se cumprimentar, a Vilhana avançou muito antes de ser expulsa do rancho:

- “Morria de saudades da companhia de cavalos, toda vida a minha memória conhecia esse amor mas eu só soube o endereço deste lugar há quatro dias.”
- “A tua mãe sabe que cá estás? Vina”

A Vilhana teve repentinamente um fragmento de memória em que este tio, em particular assegurava-a com todas as forças enquanto outros membros da mesma família puxavam-na, em seguida, as falas do tio não faziam sentido nenhum ao entender da Vilhana. Para se livrar dessa amarga memória, ela fechara os seus olhos, ao momento em que abria-os também respondia ao tio:

- “Ninguém sabe do meu paradeiro, há dois meses que sai de casa e tenho andado casa em casa até aqui parar. Ninguém em casa tem apreço em mim, logo ninguém se

preocupará comigo, assim sempre foi a minha vida, tio Ntoka.”

- “Mentiras! E o teu pai?” Exaltou o senhor Ntoka, por contra Vilhana acalmava:
- “Prometo não incomodar o tio, por nada, não trazer nenhuma intriga nem desentendimentos. Prefiro o amor desses animais... Entretanto, tenho a escola que tem o início no próximo mês, igualmente tenho as poupanças para os meus táxis. Portanto não pretendo nem necessito dos valores.”
- “Mentiras, tudo que é meu é teu, Vina. Pode não parecer. A partir da amanhã serás o meu ouvido e olho no rancho. Trabalharás com o Ojo onde numa fase inicial te ensinará a gestão de tudo e depois será a gerente de tudo em coordenação com o Ojo. Já agora, ganharás o salario básico do rancho, até as segundas ordens.” Esclareceu-lhe o senhor Ntoka, logo ela reflectia e também respondendo-lhe: “A partir desta presente data és o meu tio predileto. O banquete do amor puro, encontra-se aqui juntos dos animais. Especialmente os cavalos.”:
- “Juro que não vais arrepender-te, tio.”
- “Agora, vai ajudar o Ojo fazer entrar o Pé do pano!” Ordenou o senhor Ntoka à Vilhana que alegremente gritou, a seguir levantou as mãos no respectivo rosto:
- “Não!”
- “Ele, agora é “Pai” da Rainha no céu!”
- “O Pé do pano... ainda vivo e no... rancho!”

Com o pingo do amor, a Vilhana correu ver o pessoal fazendo entrar os cavalos todos, entre eles, o “Pé do pano”. Com o unto da alegria, a Vilhana riu cantando a canção que a tia Wanda lhe ensinara há anos, no mesmo solo. Canção esta era ao elevação de estímulo de cavalos. Por gota dos aconchegos da felicidade, a Vilhana estava recomposta, novamente na vida, nada mais podia

faltar na sua vida. Por pingue do amor, soliloquiou a Vilhana, ao ar livre do silêncio do rancho Mbande no bairro Capolo II:

- “Agora, só depende de mim para destrunfar essa felicidade. O amor por muito perdido.”

### **Uma semana depois**

Durante uma semana, a Vilhana esteve apenas no escritório aprendendo as planilhas do Excel da gestão do rancho Mbande com a madame Vika. Enquanto isto, o Ojo e o senhor seu tio Ntoka estavam no lado do campo do respectivo rancho. Na realidade, a Vilhana fazia tudo e mais alguma coisa para ir ver o Ojo no campo, de igual modo o próprio Ojo se procedia, francamente tudo que conseguiam os dois era ver-se a distância um ao outro. Já na semana seguinte, tudo ganhara outro rumo.

- “Os equipamentos comprados lhe ajustaram perfeitamente. Pode dizer, a vontade se acabo de chegar atrasado, Vina.”

O Ojo afirmou á Vilhana que estava no campo e bem equipada, ou seja com o chapéu de cowgirl, calça apropriada para montar o cavalo e a bota, em termo de cavalo: “Botas com salto; a capacete com certificado de segurança aprovada; a roupa para hipismo feminina...”. A propósito, com a palra do Ojo, ela se virou para ele. De igual forma estava vestido o Ojo que perdera uns bons segundos olhando para os olhos da Vilhana, em recuperação da semana em que não conseguia vê-los propriamente. Quando ela desvia o olhar, ele lhe diz confusamente:

- ““Vina” ou “Avozinha”, não sei o que chamá-la...”
- “Não me lembrava que um dia fui chamada de “Vina”. Ao que parece, só um homem na face da terra assim me chamou ou melhor, assim me chama.”
- “O senhor Ntoka... Hoje, começaremos o teu treino “montar o cavalo”.”

Disse seguindo o Ojo para interior do campo onde estavam os cavalos equipados. Assim sendo, a Vilhana também seguiu-lhe atrás. No minuto em que os dois chegaram pertinho dos cavalos, o Pé do pano vinha a direção da Vilhana, logo ela parara para o Pé do pano, já o Ojo via aquilo de um fenómeno. Posteriormente verbalizou aquilo, o Ojo:

- “O cavalo “Pé do pano” te conheces.”
- “Conhecemo-nos na infância, ela era bebé e eu com sete anos de idade. Eu e a minha falecida tia cantávamos para eles.” Suavemente a Vilhana respondeu-lhe. Ela cria uma estranheza na percepção do Ojo com um olhar, ele fugiu de modo:
- “Um pássaro grande feminino disse-me que não lembrava-se ter cá estado.”
- “Realmente, concordo com o pássaro, mas esta última semana, os fragmentos têm-se tornado em memórias nítidas mentalmente. Respiro agora os “déjà-vu”...” Deu-lhe a explicação a Vilhana que outrossim pensou: “Que tamanho tem este rancho?” Quando tudo calmo estava, o Ojo lhe instruía o primeiro passo:
- “Primeiro de todos os passos, Vina: Coloque o animal na posição, como ainda está a aprender... usará o bloco de montagem. Lembre-se sempre de montar o cavalo pelo lado esquerdo. Ora esteja usando o bloco ora com o estribo só. Sorte sua, o Pé do pano conhece-a... Na qualidade de ser uma amadora, mantenha sempre o cavalo bem parado, antes de subi-lo, depois segure nas rédeas para manter o Pé do pano imóvel... quando for subir... em varias ocasiões, eu segurarei o animal enquanto monta-o, Vina, mas parece-me que está mui bem com o animal.”
- “A minha falecida tia ensinava-me oralmente e morre antes de comprar-me o meu cavalo.” A Vilhana se motivou ao dizer isto ao Ojo que diz-lhe segurando tudo:

- “O senhor Ntoka, na semana passada disse-me tanto sobre o Pé do pano...e, como a sua linhagem pertence a si...”

A Vilhana subitamente imerge numa memória, logo o cavalo se moveu conseqüentemente caía até a forte mão destra do Ojo, sorte que o assistente Ojo ajudava a cavaleira a montar, se bem que se tratava de uma aula de equitação. Todavia, a memória era: “Ela junto do bebé cavalo “Pé do pano”, alguns dos funcionários do rancho na altura tirando-a junto do bebé cavalo e ela recusando... Parecendo que este funcionário também era um membro familiar, mas, contudo ela sai de lá quando o tio Ntoka lhe diz: és minha filha, a única, então tudo que é meu é teu. Mesmo estando doente compro o bebé por ti, Vina.”

- “Está bem, Vina? Fechou os olhos, pensei que ia desmaiar...” Afirmou o Ojo preocupadamente com o estado da Vilhana. De seguida em recuperação ela reagiu ora fisicamente ora oralmente, de forma súbita e delirada e olhos abertos:
- “Acabo de ter mais um déjà-vu. O tio Ntoka insiste em chamar-me filha dele e igualmente insiste em dizer que tudo que lhe pertence também me pertence, Ojo.”
- “Chamou-me pela primeira vez...”

Imediatamente, a Vilhana teve que sair da sua memória bela para engrenar num momento, brevemente o momento levava-os lentamente ao chão do campo. Sem dores apenas o amor, os dois se olharam perfeitamente, o dia já não passava e, decerto a noite não seria pesadelo para a Vilhana que tinha o lado superior do seu corpo nas mãos do Ojo e uma das pernas presa no bloco de montagem. Naturalmente as suas caras se aproximavam sem que os donos das mesmas soubessem o porquê.

- “Comigo não foste tão gentil desse modo!”

A voz pertencia à Narcisa, a menina na casa de vinte anos de idade, mais fininha que a Vilhana, mais alta que a Vilhana, mais

escura do que a Vilhana e mais forte que a Vilhana. Com o rosto quadrado diferente da Vilhana... As duas meninas debaixo dum céu estrangeiro e um altíssimo sob si. Foi então através da boca do Ojo, a Vilhana finalmente coadunou o nome “Narcisa” de tanto lhe falara com o seu respectivo corpo:

- “Esta é a Narcisa... Ela também cá trabalha, Vina.”

De repente, a Vilhana voltara à realidade antiga, em tal caso a sua mente sentira repentinamente a dor na perna presa anteriormente no bloco. Seguidamente a Narcisa chegara enquanto o Ojo acabava de pôr a Vilhana de pé em gritos e gemidos de dor. O entorse cancelara e definira o primeiro dia do treino “montar o cavalo”. Este acidente tirara a paixão nos olhos do Ojo que preocupadamente disse-lhes enquanto em cada ombro levavam a Vilhana para casa principal:

- “O senhor Ntoka me mata por isso.”
- “Isto não foi obra tua, foi um mero acidente.” No meio da dor robusta, a Vilhana respondeu a preocupação vil do outro que posteriormente sem pensar disse-lhe:
- “O senhor Ntoka me avisou não haver acidentes envolvendo a sua filha, e dei-lhe a minha palavra, Vina.”

Outrossim, de dor possante do entorse, a Vilhana foi sentada e posta o gelo na perna dorida. Por outro lado, de dor colossal, a família Mpanzo acabava de perder o controlo do paradeiro da Vilhana, já que não estava mais a nenhuma casa conhecida. De dor titanésca, a senhora Vissolela loucamente procurava por sua filha. De dor esmiúça, o senhor Ntoka, após ter avaliado a gravidade do entorse, disse em voz alta à Narcisa:

- “Me explica lá, como é que isto aconteceu? O Ojo me informou que não se encontrava presente aquando do acto, mas você e a Vina.”



A Vilhana ficara de boca aberta, mas estava noutro compartimento sem jeito nem forma para se fazer ouvir. Por outra, o Ojo já não se encontrava presente no rancho. Sendo assim, a Vilhana tentava virar-se em direcção a porta do compartimento onde estavam o tio Ntoka e a Narcisa, gemeu de dor, pois havia mexido a tal perna, por consequente a madame Vika percebera que estavam todos mergulhados na mentira do Ojo. Desse lado, a Narcisa ainda respondia a inquietação do patrão, de forma persuadida:

- “O Ojo tinha voltado ao celeiro pegar algo e eu chegava junto da Vina que estava a ensaia subir no bloco. Quando dei por mim, ela estava no chão. Gritei e o resto do pessoal socorreu-lhe, até ao meio da trajetória onde o Ojo ajudou para dentro da casa, Boss.”
- “Tendes todos a sorte, o entorse é nada, até amanhã andarás. Pedi-vos não envolvê-la nos vossos acidentes, será que é pedir muito?”

Tendo passado dois dias, a Vilhana sendo tratada a perna pela madame Vika. De pé estava ela, mas, em baixo do amor que esperava vir viver num futuro próximo com o rapaz o mais forte do rancho Mbande devido ao simples facto dele ter mentido, em vez de falar a verdade. Mais, parecia brincadeira, a versão da mentira do Ojo colocara a Narcisa em apuros. Então, a Vilhana estava no segundo dia do treino “montar o cavalo”.

- “Olá Vina!” Cumprimentou o Ojo à Vilhana normalmente portanto, ela soltou encolerizadamente a explosão de descontentamento ressabiado face ao acto tido:
- “As tuas mentiras sem nexos me mexeram, de que forma a cabeça.”
- “O Nietzsche ensina-me: “Aquele que quer aprender a voar um dia, precisa primeiro aprender a ficar de pé, caminhar, correr, escalar e dançar; ninguém consegue voar só aprendendo vôo.”” Dizia-lhe o Ojo sem o orgulho

mas com a cabeça erguida. Ao fim da citação, a Vilhana olhou-o com desprezo e lançou por sua vez um ditado contraditório ao do Ojo anteriormente citado ao ar fresco:

- ““Aquele que vai voar com as mentiras não chegará lá” ensino-te eu, hoje. A tua mentira colocou a Narcisa em sarilhos, tive que pedi ao tio, não expulsá-la... O meu tio pedi-me perdão pelo acidente que eu mesma cometi, Ojo. Certo isto não está...”
- “Todos nós percebemos o quanto importante é para o senhor Ntoka. Só você é que não conhece os poderes que tem, Vina. Assumo esse acidente estou fora do rancho, depois do sangue que eu e o meu pai demos a esse rancho.” Humildemente explanava o Ojo à Vilhana que acabava de segurar um cavalo que não era o seu Pé do pano, o predileto. O lamento dela simplesmente não superava a inquietação da menina do ouro que seguramente elucidou-lhe explicitamente:
- “Então, fica sabendo caso a Narcisa for expulsa, tu também serás e se tu me falares uma palavra sequer fora do treino, o teu sangue sujo terminará aqui a sua carreira “cowboy”.”

O Ojo ouviu a Vilhana, de seguida aceitou tudo pela cabeça. Nada mudara por sua parte pois todo o pessoal trabalhador no rancho com este pouco tempo em que convivera com a Vilhana sabia de cor o seu bom coração. Nesse sentido, o Ojo estava bem relaxado, a madame já havia-lhe informado a raiva que a Vilhana tinha acumulado por ele, após aquela mentira. Como era de se esperar, a outra de cara trancada, ele ensinava suavemente passo a passo:

- “Aquando da montagem do cavalo, segure as rédeas na mão esquerda. Deixe-as apertadas de forma que consiga controlá-lo, caso tentar mudar de direção... Muitos cavaleiros dizem sempre algo espécie de cumprimento ao cavalo. Seguidamente, Colocar o seu pé canhoto no

estribo, logo inclinar o corpo para subir na direção do cavalo. Enquanto isso, sentar-se devagar na sela...”

A explicação tinha sido feita mais de duas vezes e na última, a Vilhana já se encontrava na sela do Pé do pano. Sorte que a Vilhana não tinha medo do nada, nem mesmo de cair após aquele entorse. Em outra mão, o animal “Pé do pano” conhecia-a. Estando montando tirara a raiva inicial da Vilhana. Forçadamente o Ojo desejou dizendo ainda em instrução volúvel:

- “...Verificar igualmente se... o loro encontra-se ajustado antes de começar a montar. Com as duas mãos nas rédeas e bom passeio!”

Durante este mês antes da escola começar, a Vilhana cavalgou todas as manhãs, já que tivera aprendido com o Ojo posicionar-se e subir no cavalo. Após isto, o Ojo tinha sido afastado, com o pessoal trabalhador, a Vilhana aprendia as tardes todas a segurança e o conforto entre os cavalos e equipamentos, a saber, botas com salto; capacete com certificado de segurança; roupa para hipismo feminina. Mais, aprendeu também a apertar ao nível correcto o loro do cavalo, não muito frouxo nem muito apertado e o couro do estribo, no intuito de ajustá-lo propriamente.

### **Após um ano**

- “Perdoa-me pela aquela mentira e pelo que fiz a seguir dela...”

Tendo o Ojo dito à Vilhana que estava parada debaixo da luz do sol matinal dourada de cavalo “Pé do pano”, no canto sudeste do rancho Mbande e montando também estava o Ojo. Naturalmente, ela olhou para orgulho dele e nada viu, embora ter sentido o seu coração saltitando. seja dito de passagem, o Ojo tinha tudo para namorar a Vilhana, porém a sua data de mentiras tirava-lhe da equação amorosa. A propósito, quando ela pressentiu que o outro

estava preste a desistir do pedido de desculpa, disse-lhe ela, em seguida cavalgou correndo:

- “Perdoo-te se me apanhares!”

Não tinha como, o Ojo apanhar a Vilhana, o Pé do pano era o cavalo o mais velocista do rancho Mbande, também este facto colocava o tal rancho no mercado de venda, porque todos amadores de hipismo ou equitação, e de corrida de cavalos tinham o olho no mesmo cavalo. Já o Ojo estava a montar o Shelton, o terceiro melhor. Após dois quilómetros, a Vilhana parara de correr deixando desse jeito, o Ojo e o Shelton lhes apanhassem. De pé, ela afirmou ao Ojo deliradamente:

- “Este lugar é maravilhoso, até consigo ouvir os meus pensamentos.”
- “Não é este “lugar”, mas... o teu lugar, porque és a filha dele.” Diz-lhe o Ojo em correcção específica da ideia repleto da paz interior, mas, na mesma moeda e o tom, a Vilhana retorquia o cavaleiro do terceiro cavalo do rancho Mbande:
  - “Sou a sobrinha dele e... não sou a única sobrinha.”
  - “Não vês a vossa aparência? Os traços reforçadamente semelhantes...” O Ojo insistiu na sua ideia inicial, por contra isto obrigou a Vilhana confessar-lhe tudo:
    - “Ele não fala comigo.”
    - “Isto não te descarta de ser filha dele.”
    - “Sobrinha dele, Ojo.”
    - “Filha dele, Vina.”

Em gritaria, o Ojo proferiu esta frase, portanto a Vilhana ficara calada por alguns segundos, sem sequer olhar directamente para o outro. “Segundo as culturas africanas, sou de facto a filha dele, na qualidade de ser o meu tio. No entanto, os ensinamentos da língua pela qual nos comunicamos, sou, de todos os efeitos a sua sobrinha, diferente da filha. Se calhar, nos vossos encontros, ele

insiste-vos dizer que sou a “filha”, pois ele nunca teve uma na vida, Ojo.” Por outra, o Ojo mudara os gritos para um tom suave, enquanto dizia-lhe:

- “Fizeste-me uma promessa no ano passado, estou a honrá-la.”

Se ao menos, a Vilhana perguntasse ao Ojo o teor da promessa, levaria mais sério, as afirmações do outro. Entretanto, ela achou melhor esquecer o passado, incluído o ano passado, já que fazia parte do passado. Seguidamente, ela olhou para o Ojo que pensara naquele instante: “Esta descoberta é pelo meu perdão, Vina. Fiquei fora de tudo por um ano, se calhar devo engrenar na sua vida que significa dizer segurar o leme do rancho.”, Depois disso, ela disse-lhe seriamente:

- “Se ainda veneras voltar a ser o vice-gerente do rancho Mbande, esquece tudo tido no passado, foca-te de agora em diante, no presente e em direção ao futuro, Ojo.”
- “Obrigado, prometo não pisar mais na bola.” Disse-lhe o Ojo em mudança do humor e, de ordem dada, a Vilhana sorriu mostrando aqueles dentes e disse-lhe:
- “No amor, tal como no trabalho, o que importa é o equilíbrio, Ojo.”

No momento que o Ojo e a Vilhana se reconciliavam no campo aberto no canto sul do rancho, o Nketyah acabava de enviar uma sms ao telefone desligado da Vilhana. Fruto da separação da segunda namorada após o rompimento do namoro com a Vilhana. O teor da mensagem estava desligado no telefone da Vilhana que há um ano e alguns meses andava desligado, para todos os efeitos.

## **Capítulo XIV**

—

### **A Luz Amorosa Ao Amanhecer**

- “Se eu te contar mentiras, veja a verdade além dos meus olhos...”

A frase inerente proveniente da boca do Ojo à Vilhana aquando da montagem de cavalos matinal que de repente passaram a fazê-la juntos. Os dois parados em cima de cavalos, ela no “Pé do pano” e ele no “Perdido ao vento”, o segundo veloz cavalo no rancho. Pelo que ele não parava de soltar aquele sorriso rasgado à beleza da Vilhana. Como as mentiras eram “armas mortíferas” dele, a Vilhana olhou-o directamente nos olhos. Então, enquanto ela cantava silenciosamente uma oração, ele confessava-lhe momentos quentes vivenciados ao longo da vida:

- “Tive um pai que batia a mãe por tudo e por nada. Com o tempo, ele passou bater todos lá em casa, especialmente quando bebesse. Consequentemente os meus irmãos e eu encontramos o refúgio nas mentiras, pelo sim pelo não, contamos mentiras e elas salvaram-nos os coros. “Somos o que comemos...” e o Hipócrates acrescentou, “...que o vosso alimento seja o vosso medicamento”. Hoje e agora sou o que comi, a vida toda, uma mentira... Nas melhores hipóteses, sou... um... autêntico mentiroso...”
- “Gosto de... Quero cavalgar contigo, eternamente, Ojo.” Adicionou a Vilhana ao ambiente oculto, no desígnio de relaxar o outro que de igual modo aproveitou a mudança do assunto para introduzir os seus sentimentos. Então disse-lhe ele:
- “Ele ainda te incomoda nos pensamentos...”
- “Já não penso no Nketyah. Recuperei o amor principal da minha vida.” A Vilhana disse-lhe respondendo depois de ter avançado uns passos avante. Adiante o Ojo, enquanto alterava novamente o assunto, ela pensava: “Apesar de eu não saber mais o que tenho nem o que não tenho. O namoro é uma competência que, em todos efeitos deve ser treinado, aprimorado e aperfeiçoado, Ojo.”:

- “Há cinco anos que o senhor Ntoka é aliciado a vender o rancho com tudo nele, inclusive os trabalhadores, Vina. Sinto o nervosismo miudinho vendo, de igual forma os coraçõezinhos, quando estou contigo, Vina. Ontem, apanhei os choques elétricos quando os nossos dedos se tocaram... Quero mais do que cavalgar contigo.”

Ninguém estar perto do coração, a Vilhana tinha parado essa tarefa, o Ojo diferente do Nketyah, quem ela namorou com muito medo de perder por razões também de classe. O Ojo era, apenas técnico médio e ela estava, naltura frequentando a décima segunda classe, logo os dois eram técnicos médios. Um par perfeito. De outro lado, ela pensava mais na Elsa relativamente ao Nketyah, e, quando visse um casal lindo passando na rua pensava no Ojo, o autêntico mentiroso.

- “O Nketyah me deu um sonho que parecia tão real de nove meses.” Informou-lhe a Vilhana descartando tudo outrora partilhado com o Nketyah, em contramão, “Melhor desistir dele, o teu lugar é aqui, comigo, Vina.” Pensou ele dizendo-lhe:
- “Eu não tenho um sonho a dar-te, estou dando-te a...”

As várias elações a tirar nesse inacabada frase do Ojo devido ao levantar da paleta do Pé do pano seguido de um grito longo através do alarme posto pela Vilhana, na sela do cavalo. Sorte, ela já tinha as prácticas segurado muitíssimo bem as rédeas, logo tudo estava nos quites, excepto o momento meramente amoroso que estava tendo naquele preciso momento. Com as flores de papel na mente, ela diz-lhe indo de volta à casa principal:

- “Minha hora de ir à escola... Almoço contigo hoje faltando na escolar, se me apanhaves!”

Na mesma tarde, a Vilhana estava na escola, decerto o Ojo não tinha-lhe apanhado, no desafio posto matinalmente. Ao pôr-do-sol, quando a Vilhana saía da sala de aula à rua, ignorava o



Nkyaku que queria tanto falar-lhe algo íntimo. Posta na rua antes de apanhar o táxi, vira o Nketyah de pé debaixo das árvores postos no Largos das escolas. O Nketyah sorriu-lhe e a Vilhana sobretudo vira o fantasma, portanto rapidamente entrou no Hiase que ia ao bairro Escongolenses.

De outro lado, porém, antes desta tarde e depois de terem chegado com o Ojo, no passeio matinal, a Narcisa tivera dito à Vilhana, brandamente:

- “A tua mãe está ao telefone da linha “one” implorando falar contigo e informou que não desliga o mesmo até falar contigo, Vina.”
- “Não faz mal, falo com ela.” A Vilhana respondia assim que descia do cavalo, após a corrida com o Ojo, o péssimo perdedor. Então a Narcisa lhe informou mais, à mesma altura ajudava-lhe descer segurando as rédeas do Pé do pano:
  - “Ela te chama de “Avozinha”...”
  - “Alô!” Disse a Vilhana depois de ter entrado na casa principal e segurado o tal telefone ao desalento da senhora Vissolela que se esqueceu de dizer inicialmente “alô” para passar a falar, como de costume:
    - “Avozinha, não se sai assim de casa. Estás quase dois anos fora da casa.”
    - “Pessoalmente te informei que estava a sair de casa, para valer, senhora Vissolela.” De tom demorado e timbre moderno, a Vilhana explicou à sua mãe que voltou à gritaria forte aquando da sua fala cheio de desânimo e prostração:
      - “Não sou senhora Vissolela, sou a tua mãe...”
      - “A minha mãe é falecida e, a senhora esteve no seu funeral.” Disse-lhe a Vilhana suavemente, em contrapartida a senhora Vissolela vociferou novamente:
        - “A Wanda foi tua tia, minha irmã menor. Cinco gerações de maldição contra o amor, cinco gerações, não temos tido

a sorte no amor. Especialmente o primeiro. Eu, a Cizola e a Wanda fomos as últimas da última geração da maldição, tu e a Dorca tendes a sorte, pois estais na graça desta maldição.”

- “Não me contes, perguntei à senhora vezes sem conta e simplesmente fui ofendida, ao invés de actualizar-me em questões familiares...” Soltou os berros também a Vilhana face à sua mãe que originalmente abaixara a sua voz ao dizer:
- “Volte pra casa e eu te conto tudo, sem esconder uma asserção.”
- “Já não estou interessada, mamã. Prefiro arriscar-me neste caminho, sozinha, de hoje para o futuro...” De igual voz, a Vilhana afirmou aquilo. De seguida a senhora Vissolela se vitimou meticulosamente ao implorar com prantos miúdos:
- “Estás hospedada numa casa onde estou proibida de entrar. Estamos todos proibidos de entrar, muito menos se hospedar, mãe da minha mãe... Os conflitos gerados naquele solo matou a minha mãe, a tua avó, por isso é que o teu nome é “Avozinha”.”
- “O meu nome é “Vilhana”, mamã... Olhe, estou a trabalhar aqui e ganhando dinheiro sério, quando cá sair alugarei uma casa... Apenas me falta mais um ano cá. Tente esquecer-me, não sua casa jamais voltarei, pois prefiro morrer na via pública do que viver a vida de uma enteada dos pais vivos.”

A senhora Vissolela entendera a mensagem de forma nítida, portanto começara a chorar do outro lado da linha. Para ela a expressão era, em parte verdade, outra parte mentira, uma vez que a Vilhana era a filha que ela mais amava naquela casa, só que nunca soube manifestar esse amor. E, ao passar do tempo, presenciou o sofrimento dela por perto e mais, nada fez para

ajudar ou minimizar as dores da filha. Ainda em choros, a senhora Vissolela dizia-lhe:

- “Tu não és a enteada de ninguém...”
- “Mas, vocês me fazem viver como se fosse. Deixem-me em paz, a partir de agora! Para isto ser verdade, há quase dois anos... quem morreu procurando-me?”

No dia seguinte do fantasma, a Vilhana foi chamada pela madame Vika vir atender uma chamada no telefone principal da casa, noutro lado em linha estava a Vanessa. O nome este motivara a Vilhana largar a conversa em prol do trabalho que tinha com o Ojo e mais elementos trabalhadores do rancho. Assim que ia pensava alto: “Esta menina me escorraçou feito um “cão”, há anos e agora quer-me falar! O que será? ” Na cabeça da Vilhana, nada seria senão o lugar onde vendia a Vanessa. Este lugar andava em litígio, uma outra senhora venerava vender o mesmo negócio que a Vanessa no mesmo lugar e a Vilhana é que era a sua protectora. Assim sendo, a Vanessa ligava-lhe para, mais uma vez, solicitar essa ajuda, em particular.

- “Alô Vick, não estavas chateada comigo?” Atendeu a Vilhana rapidamente, e no lado oposto da linha, de maneira suave e doce esclarecia a pergunta efectuada:
- “Estava mesmo, Ana. Aquele acto colocou-me fora do tempo, para o Nketyah voltar a falar comigo, a condição foi: eu deixar de vender na tua rua bem como em qualquer rua; eu voltar à casa dos meus pais; e voltar a estudar, ou seja às formações... Tinha voltado a dar satisfações: aonde vais? O que vais fazer? A que horas entraste a noite passada?”
- “Pensei que achas isto de leve... Tens visto as meninas?”

A resposta da pergunta não tida, de imediato a linha conhecia um longo silêncio em ambas partes. Numa mão, a Vilhana aguentou deferimento a asserção da resposta positiva. Noutra mão, a

Vanessa fracamente procurava algo que na certa não era uma resposta a dar à outra. Completamente sem o amor, a Vilhana acrescentou à pergunta:

- “Especialmente a Elsa...”
- “Há sete meses, após teres fugido de casa, a tua mãe ligou pra mim achando que estava comigo... Ana. Ela afirmava que eu escondia-te, então sem opções meti-me à tua busca, onde, sem querer liguei para todas as meninas... Durante três até a tua mãe ligar-nos informar que já sabia o teu paradeiro através da tua prima Janeth, estive a conviver com as meninas. Não há um jeito fácil, cada dia ficava mais difícil socializar-me com elas, incluindo a tua “Elsa”... uma cabra!” A Vanessa ternamente esclareceu o ponto morto à Vilhana que perguntou a seguir:
- “Vick, eu ainda não te pedi o perdão, porquê me ligas, no pleno sábado?”
- “A senhora Vissolela me informa que estás a viver no tio o teu conflituoso. Um que a família deu às costas há anos, por teimosia e conflitos desnecessários...” Informou a Vanessa sabiamente à Vilhana que muito antes de ter respondido reflectiu vagamente: “As casas antigas estão repleto de vidas e mortes, Sabes?”:
- “Não há família sem os conflitos, não há família sem as brigas, não há família sem os problemáticos, não há família sem os membros isolados e, bem como não há família sem um chumbo. Vick, e o Luyeye?”
- “Tu me conheces está por aí... com o amor dele nas mãos... estou esperando, Vila!”
- “Por quê?” A Vilhana perguntou-lhe alterando o tom da voz para uma mais baixa, misteriosamente a Vanessa deixou passar uns segundos, só assim afirmou:
- “A pergunta feita em torno do Nketyah...”
- “Porquê eu teria perguntado por ele?”

- “Por um ano e meio que saíste do bairro Rocha Pinto por causa dele e desligaste o telefone.” De jeito a rasca, a Vanessa notificou-lhe o motivo, sem meio jeito e perdido igualmente gosto daquela chamada, a Vilhana enterrada respondia-lhe:
- “Fui ter com o teu irmão, com tudo que era meu proveniente dele, incluindo o meu coração cheio de amor. Ele, de modo simples e natural recusou tudo. Coloquei tudo numa caixinha, com os telefones desligados. Guardei a caixinha, um dia em que ele enlouquecer e decidir reaver os seus artigos, a caixinha lhe será entregue, naturalmente. Tirando apenas uma coisinha...”
- “O teu coração cheio do amor...”

Nesse caso, eram duas coisinhas, pois o colar de mascote “anjo da sorte” andava no pescoço da Vilhana, dia e noite. “Como posso deixar de amá-lo, esquecê-lo juntamente com as coisas que partilhamos e, seguir em frente com outros os amores, Vick? Tu que já tiveste-os tantos na tua vida. Eu já não amo-o, já não sinto-o mas parece que ele faz parte de mim...” Pensava a Vilhana enquanto a sua mão canhota desligava, de forma delirada o tal telefone fixo com a chamada ainda em linha.

- “Não sei se são as rédeas do amor, ou, apenas a tua beldade rara, com tudo, acho que é tudo em ti...”

Dizia a Narcisa à Vilhana, até a presença da madame Vika no celeiro de cavalos, onde as duas meninas se encontravam. Entretanto, a Narcisa, com a certeza tinha algo negativo a proferir à Vilhana. O olhar da madame recuou a Narcisa, portanto a Vilhana percebeu o gesto, com intento feminino. Na altura em que a Narcisa se retirava, a madame dizia-lhe carinhosamente:

- “O coração é que manda e, este quer aquilo que sentiu quando o olho viu...”

- “Pois embora a obra inacabada, sei exactamente de que se trata. Interesse-me com a história da minha primeira estadia aqui, no rancho. Cada coisa que faço tenho um déjà-vu, cada sítio que vá nesse rancho, vejo um déjà-vu. Então a mensagem no meu interior me diz que cá já estive e não por uma semana conforme a minha tia Wanda me tivera dito.” Afirmou simpaticamente a Vilhana à senhora Vika que perdera a luz da sua alegria pois pensara que seria confrontada com a má postura da menina Narcisa. Em função disso, ela disse depois virou à parede:
- ““Tem coisas que é melhor esquecer.” Conforme dizem por aí...”
- “Todas vezes que tenho um presságio de morte. A Narcisa intervinha-me com algo. Diz-me ao mínimo se houve o amor, antes de tudo que só tenho fragmentos!”
- “Ele amou tanto ela e ela amou tanto todos, à sua maneira, claro. O amor a todos tirou-lhe do amor dele, menina Vilhana Cizola Muxima Mbande.” A senhora Vika respondia a insistência da Vilhana superficialmente. Sem sorte, o Ojo entrava no tal celeiro dizendo intencionalmente à Vilhana, mas de olhos fixados à senhora:
- “Não sabia que estava no celeiro, Vina.”
- “Ainda bem que cá estás, Ojo. Vem um pouco aqui.”

A Vilhana ordenou o Ojo que se disponibilizou isolar com a Vilhana um bocado distante da madame Vika que sabia de antemão a conversa que os dois estavam ir ter distante dela. Nessoro, a Vilhana e o Ojo se encontravam fora do celeiro de cavalos e tête-à-tête. De imediato ela alega suavemente com as suas mãos postas à cintura:

- “Há qualquer coisa que eu deva saber acerca da Narcisa?”

Na verdade, não tinha sido a semântica da frase da outra que despertara o Ojo, mas, sim o tom e o timbre banhados de ciúmes

e não menos da tamanha preocupação. Sendo que o momento saíra da equação amorosa pelo relincho de dois cavalos no celeiro do rancho e, quando assim voltaram o anterior olhar. O Ojo disse-lhe, com o tom quando um homem está interessado pela uma mulher:

- “Ela está assombrada com os ciúmes, tenho o olho mole por ti.”
- “Os moles olhos que eram dela!” Reagiu antipaticamente a Vilhana, e ele disse:
- “Por sim e por não, houve cenas ternas por lado dela, mas, regularmente faltou a pura fásca... Penso que sabe de que falo... O teu olhar denunciou-te num teu primeiro dia no rancho, Vina.”
- “Acerca da fásca, sei lá, porém... se eu morrer hoje, morrerei sem o arrependimento, pois amei-o de coração aberto.” Afirmou abertamente a Vilhana que posteriormente pensava enquanto mentalmente avaliava o dito anterior: “Ela é nova, Ojo. Logo não percebe da dor como nós...” Por fásca, o Ojo citava-lhe:
- “Diga-me o que faz um homem quando este deseja dar-te todo o seu coração, aquele que sorri e ri enquanto você está por perto e, terrivelmente chora quando você o deixa só...”

A frase do sentido enigmado foi dita com a mão do Ojo estendida à Vilhana ao namoro, porque, sem sombra de dúvida ele era o tal “homem”. Como sempre a Vilhana preste a segurar aquela mão com o olhar apaixonado do outro, a Narcisa regressa no círculo amoroso no qual não tinha sido convidada. Consequentemente a mão estendida não teve o seu respectivo êxito. De outro lado, a semana após esta, os deuses resolveram responder vigorosamente o maior desejo da Vilhana, em que consistia ver a sua “Lola”, a Elsa. Decerto na cabeça da Vilhana, a amiga viria pedir o devido perdão imparcialmente. No campo aberto do rancho Mbande.

- “Avozinha, és agora um osso duro de roer a se encontrar. Há meses que te procuro.”

Por vergonha tida, a Elsa participou à Vilhana a situação em que estavam a respirar, devido à ausência física da Vilhana no mundo dos vivos, nos ventos abertos do rancho Mbande. Por lesado tido, a Vilhana que, desejava abraçar fortemente a sua amiga contra todas as saudades tidas nestes últimos meses, recuou significativamente. Por determinação, a Elsa forçou-se olhar amavelmente a Vilhana, a sua “Ana”, já a outra entendera que este amor verdadeiramente verdade já tinha acabado há dois anos. Por esperança tida, a Elsa lamentou a sua profunda dor da victoria cheia do nada:

- “Estamos há três meses sem a autorização de cantar. Houve uma gestão de mudança na qual o pastor responsável foi trocado por um proveniente do Africa do sul, o reverendo Victor. Este último quer tudo nos quites, por contra ainda constas como a responsável do nosso grupo coral.”
- “Até hoje, vós continueis nisso. O que faltou-vos mudar isso, Elsa?” Lamentavelmente interrogou-lhe a Vilhana que só pensava em sair dali, a todo custo. Porém a Elsa respondeu-lhe meigamente indo igualmente aos laterais:
- “Vivíamos em troca de favores com o anterior pastor, então não era um empecilho.”
- “Trocas de favores! Deixa adivinhar, o pastor fazia sexos com a Rosa...”

Assustadamente a Vilhana exaltou-se e posteriormente afirmou tremendo o corpo todo. “Tínhamos todas, um talento invulgar para o corte de viés. Por um lapso contra o amor da fé, o alarido do sexo servia do nosso salvador do talento invulgar.” A menina Elsa pensou respondendo psicologicamente. Pena que a ex-amiga não tinha os dons de ler os pensamentos. Pelo que o pensamento



tido deixara a Elsa tanto quanto sensível, conseqüentemente a verdade lhe saiu pela culatra:

- “Não te minto, Avozinha. O pastor escolhia entre eu e a Rosa, como era mais a outra, isto fê-la de líder... Se, ao menos estivesse no grupo coral, isto não estaria a acontecer.”
- “Para aí, Elsa. Estás a tentar dizer que o pastor anterior sabia dessa falcatura e tirava disso o seu proveito.” Disse-lhe a Vilhana surpreendentemente, no entanto a outrora melhor amiga corrigia-lhe naturalmente, tentando ser tudo menos uma inútil lamurienta diante daquela que sempre deu o apoio moral e espiritual:
- “...“Chantagem” é o correcto termo... O novo pastor tem medo dos tribunais, “o direito do autor”. Ele é tão cauteloso que a igreja Metodista parar nos tribunais. Sabes, Africa do sul, tudo termina num tribunal, conseqüentemente pensa que em Angola também é assim.”
- “Ao nível mais alto, em Angola também leva-se os conflitos aos tribunais.”
- “O grupo coral cujo nome é escrito duas vezes naquela igreja, precisa-se do autor principal, que és tu para uma rápida conversa com o novo pastor, com vista a reatar as actividades do mesmo.” Suavemente falou a Elsa, desta vez olhara firmemente nos olhos da Vilhana fechada os seus enquanto lhe respondia:
- “Na assinatura da vez passada... fui claro pra contigo, Elsa... assino se me deixar em paz, o que ainda fazes aqui diante de mim?”

Além de toda dúvida razoável, a Vilhana ressentida reflectiu com um olho cheio de lagrimas: “Por favor Elsa, não me obrigar falar do quanto me magoaste. Dado que não quero falar de como partiste o meu coração, pense que se eu ficasse aqui, no rancho

por um tempinho mais, tu sentirias a minha nossa dor.” Além de toda dúvida razoável, ela, em vez de recuar fugindo conforme o hábito, andara dois passos junto da Elsa e daí soltava um enorme alívio ao condicionar-lhe com isso:

- “Ficas mui bem fora dessa expressão de autocomiseração. Eis a minha asserção: Por tudo de bom que fizeste por mim, aceitas que eu converse com o reverendo e assine qualquer documento para tu e as tuas amigas continuareis a ganhar valores do grupo coral “pé de pano”?”
- “Fizemos-te coisas erradas sem razões nenhuma... Talvez a razão fosse as tuas pernas e tua postura, porque o director de estúdio de gravação da igreja preferia ver-te posta no meio de nós. A presença da tua beleza valia mais do que o teu cantar, este facto irritou tanto a mim como a Rosa... O resto já sabes!”

Embora longa a resposta de menos hipoteca da Elsa, não respondeu explicitamente a pergunta opcional efectuada pela Vilhana que de pé e cara-a-cara estava com ela. Sobretudo, ambas meninas outrora melhores amigas ora inimigas cheiram a esturro ao ar doce do rancho Mbande. Rapidamente, a Vilhana tomou a palavra, no sentido de repetir a mesmíssima pergunta efectuada anteriormente:

- “Por tudo de bom que fizeste por mim, especialmente após a morte da minha tia-mãe Wanda, aceitas que eu vá resolver o teu problema de usurpação de identidade na igreja Metodista, Lola?”
- “Se não fores para aquele gabinete ter com o novo pastor, o grupo coral, se calhar responderá o tribunal ou conselho de juventude. A mão do coordenador Noah está metido nisso também.”

A manipulação tinha perdido o seu foco, a Elsa por várias razões não cedia os seus bons actos prestados à Vilhana há anos por grande assinatura. Mais uma vez, a sua resposta não respondeu a pergunta feita por parte da outra diante dela. O silêncio ensombrou o encontro, em seguida enquanto este silêncio de olhares intensas durava, a Elsa pensava: “Anular o meu bem por ti pelo mal, Ana. Nem mesmo o próprio diabo faria algo parecido. O bem, menos importa o seu respectivo tamanho é sempre superior do mal. Meu Deus, sei que ainda tens o apreço por minha alma, diz-me o que fazer, porque as meninas estão no carro lá fora esperando por mim...” Como demorava a resposta, a Vilhana reformulou a pergunta novamente:

- “Houve brigas terríveis entre os meus membros familiares desde os meus seis anos até aos meus nove anos de idade, estas brigas só cessaram quando a minha tia Wanda decidiu levar-me para sua casa como sua filha. Portanto eu estava salva... poucos anos depois ela faleceu, eu também tinha que morrer a seguir, mas eu tinha você... eu te conheci. Às vezes, digo que se não fosse o Deus eu estaria morta há imenso tempo, mas descobri que não tinha sido o Deus, pois aqueles que morreram sem sequer pecar, o Deus é que deixou-os morrer? Então tenho-me dito que foste “tu”, Lola. Por medo do meu pai, eu não chorei a tia Wanda, uma vez que era o inimigo do meu pai por ter-me acolhido. Em tudo exposto, por tudo do bom, por estares lá quando não tinha mais ninguém, ...inclusive a minha própria mãe, por tua presença calorosa, aceitas que eu fale e assine a tua anuência na igreja Metodista, Lola?”

Por amor dum bom feito, a Elsa recuou aquele olhar manipulativo e, posteriormente recuara o seu corpo ligeiramente. Por amor de bem efectuado, a Elsa chorou, de seguida se retirou do rancho, mas antes de chegar a porta com o acesso à rua olhara três vezes atrás onde estava a Vilhana, a sua ex-amiga. Por amor de ter

recebido tudo e nada entregue em troca, a Vilhana sentara no chão chorando a sua tia-mãe, a Wanda Muxima, quem nunca chegou chorar propriamente. Por amor este, a Vilhana chorou alto até a Narcisa vir socorrê-la.

- “Plano, ninguém fez, mas o destino nos traçou o seu plano, menina Mbande. “Vamos ambos crescer no rancho”, disse-me ele. Pois embora o senhor Ntoka não se decide vender o rancho, o nosso amor nele será, de igual forma vendido. Junto do novo dono manteremos as nossas vagas e também o nosso amor, somos dedos da mesma mão. Acendemos de categorias, choramos juntos silenciosamente e, quando falhamos ou deixamos de fazer algo importante juntos choramos desesperadamente. Até a menina Mbande chegar quebrar o encanto do nosso amor com a tua maldita beleza, eu e ele nunca tínhamos visto alguém que se enfeita com tudo em que veste... vestido deixa-a deslumbrante, as saias deixaram-na “sexy” e as calças exibem a magnífica estrutura das pernas alíciantes. Por esse facto sei que nunca sentirei o seu amor novamente, que silenciosamente não choraremos juntos, as nossas conquistas. Por tua formosura aformoseada com os favores de um rancho em teu nome, por isto choro por dentro, sozinha...” Contava a Narcisa à Vilhana chorando. As duas meninas se encontravam sentadas no chão, uma chorava a tia-mãe e a amiga, já a outra chorava o seu amor perdido. Isto cortara a vontade do choro da Vilhana que, no momento posterior, perguntou arduamente por conta daquele choro barroco:
  - “Tu e o Ojo sois namorados?”
  - “Define “namorados”, menina Mbande.” Alegou a Narcisa basicamente, ainda abraçada com a Vilhana que tentava definir o termo, até ser cortada a palavra:
  - “Aqueles que se...”

- “O Ojo abandonou o nosso ninho por ti. Engraçado é que eu não o censuro, quem o censuraria...”
- “Eu não o namoro, apenas amo cavalgar consigo, no período matinal.” A Vilhana, de modo ameno levou a razão à cabeça da outra que pensou antes de responder-lhe sussurradamente: “O teu amor para com ele é como uma emergência que surge sem aviso como o acidente de carro, o incêndio, o ataque cardíaco, o assalto, menina Mbande”:
- “Não é o que ele pensa, Avozinha...”

## **Capítulo XV**

—

### **Todas As Pequenas Grandes Coisas**

A árvore de doações amorosas ficou com um sorriso rasgado com o amor do Ojo que se aproximou da Vilhana enquanto a Narcisa vivia esperando por esse amor há anos. Desse jeito, os três jovens coabitaram o seu amor dúbio até os encantos de finais do ano. Estes finais do ano só trouxe as belas aventuras esculpidas no horizonte avistadas no rancho.

- “Sei que o meu problema contigo é as mentiras. Também sei que te tinha informado que não voltaria a mentir, no entanto vezes sem contas menti e tanto, mas, Vina... prefiro que me castrem as pernas, de modos a nunca mais montar um cavalo na vida, mas a vida sem ti, não a quero viver.”

De traumas de crupiê, o Ojo engatou a Vilhana no ponto final da corrida matinal, a seguir olharam-se um ao outro com muito amor e temor. Provavelmente este facto conduziu a Vilhana ao pensamento enquanto lá parada em cima do cavalo: “Que continuemos a fazer as piadas da mentira. Asseguro-te, Ojo, o teu próximo erro pintado de mentira será o teu último.” A paixão foi maior que a razão, portanto ela antecipou-lhe oralmente, de forma aprazível:

- “Sei que fui mui dura para contigo nos últimos seis meses. Quero que me dêes mais dois dias, até a festa anual do rancho Mbande...”
- “O que é que há?” O Ojo perguntou-lhe revoltadamente mas, no entanto ela soube escolher as mágicas palavras que por sua vez acalmaram o ânimo tido:
- “Terminei o ensino médio e os meus pais, lá no Rocha Pinto realizaram uma festa do fim de estudos por mim, no último sábado...”
- “Ontem?”
- “...Não estive presente na minha própria festa, pese embora ter-me convidado... à festa.” Moderadamente a Vilhana actualizava o Ojo que voltou a exclamar:

- “Continuo a não perceber, Vina...”
- “Desejo ter três em um, na festa daqui a dois dias... a festa do fim de estudos, a festa anual do rancho, já que perdi a do ano passado e tu, um novo namorado.”

Sem o estresse, a Vilhana, como sempre voou com o cavalo mais rápido do que o Ojo, o seu favorito perdedor matinal das corridas oficiosas após o passeio matinal. Na prática, o Ojo não precisava seguir-lhe naquele dia, porque já tinha na manga a resposta preciosa da sua vida. Envolvidos minutos, ela chegava à casa principal para começar o seu belo dia no rancho. Entretanto, um dedo a distância indicava-lhe que tinha uma visita na cantina do rancho, por consequente ela não parou e seguiu até lá.

- “Nunca me disseste que sabias montar um cavalo.”
- “Bom dia, Nketyah. Não esperava ver-te aqui... O que estás aqui a fazer?” Perguntou a Vilhana ao Nketyah, supressa com a presença lamurienta que limpava, de certa forma o pó à sua armadura rutilante para mais uma batalha amorosa. Assim sendo, de cabo ao rabo o Nketyah criticava fortemente a Vilhana:
  - “No sábado transato, fui à tua festa do término do ensino médio e a festa era uma maravilha, até conversei a noite toda com a Dorca na esperança de ver-te lá, mas voltei sem sequer ver-te ou conversar contigo, Vila.”
  - “Não pedi aquela festa, vivi naquela casa toda a minha vida, fiz anos após anos, nunca uma festa deram por mim, logo a realização daquela festa era uma mera armadilha para mim.” Irritadamente a Vilhana transmitiu-lhe e bem ele concordou:
    - “Foi o que eu e a Dorca quase pensamos... Como tens passado?”
    - “Olha Nketyah, tenho imenso trabalho a minha espera. O que estás aqui a fazer? Dado que não é nada saudável ter-te aqui ou ver-te de novo.” Insistiu perguntando-lhe a



Vilhana que ocasionalmente olhava a sua volta. De forma salvável, o Nketyah, com a mão canhota no bolso, respondeu à Vilhana:

- “Sei disso de cor... verdadeiramente há um amigo meu... que procura uma decoradora para o seu casamento. Eu e a Vick gostamos da decoração que fizeste no casamento do Mpangui...”
- “Estavam lá?”
- “Chegamos depois de teres ido embora...” Respondeu-lhe a pergunta o Nketyah de maneira relaxada. Imediatamente, a outra tomou a palavra denegando tudo:
  - “Já não estou interessada na decoração, Nketyah. Nos sábados e domingos está a realizar-se as competições de hipismo.”
  - “O hipismo?”
  - “A equitação... para muitos menos ignorantes, embora sendo os dois radicalmente diferentes. Nketyah, acho melhor ires-te embora daqui...”

Disse a Vilhana deixando o Nketyah de pé junto daquela cantina, seguidamente ela entrou na tal cantina, na esperança de outro ir-se embora do rancho, pois embora tê-lo esquecido no amor partilhado juntos, ela começava a ter os fragmentos de bons momentos vividos juntos através do olhar dele, dos movimentos corporais dele, dos gestos corporais dele aquando das falas. Isto tudo vinha lentamente à péssima memória da Vilhana. Posta dentro da cantina, a menina que raramente chorava estava cansada de ouvir os sons das suas lágrimas, o choro realmente intenso e este vinha com o respectivo pensamento: “Eu desejo nada mas que voltes pra mim e para nossa casa levar-me. Cansada de longas noites ténias sem o teu “feliz noite”, se pelo menos soubesse reconquistar o teu coração, será que é tão diferente contigo? Partilhamos o mesmo amor e agora temos os sentimentos diferentes, Nketyah?”

– “Tu desligaste o telefone, Vila...”

O Nketyah seguira-lhe dentro da cantina, então entrava lá criticando ao mesmo tempo, só depois em que percebeu que a inclinação em que se encontrava a Vilhana era de choro. Nesse sentido, ele foi junto dela confirmar isso, brevemente abraçou-a nas costas, tão forte. Com a sensação de espírito livre, a Vilhana ainda de choros disse-lhe continuamente:

- “Sei das tuas namoradas, Nketyah... A Vanessa e a Elsa esfregaram-me os nomes delas na cara.”
- “Tiraste do teu pescoço o colar de mascote “anjo da sorte”, Vila.” O Nketyah, mais uma vez criticou a Vilhana que, de modo coagido reivindicava-lhe tudo:
- “Descobri que só tinha direito de tirar uma coisinha da caixinha, portanto todos os teus pertences lá estão... posso dar-ta de volta, Nketyah.”
- “Não estou cá por estas coisas, Vila...”
- “Então, porquê cá estás?”
- “Já te disse... a decoração...”
- “Já te disse. Não tenho as montanhas aqui, mas, sim o perigo, as caças ao tesouro e, as viagens matinais de cavalos velozes... tenho um salário para não ir atrás das decorações... Sai daqui, por favor... não voltes mais! Para o bem de todos...”

Sem perceber, o Nketyah largou a Vilhana, imediatamente se pôs de pé. Sem perceber, o Nketyah saiu abandonando a cantina, assim qua estava fora pensou alto: “O que é que está a acontecer? Fui eu que magoei essa menina? Sempre o achei contrário. Escrevi inúmeras cartas de desculpas, como se fosse ela me pedindo as sinceras desculpas... Se não fosse por ela, teria nesse instante um filho preste a entrar na creche... Fui eu ou ela a dar o ultimato?” Para efectivação do seu castigo, o sol ardente de Luanda abre sob o solo.

### **No dia da festa anual do rancho Mbande**

Dois dias passam bem de pressa, um dia foi canja para o Ojo esperar a sua resposta de uma vida do amor puro sem implicações. A festa no seu estado criança, a Vilhana aparece atrás da menina Narcisa e lá esperou até esta se virar para ela, portanto abraçou-a como se fossem umas grandes amigas. Posteriormente conduziu-a onde o Ojo se encontrava de pé. Antes que ela fizesse qualquer movimento com o Ojo, ela disse à Narcisa carinhosamente:

- “Eu e o Ojo não temos nada, nunca tivemos e nunca teremos. Dado que tu e ele merecem-se.”

A Vilhana abraçou o Ojo na cintura e, posterior puxou-o onde se encontrava a Narcisa de pé sem jeito nem palavras. Contudo, a Narcisa olhava para aquilo tipo os deuses estavam unidos por sua causa, justamente naquele momento. Quando perto se encontram, a Vilhana e a Narcisa, a faísca iluminou a festa anual do rancho Mbande. Entretanto a Vilhana segurou a mão da Narcisa e no momento em que ela era segurada, em contramão, também lhe dizia, do jeito sussurrado:

- “Porquê estás a fazer isto contigo mesma? Ele já rompeu comigo, Vina.”
- “Tu o viste primeira. Porquê eu o roubaria de ti? Apenas faça-o feliz como eu o faria...”

A Narcisa aceitou com a cabeça veementemente, logo depois se posicionou bem diante do Ojo esperando por movimento dele, por outra o senhor Ntoka onde estava só abanava a sua cabeça activamente pelo acto de covardia por parte da sobrinha que morosamente se caminhava para fora da sala onde se decorria a tal festa para um sítio bom no qual os olhos de Deus não enxergam, para lá chorar. Quando fora se encontrava, o tio Ntoka abordou-lhe enquanto esta pensava: “Dia e noite, estives lá ao meu lado, agora vês, fomos capturados no olho dum vento leve, imagina se fosse pela tempestade! Pensei que esse amor era

inquebrável. Que era inconfundível, também pensei eu e agora, abraço a migalha dum amor intocável...”:

- “Aquele rapaz pediu-me a tua mão em namoro, como o sinal de respeito. Aquele rapaz me disse que és a mulher a mais linda na face da terra, Vina.”
- “É porque ele nunca andou em todas as terras do mundo.”

A Vilhana falava, ao mesmo tempo abraçava firmemente o senhor Ntoka, após os dois terem andado em direcção de um ao outro. Todavia, o abraço era tão bom para ambas partes envolvidas nele. Enquanto durava ainda o aludido abraço, a Vilhana confessava ao seu tio, de forma sussurrada:

- “Este abraço é tão bom, quanto tempo não recebia um igual. Até me acalmou os nervos e me tirou a vontade de verter as lágrimas.”
- “O abraço este que recebias do Nketyah!” Disse-lhe o senhor Ntoka tenuemente, portanto, a semelhança da Vanessa, com quem a Vilhana já não estava falar, por conta das perguntas obrigatórias em torno do “Nketyah, o menino que veio sem sequer trazer consigo as tulipas vermelhas na mão”. O menino do combate perdido ou seja, perdido em combate amoroso. Por esta razão, a Vilhana exclamou ao seu tio, em voz altíssima:
- “Até você!”

A exclamação dolorosa veio juntamente com a separação daquele bom abraço destinado aqueles que se amam realmente. Sendo que o abraço largado, ninguém dava o passo traseiro para o conforto daquela conversa que os dois estavam a ter, pela primeiríssima vez. Pelo não pelo sim, a Vilhana soltou suavemente a sua sensível voz feminina ao ouvido do senhor Ntoka:

- “O tio, desde que eu cá cheguei, o tio nunca sequer conversou directamente comigo. O que mudou hoje? O que se passa?”

- “Sem rodeio, vendi o rancho... na verdade, acabo ainda de vender o referido e, volto para a Malange no próximo ano...” Afirmou-lhe o senhor Ntoka suavemente e de olhos fixados nela. Entretanto ela pensava categoricamente enquanto dava a sua resposta em estilo exclamativa: “É um grande percalço do amor a amortizar num curto período de tempo.”:
- “Próximo ano, só faltam alguns dias!”
- “Seja como for...”

Nada espantava a Vilhana, pois a venda que ela tinha na cabeça não era, de tudo ruim. Porém o tio continuava a olhar nos seus olhos, de forma profunda. Portanto ela se apercebeu que algo estava a escapá-la. Sendo assim, o tio Ntoka acabava de passar-lhe a pura mensagem que a Vilhana teve que confirmar oralmente:

- “Vão ficar com a Rainha no céu, tio Ntoka?”
- “O comprador tem uma tradição em que consiste em derramar sangue de um animal, antes de tudo...” Retorquiu socialmente o senhor Ntoka que teve de ouvir em berros potentes a pergunta típica da Vilhana, a sobrinha predilecta:
- “A égua, a Rainha no céu será o bode expiatório deles, tio?”
- “Infelizmente...”
- “Então, fico com o Pé do pano.” Deu-lhe em suave e rica voz a Vilhana, outras opções, no intuito de tudo encaixar e, perfeitamente o senhor Ntoka disse-lhe:
- “O acordo é não mexer nada, até os funcionários do rancho...”
- “Tu não fazes nada pra mim!”

A Vilhana soltou a tampa e, portanto gritou contra o tio, em seguida ia-se embora daí e o senhor Ntoka seguiu-lhe atrás. Em segundos, segurou-a na mão em altura da cintura, desse jeito, com muita força virou-a à posição de cara-a-cara. Então, ele, com as

reias intenções de parar a chuva, diz-lhe com todo o amor tido na vida:

- “Eu sempre te tive como filha.”
- “Sou sua filha... Sou clara... tenho a pele clara diferente dos meus irmãos... tenho rosto redondo enquanto todos os meus irmãos têm um rosto rechonchudo, portanto, o vosso romance teve uma “filha”.” De forma abrupta, a Vilhana elucidava-lhe o juízo, logo, por contrário ele contradizia-lhe seriamente:
  - “Tu és parecida com a tua mãe...”
  - “Mentiras! Já viste os meus dentes de... frente?”
  - “Uma marca de dentes malanjinós, Vina.”
  - “Sou sua filha, sempre fui... Deixo-o sempre nervoso quando invado o lugar onde estiver e o meu pai Maziku nunca me olhou como olha pra mim... Porquê não me deixa um cavalo pra eu me lembrar de si?” A Vilhana trespassou-lhe mentalmente, muito antes de responder-lhe, o senhor Ntoka ultrapassou-a depois virou-se para ela com um lábio mordido disse-lhe abertamente sem temor tido:
    - “Vendi o rancho, os valores estão sendo transferido na tua conta bancária. Não queria deixar-te os problemas, mas os valores pra investir num bom negócio...”
    - “Nunca quis o teu dinheiro, apenas queria que lutasses por mim ter o teu nome nos meus registos como o “pai”...” Falava vinda em direcção do senhor Ntoka a Vilhana que outrossim parara de andar quando parara também de falar. De forças contra um provável choro, o senhor Ntoka lhe dizia expressamente:
      - “Lutei, Vina. A tua avó morreu no meio desta luta... perdi... precisei-te fora daquele inferno. Preferi amar o amor que a tua mãe me deixou...”

Sem a lua cheia, a noite terminou levando tudo da Vilhana, a menina que sonhava terminar com três grandes coisas numa só. O dia se levantou com a visita do senhor Ntoka no quarto da Vilhana pela primeira vez. Logicamente ela já não precisava enfrentar o mundo, sozinha. Espantosamente sentara na cama olhando para o senhor Ntoka e continuava negar o que os seus olhos viam, então perguntou algo que se fosse nos sonhos dela o outro lado não teria respondido, conforme nenhuma alma na vida dela nunca respondeu:

- “Não quero o seu “Bom dia”, nem o seu “abraço matinal”, nem tão pouco um desculpa por tudo que se passou, mas conta-me tudo na versão do seu olho e ouvido.”
- “Quando começaste a falar, pressentia que havia um “mas” nisso tudo, minha Vina... O mundo era um lugar estranho para mim e não pra ela e ela era a tua mãe, ela era tudo que eu tinha, ela era nada que eu pude ter, ela era a mulher a mais linda do mundo superando a minha própria mãe e ela se chamava de Vissolela, ela era a minha prima do segundo grau. Eu não era importante no olhar de ninguém senão um problema para eles resolverem e ela conhecia todos os detalhes de uma vida... A vida é vivida nesses detalhes, Vina, eu os aprendi da maneira a mais desastrosa. Perdi os meus pais muito cedo, eu e ela começamos a namorar secretamente também muito cedo, tínhamos uns onze anos e este namoro secreto tomou um rumo sério quando tínhamos uns treze anos de idade... Para o meu falecido irmão, não valia a pena dar litros de sangue a uma menina que contra as leis todas, não podia casar nem apenas ficar com ela, pois as famílias não iriam permitir isto. Eu e a Vissolela somos primos da linhagem proibida a procriar. O facto que facilitou encobrir o teu pai biológico...”
- “Então, em entendimento, sou um milagre?” A Vilhana questionou-lhe, mas não foi tida nem achada, pois o

senhor contava-lhe delirando e igualmente vendo as imagens do referido conto real no além. Porém, de igual modo continuou ele:

- “...Num desses dias maravilhosos junto do rio, encontrávamo-nos, eu e a tua mãe e, o teu tio Kyene resolveu ir-me buscar no rio...”
- “O tio Kyene tinha uma tarefa mandada pelo avô.” Adicionou ao conto real a Vilhana, sem querer ser um desmancha-prazeres, o senhor Ntoka concordou:
- “...Avô Ngunza, topado. Então, teve acidente com a sua bicicleta e igualmente teve uma morte lenta.”
- “...E, se culpou e logo veio para Luanda...” Disse-lhe novamente a Vilhana, logo fez-se um intervalo por causa dum ruído agudo feito no corredor, mas, numa fracção de segundos ele naturalmente respondia a anterior objecta da Vilhana:
- “...Sim, já não havia mais nada lá pra mim. Os meus pais mortos, se calhar por negligência minha, o irmão morto, por negligência totalmente minha. Assim sendo, tive que passar das palavras aos actos. A tua avó Vilhana estava a casar a Vissolela, a tua mãe com um rapaz cuja família vinha da província de Cabinda. Um ano depois de estar em Luanda completamente sozinho, a tua mãe seguiu-me e me informou ter recusado casar com o tal rapaz mukongo... Quatro anos, eu e tua mãe vivemos o nosso amor aqui... neste rancho. Um dia desse, ela resolve enviar uma secreta carta à sua irmã preferida, uma que guardaria o segredo do seu paradeiro.”
- “A tia Wanda!” Acrescentou a Vilhana que se endireitava na tal cama e diz ele:
- “Essa mesma, mas, acontece que esta andava nervosa comigo por ter morto o amor da sua vida...”
- “Não! Isto não pode ser...”



- “Mas, está a poder. A Wanda e o meu falecido irmão Kyene estavam a uma semana namorando antes da sua morte...”
- “Orgia familiar, você namorando a irmã mais velha e o tio Kyene namorando a irmã menor!”
- “Quem podia saber. Depois daquela carta, a briga familiar teve o seu dia “um”, lá na província, a tua avó Vilhana já tinha casado a Vissolela com o rapaz mukongo, o Maziku, o actual teu pai. Eu e a tua mãe lutamos contra todos, mas ela chorou por esse amor quando a sua avó, a tua bisavó morreu de tensão baixa... ou alta, já não me lembro. A partir daquela morte, a minha Vissolela decidiu ir ao lar do dote que a família tinha recebido há quatro anos e a sua irmã menor, a Wanda aceitou ficar e criar a “filha” do nosso amor como se fosse dela, após o seu divórcio amargo... E, essa filha... eras “tu”, Vilhana Cizola Muxima Mbande. Esta filha lhe lembrava a cara do amor da sua vida e eu não estava apto para ficar contigo, estava, sem sombra de dúvida nos rastos da morte... por sorte não morri, mas nem com isso tive garras ou forças para ir buscar-te e criar-te como minha “filha”... Chorei durante uma semana, quando voltei a ver-te na casa da Wanda, porque me chamaste de “tio” conforme me chamaste nestes últimos dois anos... juntos... Um tio pode ser um pai, mas um pai nunca pode ser um tio... Ainda choro por isso.”

O senhor Ntoka lagrimejava e tanto, contava sem sequer vendo a filha “Vilhana” se ainda continuava sentada ou já estava de pé. Contudo, ela estava a chorar muito mais tempo do que ele. A tia-mãe contara-lhe todas as suas histórias, mas na terceira pessoa e ao longo da sua vida, fez birras e piadas delas. Enquanto ela abraçava-o como o seu pai pela primeira vez também pensava alto: “Você sempre foi uma parte de mim, ela, a minha tia-mãe garantiu-me isto. Eu sempre senti a sua força, todas as vezes em

que eu mais precisar. Porém, nada me fez esquecer os seus toques, os seus beijos, os seus abraços e as suas chapadas. Bem como sei sempre que chamar alguém de pai era para você.”

- “Eu não venderia o rancho Mbande se casasse com o Ojo, Vina.” O senhor Ntoka transmitia e a Vilhana pensava vendo o seu fim: ““Terás o que te der...” Ela me instruiu.” Posteriormente respondia-lhe agarrada ainda aquele abraço terno:
- “O amor dele não me afectou a alma, papá. Vezes há que pressentia que ele me amaria por seu rancho portar o meu nome do que amar-me por o que sou, realmente.”

O dia seguinte não trouxe absolutamente nada de novo para menina Vilhana que se levantava da sua cama de rosas. “Porquê o amor, porquê?” Pensava a Vilhana, enquanto ia à dispensa pegar os papéis higiénicos. Na trajetória foi importunada pela Narcisa que mal ela parou cumprimentou-lhe dando-lhe a mão destra, assim só ela recebia o seu recado:

- “A Vanessa ligou informando que amanhã vem pegar-te para o seu chá de panelas.”
- “Informei-lhe não tornar a ligar para aqui, pois não?” Reclamou a Vilhana após ter ouvido aquilo, em segundos avançava para o seu destino inicial, posteriormente ultrapassara a Narcisa que lhe disse emotivamente pelas costas:
- “Uma vez boa amiga, sempre “amiga”, não importando o tamanho da briga, Vilhana...”

Se calhar, o termo “boa amiga” estivesse no seu envolvimento mental, mas a menina Vilhana relaxara com aquilo. “Tu nunca disseste “adeus”, Vick. Entretanto, o amor desta amizade não iluminou o céu da minha perdição... Tu, Vick não podes ser a tradução do amor, não, mas...” Pensou a Vilhana depois de ter virado e respondido calmamente a Narcisa diante dela:

- “Amanhã será o dia 3. O mesmo dia em que os compradores viram ao rancho, sorte minha não poderei estar presente vendo-os a matar... a minha “Rainha no céu”...”
- “Nem todos os males terminam em maldades...”

A venda do rancho Mbande salvava a Vilhana de sofrer o segundo maior desgosto amoroso, uma vez que esta perca do rancho, apenas o senhor Ntoka e a Vilhana é que tinham que abandonar o rancho, já que não eram, de jeito nenhum detectores de um contracto de trabalho no referido rancho. Assim sendo, feliz ou infelizmente o Ojo e a Narcisa ficariam só... com o seu amor, distante dos olhos da Vilhana que mais uma vez estava só, a solteirona maior. Outrossim, no dia depois daquele.

- “Já sei de tudo, mamã.”

A Vilhana afirmou a tal frase à senhora Vissolela que se encontrava no solo sórdido do rancho Mbande após aproximadamente vinte e dois anos. Em contramão, esta conversa era a segunda da senhora pois já acabava de travar uma suavemente com o senhor Ntoka enquanto a Vilhana cavalgava sozinha no campo aberto pela última vez no rancho vendido. A propósito, a senhora Vissolela sabiamente e calmamente contestou-lhe:

- “Sempre soube que, de alguma forma sabias disso. Sempre puxei-te pertinho de mim e tu, sempre fugiste de mim. Todos os natais, todos os anos novos e as férias tuas escolares, sempre foste às casas das tuas tias e tios lá passar. Enquanto...”

Perdidamente a senhora Vissolela parara a fala terna, dado que esteve preste a verter as lágrimas que a filha nunca vira a mãe derramar por ela, na vida. Caiu as chuvas, fez-se o sol, a filha sofreu na mão do pai Maziku, por contra a senhora Vissolela apenas fez o papel de telespectadora. O terrível silêncio fez as

duas mulheres ouvirem os seus profundos pensamentos de uma pela outra. Nesse sentido, a senhora começara a expressar precisamente os seus tidos:

- “...És o fruto do meu único e incondicionado amor... o fruto do único homem que realmente amei.”
- “Sempre me senti uma decepção debaixo do teu olhar, mãe.” Disse-lhe em resposta a Vilhana, só depois em que pensou: “Sempre fui uma “outsider” na tua bela vida”. Tristemente a senhora olhou para a janela da casa pela qual estaria o senhor Ntoka olhando igualmente para elas abaixo e, com isso disse à Vilhana:
- “Tentei olhar-te com o desprezo, no intuito de poder amar o teu pai, mas fracassei. Tentei tratar-te mal para fazer valer o meu não-amor ao Maziku. Tentei há anos ser-te rude, ser-te uma madrasta. O amor do teu pai biológico sempre foi mais forte do que eu, bastava olhar nos teus olhos... bastava-me olhar o teu sorriso. Preciso de ti, avozinha...”

Sem a música no coração, a Vilhana recuou um passo e meio sem tirar o olhar quase perfeito à senhora Vissolela, a sua mãe. Com o coração espiro, a Vilhana abanou a sua cabeça pejorativamente recusando o conforto do amor da sua mãe, preferindo estar onde estava, por uma razão alheia. Sem a guitarra da melodia do coração nas mãos, a Vilhana cantarolou o canto sumptuoso ao pulcro ouvido da senhora Vissolela:

- “O tio Ntoka está indo embora para um lugar bem distante daqui. De igual forma, eu arrendarei uma casa num bairro bem distante de vocês... a mãe e o pai Maziku, por tudo. O tio me fez a transferência de toda a sua herança.”

Veementemente, a Vilhana deixou a senhora Vissolela plantada de pé na entrada da casa principal do rancho para o campo do referido rancho. “Antes do dia zero, deixa-me despedir-me de

tudo e de todos. Especialmente do meu “Pé do pano”...” Pensou a Vilhana assim que ia-se embora onde estava com a sua mãe. Mal entrara no campo, vira os dois pombos em perdiz em uma pereira, o Ojo e a Narcisa em beijos, logo então diz-lhes ela, do modo ciumento:

- “Arrumai um quarto, por favor!”

Depois da despedida de tudo que movia e mexia no rancho Mbande, o sol ardeu. O brilho desse sol implantou a pura tristeza no rosto. Depois da morte e da vida, a terceira coisa a mais difícil é, sem sombra de dúvida “adeus”, ora bem é este momento de “adeus” em que a Vilhana estava tendo até aparecer-lhe no rancho a Vanessa. Depois de tê-la vista, a Vilhana alegremente disse-lhe, com tom de reinar:

- “Isto doce é de quantos meses?”
- “És a peça que falta no meu chá de panelas, Vila.” A Vanessa, de tom arrependido informou aquilo à Vilhana que voltando ao tom, perguntou-lhe:
- “No mínimo me diz, de quem é?”
- “Me deixaste a namorar alguém. Este alguém, afinal das contas fazia filhos... veja-me, engravidada...” A Vanessa, de tom arrogante respondeu-lhe com a mão canhota no ventre.

De calças *jeans* se encontrava vestida a Vilhana, enquanto a outra de vestido apropriado a mulheres gestantes. Postas fora do rancho, a Vilhana não reconheceu o carro, mas se lembrou que a sua ex-amiga Vanessa não fazia absolutamente nada sem a mão do seu irmão, o Nketyah, em razão disso, ela parara de andar, pois os seus próximos dois passos, lhe colocariam no interior daquele belo novo carro de marca “Accent”. Então questionou-lhe ela sarcasticamente:

- “Sabes que não posso encontrar-me com o teu irmão nem com as suas namoradas?”

- “Chá de panelas, não envolve o meu irmão, ele é macho, por amor de Deus, Vila.” A Vanessa, de tom menos agradável esclareceu a Vilhana que, de jeito nenhum entrava naquele carro. Nos momentos a seguir, ela reclamou contra a Vanessa e, outrossim entrava finalmente no interior daquele carro “Accent”:
- “Continuas a me chamar de “Vila” enquanto, tu me chamavas de “Ana”...”
- “...As namoradas dele nunca foram minhas amigas... depois de ti, eu e ele nos afastamos muito... ele ou eu, um de nós nos lembra “você”, Vilhana.”
- “Chá de panelas, então!”

O chá de panelas não era, decerto um lugar, mas uma actividade que podia passar em qualquer lugar. A mente da Vilhana desconfiava que este lugar era o bairro Rocha Pinto onde ela não suportava as paisagens devido ao namoro tido com o Nketyah, porém por resqúicio do amor por Vanessa estava de olhos fechados indo ao inferno passar o dia inteiro. Sorte dela o Nketyah estava fora da equação, acontece o que acontecer.

- “Petrangol... para o teu chá de panelas, Vick?”
- “Sei que vais viver aqui, vais gostar e os teus futuros filhos também...”

A Vanessa disse-lhe respondendo a sua inquietação do lugar distante de tudo que ela e a amiga conheciam. De outro lado, a Vilhana apenas viu os lábios da amiga se mexer, quantos aos sons produzidos, ela não entendera, de jeito nenhum. Quando ia trás em busca da confirmação, a Vanessa entrou naquele grande quintal, portanto, sem querer ela também entrara, mas levara uns segundos a mais para entrar. Então, em razão disso encontrara a outra de pé no quintal aguardando por ela.

- “Onde estarão outras meninas para este chá, Vick?” Perguntou-lhe a Vilhana perdidamente no além do saber, de imediato a Vanessa, de tom suave respondeu:
- “Tu és o chá de panelas, Vila... Só um homem te chamou de “Vila”... A minha gravidez não tem um dono. Eu e o Luyeye nos separamos na mesma semana em que me abandonaste...”
- “Como é que não percebi, a menina calma estava tão agitada ao telefone.” Exaltou ao ar livre a Vilhana, seguidamente a outra contava-lhe sem as mentiras:
- “...Me engravidei numa festa cujo aniversariante me é desconhecido, com um rapaz que me é desconhecido, numa cama que me é desconhecida. Mas, te darei este filho para tu cuidares, de bom grado, em substituição do teu perdido há anos, se aceitares os meus termos...”
- “Só uma louca pensaria desta forma. Não sabes como é perder um filho, Vanessa... Se não é chá... de panelas... o que estou aqui a fazer?”

Pergunta da Vilhana foi respondida com um olhar directamente a um animal que há muito fazia ruídos atrás das costas da Vilhana, pese embora que ela não dava os seus belos ouvidos ao mesmo. Nesse caso, ela também seguiu o olhar da sua amiga justamente ao animal. Naturalmente a Vilhana se virou para o tal animal, logo de forma inconsciente dera três passos deixando a Vanessa atrás. Estes passos vinham com palavras alegres por parte dela:

- “Vick, que cavalo bebé lindíssimo!”
- “É tua oferta... Vila...”

Uma terceira voz no quintal soou, logo a Vilhana virou ao lateral esquerdo onde vinha a tal voz, pese embora era uma bem conhecida e inconfundível, porém ela tinha que ter a certeza disso. Quando finalmente viu o dono daquela voz, ela ignorou-o, passando o seu olhar a Vanessa, a sua amiga que estava a ser uma traidora do que uma mera amiga. Tudo em silêncio, apenas os

olhares partilhados com a visão do fogo e ódio, então exclamou a Vilhana, com as mágoas da paixão no peito:

- “Juraste-me que o Nketyah não estaria aqui, Vick.”
- “Jurei-te que ele não estaria no chá de penelas, mas estamos no solo ermo e estéril da sua nova residência...”  
Respondeu-lhe a Vanessa olhando directamente para o Nketyah de sorriso rasgado. Logo então chateada a Vilhana pergunta-lhe:
  - “O que pensas que estás a fazer, menina?”
  - “...O meu irmão já namorou três meninas que amaram-no muito e tu és apenas a quarta que vejo, mas ele não amou as três excepto tu, Vilhana. Eu não apresentei nenhum das três a ele excepto tu, Vilhana. As três foram apenas namoradas e não passavam disso, excepto tu, Vilhana. A razão pela qual te apresentei ao meu irmão. Até hoje tu o tens na palma da mão... mesmo na separação e, quando ele namorava as outras meninas, tu te mantiveste firme sem ideias vingativas...”
  - “Vilhana Cizola Muxima Mbande, queres casar-te comigo? Quê este anel comece as nossas vidas a um amor sem fim sem derrotas, apenas glórias e compaixão...”

A Vilhana, certamente ouvia as baboseiras da Vanessa enquanto o Nketyah encontrado ao seu lateral direito se metia de joelho, ou melhor do joelho esquerdo no chão e com uma bela caixinha aberta contendo um deslumbrado anel do noivado. As palavras enfeitiçadas do Nketyah viraram ela para ele e com a água na boca. Sobretudo a Vanessa interrompeu estrategicamente o raciocínio letal da Vilhana com a pergunta seguinte:

- “Qual é o nome que darás ao teu bicho preferido?”
- “Aceito casar-me contigo com uma mera condição... se por aventura, tu me mandares acabar ou nos divorciarmos, tu aceitarás este anel de volta e a aliança, mas me deixarás o meu cavalo... Nketyah Pedro Mvuvi... levas tudo



excepto... o cavalo...” Afirmou a Vilhana ao Nketyah que saltou de alegria excessivamente, de alegria partilhada, o Nketyah deu-lhe as luzes verdes para nomear o bicho:

- “Já estás em condições de dar-lhe o nome que sempre tiveste...”
- “Ele chamar-se-á o “Além de véu da morte”...”

Outrossim, o melhor dos melhores beijo que o meu pai teve, o beijo pelo qual ele não viria esquecer apesar de ter beijado vezes sem conta a minha mãe e apesar ter beijado inúmeras outras mulheres a vida toda antes da minha mãe. Além de mais, o meu pai continuou segurando a mão destra da minha mãe, a mão onde acabava de colocar o anel do noivado. Sendo que ele acarinhava a tal mão e também se aproximava dela quando perto de um ao outro estavam, a mão destra do meu pai segurava o pescoço juntamente com a bochecha esquerda da minha mãe. Portanto em frente da minha tia Vanessa se beijaram gradualmente.

Para todos os efeitos, eu que, vos narro a história, sou o Ngoma, o terceiro filho do senhor Nketyah e da senhora Vilhana, sou tetracampeão na Copa do Mundo e nos Jogos Mundiais de Hipismo e tenho duas medalhas de ouro conquistadas pela nossa equipe de Hipismo nas Olimpíadas com a linhagem do cavalo “Além de véu da morte”. Aliás, sou o terceiro filho dos quatro filhos geridos pelos Nketyah e Vilhana. As duas primeiras são meninas, logo isto me coloca na posição de primeiro filho, macho.

## *Malongui Paulo Pedro*

A VONTADE DE RECUPERAR OS 4 (QUATRO ) ANOS PERDIDOS NA SUA VIDA ERA A ORDEM DA VIDA DA VILHANA . OS 4 (QUATRO ) ANOS ESTES QUE NEM ELA SABIA EXPLICAR COMO PERDEU -OS OU , NO MÍNIMO O PORQUÊ DA PERCA . A EFECTIVAÇÃO DESTA VONTADE DEU A VILHANA INICIALMENTE A PAIXÃO DE NÃO TER NENHUM NAMORADO NA VIDA , BEM COMO A FORÇA DE SE CONCENTRAR NA SUA VIDA ACADÉMICA E NA ALTA DO CANTO (GRUPO CORAL DAS SEGUNDAS VOZES ). TUDO ISTO VAI À ÁGUA ABAIXO QUANDO O NKETYAH , O IRMÃO DA VANESSA ENTRA NA SUA VIDA ATRAVÉS DA PRÓPRIA VANESSA QUE ERA , SOBRETUDO A AMIGA DA VILHANA . DE SEGUIDA , TUDO ELA FAZ PARA FECHAR AS PORTAS AO NKETYAH , PORÉM A VILHANA VAI LUTAR CONTRA OS SEUS 3 (TRÊS ) GRANDES PAIXÕES . IRÁ ELA CONSEGUIR VENCER ESTES 3 (TRÊS ) PAIXÕES ?